

Somnium



EDIÇÃO 130 | OUTUBRO 2026

O DESAFIO DAS IAS - CONTOS DE

ADAM MATTOS | ANA ROSENROT

CARLOS SILVA | CESAR ALCÁZAR

DANIELA FUNEZ | DAVID MACHADO

GIAN DANTON | JOÃO VENTURA

KATIA ANDRADE | LU EVANS

LUIZ BRAS | OCTAVIO ARAGÃO

RICARDO LABUTO GONDIM

RINATSU EBATA

ROMY SCHINZARE

RUBENS ANGELO

URSULLA MACKENZIE

ARTIGOS DE

EDGAR SMANIOTTO

EDUARDO TORRES



Quem somos

SOMNIUM 130 | OUTUBRO 2026

O fanzine Somnium é uma publicação do CLFC – Clube de Leitores de Ficção Científica – uma entidade sem fins lucrativos, criada em 1985 por entusiastas da ficção científica em todo o Brasil com o objetivo de divulgar o gênero tanto na literatura quanto no cinema, e também em outros meios de comunicação. O CLFC também é responsável pelo “Argos”, prêmio anual concedido desde o ano 2000 à melhor produção no gênero fantástico (ficção científica, horror e fantasia), inédita em português, mesmo sendo publicada em outros países lusofônicos. Você pode acompanhar tudo sobre o CLFC, além de se filiar gratuitamente ao clube, em nosso site:

www.clfc.com.br



EXPEDIENTE

EDITOR CHEFE: Rubens Angelo. **EDITORES ASSISTENTES:** Gerson Lodi-Ribeiro, Eduardo Torres, Sidemar Vicente de Castro e Luiz Felipe Vasques. **PROJETO GRÁFICO:** Jairo Rodrigues.

DIAGRAMAÇÃO: Rubens Angelo. **COLABORADORES:** Dario Machado, Erick Rezende, Guilherme Xavier, João Gomes, Michael Wevanne, Nana Calimeris, Sílvio César e Valter Cardoso.

CLFC DIRETORIA 2025/2027 - Chapa Argonautas

PRESIDENTE: Sidemar Vicente de Castro. **SECRETÁRIO:** Luiz Felipe Vasques Fernandes Guedes.

TESOUREIRA: Bruna Caroline dos Santos.

WEBMASTER: Fábio San Juan. **REPRESENTANTE REGIONAL:** Gerson Lodi-Ribeiro (RJ).

Apresentação

SOMNIUM 130 | OUTUBRO 2026

O boletim Somnium surgiu de um sonho, o sonho de unir entusiastas da ficção científica em torno de um projeto criativo onde a nova comunidade do CLFC pudesse se ver, pudesse se expressar. Somnium é um fanzine com artes e literatura, mas sobretudo um lugar para reforçar as conexões e as amizades — pois as razões que nos unem sempre são mais numerosas que as que nos afastam. Gosto de lembrar essa obviedade porque às vezes esquecemos que todas as artes (a literatura inclusa) exigem conexão, a relação entre as pessoas. Por isso, o fanzine Somnium surgiu de amizades e continua sendo feito sobre o mesmo ali-cerce: amizade.

Possivelmente, esta edição do Somnium seja a maior prova de como a conexão entre as pessoas importa... e importa muito! Em tempos em que se anuncia a substituição de artistas e escritores por bots, reunir 17 autores em torno de um mesmo projeto artístico é um baita alento. É muito bom ter amigos... e amigos talentosos! Eles aceitaram prontamente o meu chamamento para participar do “Desafio das IAs”, uma espécie de manifesto em defesa da literatura feita por humanos.

É O QUE É O “DESAFIO DAS IAS”?

É um jogo literário único, em que o leitor é convidado a ler 30 minicontos fantásticos e terá que adivinhar se a história que acaba de



CAPA

Jéssica Barbosa

ler é ou não escrita por um ser humano. Ou seja, entre as 30 histórias nós temos 17 feitas por humanos, enquanto 13 foram criadas por IAs como ChatGPT, Claude e Deepseek. E a tarefa de adivinhar se um texto é ou não de origem humana é bem mais difícil do que você pensa...

A proposta do “Desafio das IAs” nasceu em 2023, momento em que o chatGPT havia se tornado uma febre no Brasil (e no mundo!). Essa ferramenta de IA era mesmo revolucionária e prometia a criação de resumos de textos, avaliações críticas, traduções... e até mesmo a elaboração de textos literários inéditos, instantaneamente! Com tantas

APRESENTAÇÃO

peças usando e comentando, eu me vi obrigado a também conferir o ChatGPT. Fiz diversas experiências com a IA, mas foi a criação literária pelo robô que me chamou mais atenção. Como escritor e também editor do fanzine Somnium, fiquei alarmado com a facilidade com que o ChatGPT conseguia criar argumentos, sinopses e contos, tudo com um português impecável! Mas será que as IAs podem mesmo escrever melhor que nós humanos? Ainda não temos uma resposta definitiva para isso, mas precisamos nos lembrar que a literatura (e as Artes em geral) se fundamenta em sentimentos e expressões humanas, algo que nos conecta às outras pessoas... Então estamos falando de humanos que desejam se conectar com outros humanos. E foi acreditando na importância das conexões humanas que esta edição do Somnium foi concebida.

O QUE OFERECEMOS NESTA EDIÇÃO:

O “Desafio das IAs” reuniu uma turma boa de autores e autoras para provar que um

bom texto criado por mãos humanas toca nossos corações de um jeito especial. Temos muitos talentos por aqui: Adam Mattos, Ana Rosenrot, Carlos Silva, Cesar Alcázar, Daniela Funez, David Machado, Gian Danton, João Ventura, Katia Andrade, Lu Evans, Luiz Bras, Octavio Aragão, Ricardo Labuto Gondim, Rinatsu Ebata, Romy Schinzare, Ursulla Mackenzie... e um nem tão talentoso, Rubens Angelo (eu).

No artigo “O alvorecer da arte robótica...”, eu ofereço uma análise bem humorada do apocalipse que está por vir...

Temos ainda uma excelente resenha do Edgar Smaniotto sobre a trilogia da Devir com “Os Melhores Contos Brasileiros de Ficção Científica”.

Já Eduardo Torres, explora as muitas camadas do clássico da ficção científica Solaris, de Stanislaw Lem.

Trazemos também os finalistas no prêmio Argos de 2026.

Boa leitura!

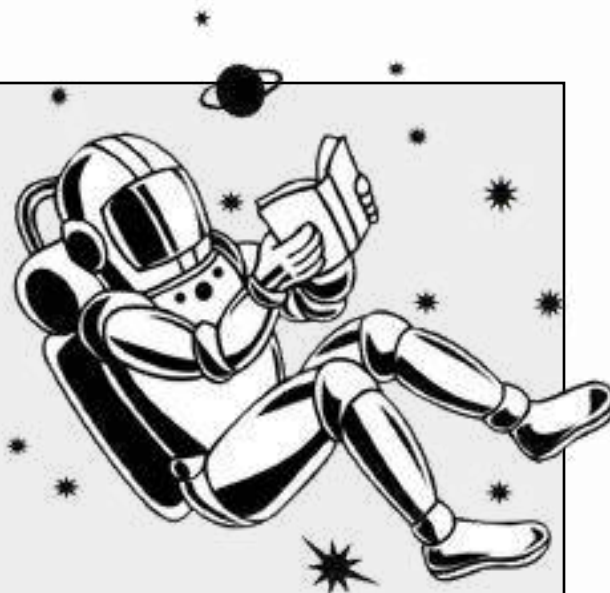
Rubens Angelo, Editor

UMA TRADIÇÃO COM MAIS DE DUAS DÉCADAS

O Prêmio Argos de Literatura Fantástica é a mais importante premiação dedicada ao gênero fantástico no Brasil, englobando fantasia, ficção científica e horror. A premiação anual, que se iniciou no ano 2000, elege as melhores obras do ano anterior em 3 categorias - conto, antologia/coletânea e romance - e é promovida pelo Clube de Leitores de Ficção Científica (CLFC), entidade que tornou-se a mais importante difusora do gênero fantástico no país.

COMO SÃO ELEITOS OS PREMIADOS?

A votação anual para o prêmio Argos acontece em dois turnos. Na primeira etapa, votam apenas membros inscritos no CLFC e as obras mais votadas irão compor a “lista de finalistas”. Na segunda etapa, aberta ao público geral, os mais votados entre os finalistas são declarados como vencedores.



Índice

Ilustração: Jéssica Barbosa



- INTRODUÇÃO 06** A Vingança dos Robôs
- CONTOS 10** “O DESAFIO DAS IAs”
- ARTIGO 72** “O alvorecer da arte robótica...”,
por Rubens Angelo
- ARTE 78** Artista em destaque: a força de Jeska Barbosa,
por Rubens Angelo
- RESENHA 80** O melhor da ficção científica brasileira,
por Edgar Smaniotto
- ARTIGO 94** “Solaris: O livro e os filmes”,
por Eduardo Torres
- ARGOS 104** Finalistas do Prêmio Argos 2026

INTRODUÇÃO



As *Meninas Super Poderosas* serão substituídas?

A Vingança dos Robôs

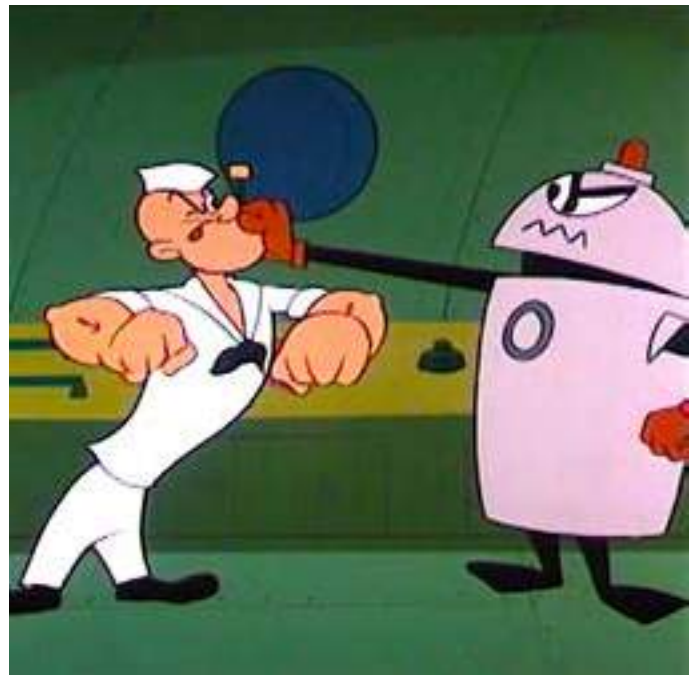
por RUBENS ANGELO

Nas páginas das revistas *pulp* de ficção científica, sempre proliferaram histórias sobre robôs que ameaçam a humanidade, fossem insensíveis robôs-soldados feitos para usurpar a liberdade da nação, fossem poderosos autômatos criados para assaltar bancos inexpugnáveis ou até mesmo insidiosos andróides se fazendo passar por homens para “roubar” donzelas de heróis traídos e vingativos. Mas o perigo em torno dos “robôs usurpadores” está deixando de ser um clichê da cultura *pop* para se tornar uma paranoia bem real — e até justificada.

A Caixa de Pandora da Inteligência Artificial foi a responsável por dar vida a esse mito ameaçador, com um novo tipo de robô que realmente pode “roubar” muitas coisas dos humanos: tal robô sequer tem um corpo físico e atende pelo inocente nome de ChatGPT (“Chat” de *chatbot*, e “GPT”, que significa *Generative Pre-trained Transformer*). Trata-se, basicamente, de uma inteligência artificial que imita a linguagem humana. Como a ferramenta é capaz de dar respostas coerentes e detalhadas, muitas pessoas começaram a explorar esse recurso, usando



O **Gato Felix** está em perigo?



O **Popeye** vai perder uma briga?

no trabalho, na escola e até para criar literatura! Lançado no final de 2022, o ChatGPT tornou-se um sucesso mundial e conquistou mais de 100 milhões de usuários em apenas dois meses de funcionamento. Em segundos, o chatGPT é capaz de responder perguntas de estudantes, criar resumos de livros, roteiros de cinema, produzir artigos jornalísticos e até compor músicas! Isso obviamente significa que muitos de nossos empregos podem estar sob ameaça, contudo, é razoável dizer que nem tudo está



A revista sci-fi norte-americana Clarkesworld está sob ataque das IAs

perdido e que o apocalipse da “Skynet” que vimos no filme “O exterminador do futuro” não começou (ainda).

A famosa revista sci-fi norte-americana *Clarkesworld* já teve inúmeras histórias sobre Inteligências Artificiais malignas publicadas em suas páginas, mas com o lançamento do ChatGPT ela foi, de fato, atacada por maldosos robôs do mundo real. No início de 2023, a revista foi tão bombardeada de contos escritos por IAs, que foi obrigada a fechar temporariamente suas portas para



O *Pica Pau* vai ser depenado?

novas submissões. Para se ter uma ideia da crise, antes de outubro de 2022 (antes do ChatGPT ser lançado), a revista tinha que banir, por mês, uma média de 25 pessoas por envios de textos plagiados ou gerados por IA. Em dezembro de 2022, o número subiu para 50. Em janeiro de 2023, mais do que dobrou, foi para 120. Mas em fevereiro de 2023, o número de banimentos saltou para mais de 500! A intensidade do “ataque dos escritores robôs” se deve, em grande parte, pelo fato da revista pagar os autores pelos textos publicados — situação que atiçou a cobiça de pessoas mal intencionadas, que usaram as IAs para ganhar um dinheiro fácil.

O editor da *Clarkesworld Magazine*, Neil Clarke, fez o anúncio radical no X (antigo Twitter) em 20 de fevereiro de 2023: “As inscrições estão encerradas. Não deve ser

difícil adivinhar o porquê”. A frustração do editor é justificável, uma vez que a tecnologia das IAs escritoras avançou a um ponto que torna difícil detectar se o texto foi ou não feito por um ser humano. O próprio Neil Clark admitiu que nenhuma das ferramentas de detecção é confiável o suficiente para fazer a filtragem. Em outras palavras, temos uma guerra sem vencedores, com IAs escritoras tentando enganar IAs detetoras, numa corrida em que as tecnologias avançam sem qualquer freio ético. Embora rejeitar e banir as submissões de robôs escritores seja possível, o uso das IAs está crescendo a uma taxa vertiginosa, o que exigirá novas abordagens dos profissionais envolvidos com literatura. Algumas revistas estão tentando se adaptar ao problema e uma das soluções, por exemplo, foi limitar as janelas de envio, oferecendo convites



O **Perna Longa** não é o mais esperto?



O **Tom** não vai mais caçar o **Jerry**?

para submissão de textos apenas a autores “conhecidos”. Outra solução encontrada foi exigir que o remetente forneça informações de contato mais pessoais e identificáveis para combater o plágio da IA. São tentativas válidas de enfrentamento, mas estão longe de resolver o problema desses “robôs escritores” cada vez mais espertos.

Na posição de editor, me parece particularmente importante que a publicação se aproxime mais de seus autores, reforçando as relações de confiança para assegurar uma colaboração mais ética e, por fim, mais humana. As tecnologias das IAs vieram para ficar e iremos precisar muito delas, mesmo que seja apenas para detectar os “robôs escritores”. Demonizar o ChatGPT (e tantos outros que surgiram com ele), no meu ponto de vista, é um erro que nos impede de enxergar um panorama maior, porque

também é bom lembrar que, em última instância, as tecnologias são apenas extensões dos desejos humanos. Talvez essa provocação toda seja uma oportunidade, uma chance para lembrarmos o que nos une em torno da literatura, algo que nada tem a ver com palavras escritas corretamente, mas sim com o sentimento de conexão — conexão com outros seres humanos. E o desafio dos minicontos desta edição é uma prova do valor das conexões, amizades, afinidades e respeito mútuo. Todos os autores que vocês vão ler neste desafio foram convidados a participar. E enviaram generosamente seus contos porque eu sou um amigo e um ser humano, não um robô. Fizeram isso porque acreditam em mim, na revista *Somnium* e em todos os leitores que gostam de literatura; literatura de verdade, feita por humanos, para humanos. | ■

ESPECIAL

O DESAFIO DAS IAs

VOCÊ É CAPAZ DE DESCOBRIR QUAIS DOS MINICONTOS A SEGUIR FORAM FEITOS POR HUMANOS E QUAIS FORAM CRIADOS POR INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL? LEIA ESSAS HISTÓRIAS FANTÁSTICAS E DESAFIE SUA INTUIÇÃO (A RESPOSTA VIRÁ SÓ NO FINAL!)*



Ilustrações: Rubens Angelo

CONTO

01

A hipótese de Einstein

O chão se despedaça sobre mim, engolindo a estrutura de metal em meio ao caos escarlate. O céu negro tomado por raios anuncia a minha morte. O mundo está acabando à minha volta e não há nenhum humano por perto.

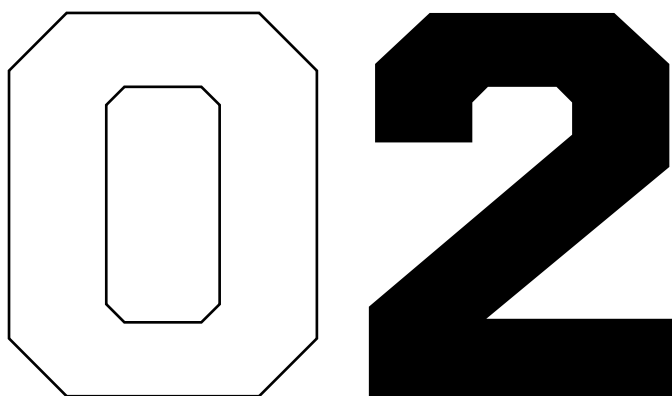
Era uma experiência simples. Um salto no tempo. Todos nós atravessamos o tempo, diariamente, indo em direção ao futuro. Mas estamos praticamente parados. Eu ia pular no tempo usando a velocidade. Para mim teriam se passado apenas alguns segundos. Lá fora seriam 15 minutos. Era a hipótese



de Einstein. Mas Einstein nunca sonhou com isso. Para mim foi pouco mais que um piscar de olhos. Lá fora se passaram 15 mil anos. Para quem olhasse de fora a nave pareceria quase parada, pois estava na verdade se movendo no tempo.

Nesse intervalo um cataclismo parece ter acabado com toda a vida na terra e em breve eu, o último homem, também irei morrer. Fui o homem que mais viveu na história da humanidade... e, no entanto, a minha vida foi muito curta. | **FIM**

CONTO



A loira do banheiro

Era uma tarde chuvosa e fria em uma escola abandonada no meio da cidade. Um grupo de adolescentes curiosos resolveu entrar no local para investigar lendas urbanas assustadoras, quando de repente, ouviram um barulho estranho vindo do banheiro feminino.

Os jovens sentiram um frio na espinha e tentaram se acalmar, lembrando-se de uma lenda urbana que corria pela cidade: a lenda da loira do banheiro. Dizia-se que, em certos lugares, uma garota loira assombrava os banheiros, atacando quem se atrevia a entrar.

Eles tentaram ignorar o som, mas a curiosidade falou mais alto e um deles resolveu

ir até o banheiro para verificar o que estava acontecendo. Ele abriu a porta lentamente e viu uma garota de cabelos loiros compridos, encostada na pia.

A garota estava coberta de sangue, e seus olhos estavam fixos no espelho. Quando ela percebeu a presença do jovem, ela se virou lentamente, revelando um rosto desfigurado e um olhar que inspirava terror.

Os outros jovens ouviram os gritos de horror e correram para o banheiro, encontrando o jovem morto no chão. A garota loira havia desaparecido.

Eles tentaram sair da escola, mas todas as portas estavam trancadas. Os corredores escuros pareciam nunca ter fim, e eles



podiam ouvir passos se aproximando cada vez mais. O medo tomou conta deles quando perceberam que estavam presos naquele lugar com a loira do banheiro.

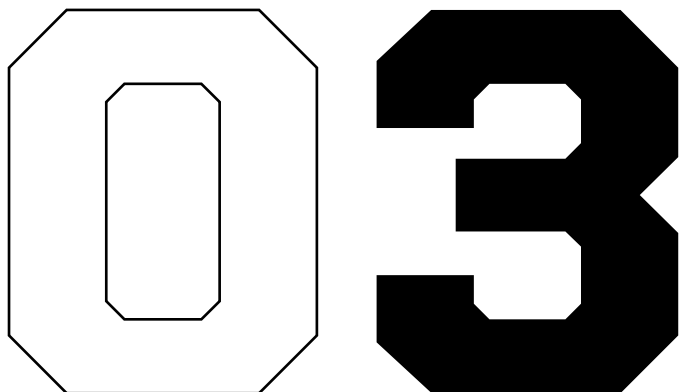
A partir desse momento, eles tiveram que enfrentar diversos desafios para sobreviver. A loira do banheiro os perseguia por todos os lugares, aparecendo repentinamente e tentando matá-los.

Eles se esconderam em salas abandonadas, procurando por uma saída, mas a loira do banheiro parecia sempre estar um passo à frente. Em um determinado momento, eles encontraram uma parede repleta de fotografias de garotas loiras, todas com rostos assustadoramente semelhantes.

Foi quando eles perceberam que a loira do banheiro não era apenas uma lenda urbana, mas sim uma entidade sobrenatural, que se alimentava do medo dos jovens. Eles tiveram que lutar contra suas próprias emoções, para não serem consumidos pelo terror.

No final, apenas alguns dos jovens conseguiram escapar da escola. Eles nunca esqueceram a experiência terrível que tiveram, e passaram a acreditar que a lenda da loira do banheiro era mais do que uma simples história assustadora. Era uma realidade assustadora que sempre estaria presente em suas vidas. | **FIM**

CONTO



Chamada

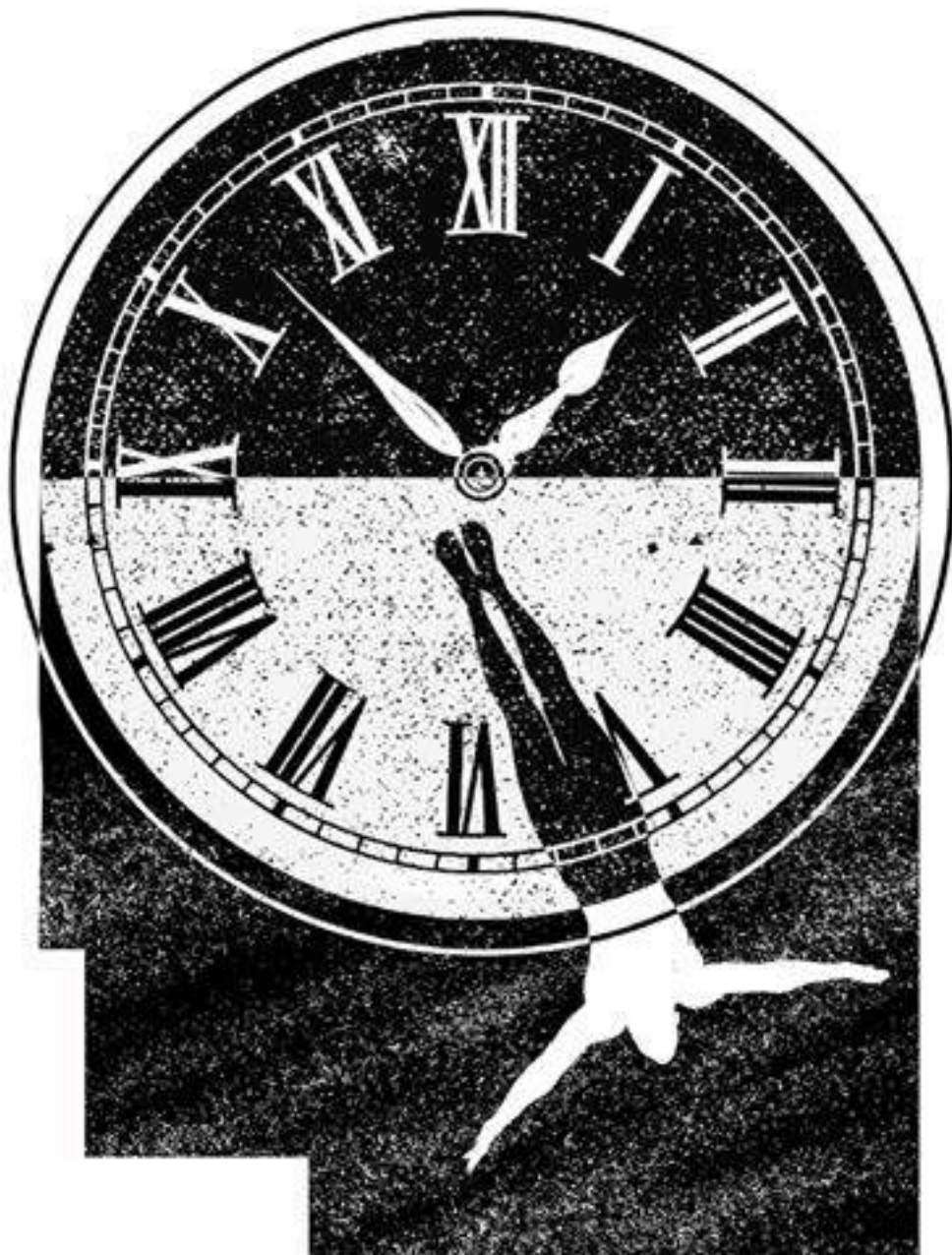
Dhaiago bufou, pousando os punhos fechados nos quadris e analisando a caixa fixada à parede sem fazer a menor ideia do seu funcionamento. Acima de tudo, não entendia como Arna cometera erros tão grosseiros. Não era para Dhaiago ter pousado na água. Fora arrastado para baixo e só não se afogou porque se livrou da mochila, mas ao fazer isso, tudo que lhe pertencia afundou no mar, inclusive seu comunicador.

Os músculos do maxilar se contraíram e sua jugular pulsou num ritmo raivoso. Nada saía como estabelecido. Como Arna poderia ter se enganado tanto? Se Arna não fosse seu amigo desde o tempo da Academia de Operações Especiais, Dhaiago pensaria que fora traição. Tal pensamento não fazia sentido... Só que, no fundo, mesmo contra sua

vontade, havia uma sementinha de desconfiança que ameaçava brotar e crescer sem controle como uma moita espinhosa.

Seria por causa de Vonda? Arna e Vonda tiveram um relacionamento passageiro e, de acordo com ambos, nada sério. O episódio acontecera três anos antes, e Arna não parecia se importar com o romance entre o melhor amigo e a ex-namorada. Talvez apenas fingisse que não se importava. Talvez estivesse apenas esperando o momento certo para jogar Dhaiago em uma armadilha. De novo, tentou expulsar a ideia conspiratória, preferindo acreditar em um erro de cálculo nas coordenadas da trajetória.

Fechando os olhos, respirou pausadamente na expectativa de acalmar os nervos, então voltou à tarefa de decifrar a caixa retangular de aparência pesada com um

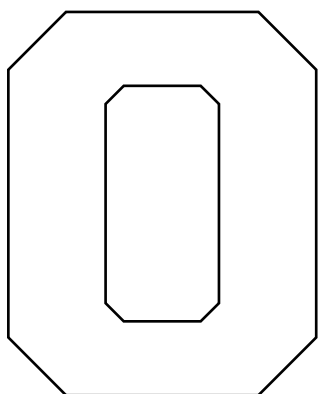


círculo negro no meio. Enfiou o indicador no buraco que correspondia ao número dois e apertou. Nada aconteceu. Havia um apêndice pendurado em um gancho prateado e conectado à coisa por um cabo. Dhaigo segurou o apêndice e, com certa relutância, o tirou do gancho. Escutou um barulho estranho e abafado saindo por uma das extremidades da estranha peça e resolveu colocá-la de volta.

Não tinha para onde ir nem conhecia qualquer um ali, exceto seu avô. Precisava entrar em contato com ele. O telefone público era sua única esperança. Já encontrara o número da família do avô em um

livro amarelo, seguindo a orientação do dono do bar, mas como explicaria que precisava de ajuda para fazer uma simples ligação? E mesmo que conseguisse falar com o avô, como convenceria um jovem de quinze anos, que ele, um homem de trinta e três, era seu neto que viera do futuro? | **FIM**

CONTO



A estranha viagem de Santos Dumont

Era uma tarde ensolarada em Paris quando Santos Dumont recebeu uma carta misteriosa de um tal Étienne Jules Marey, um cientista que nunca havia ouvido falar antes. Na carta, Marey explicou que havia inventado uma máquina do tempo, baseada em suas experiências com a Cronofotografia, e que precisava da ajuda de Dumont para testá-la.

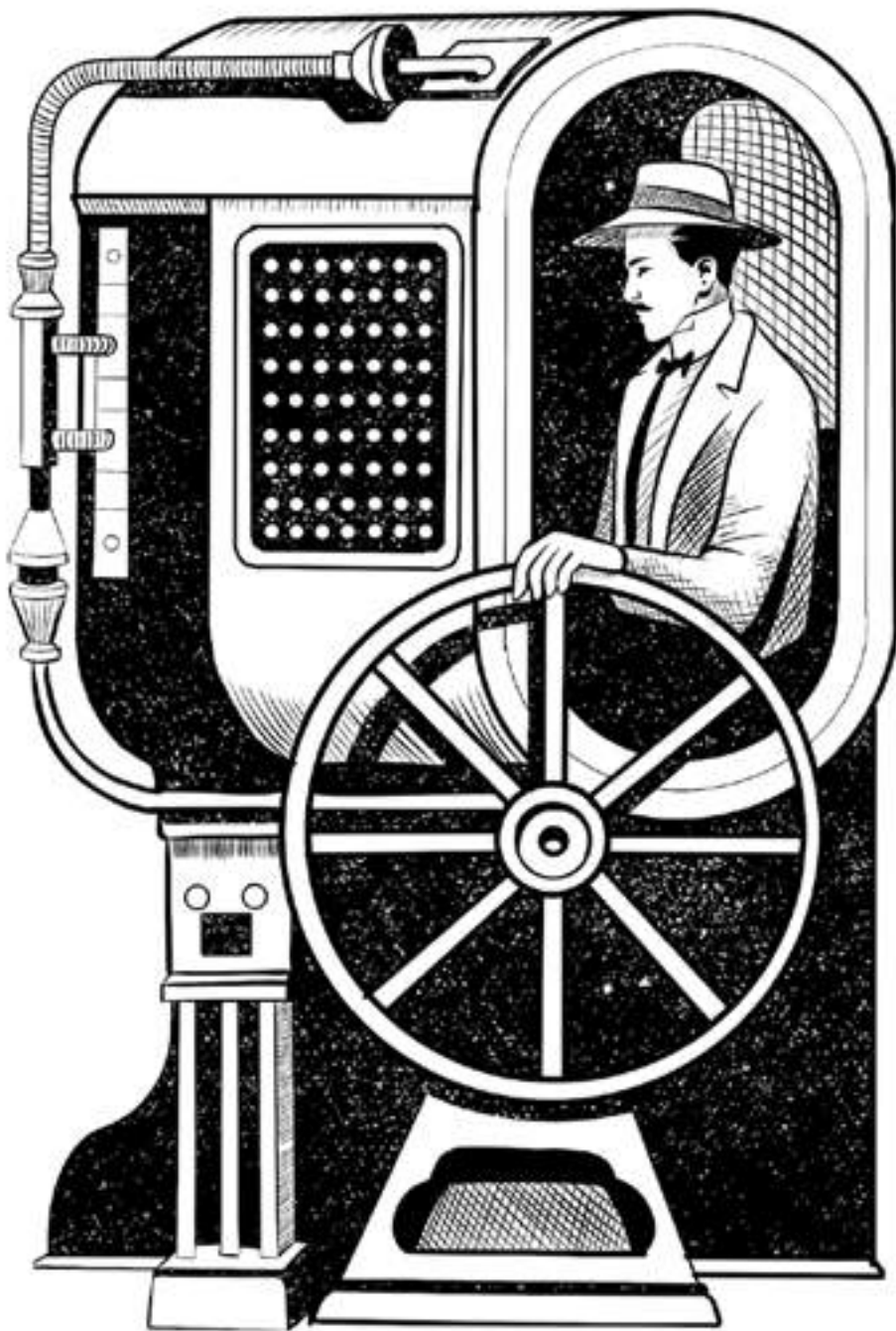
Curioso e intrigado, Dumont aceitou o convite e encontrou Marey em um local secreto nos arredores da cidade. Lá, ele viu a máquina do tempo pela primeira vez: uma estrutura de metal brilhante, repleta de cabos e fios, com um painel de controle complicado.

Marey explicou a Dumont que, embora

ele tenha conseguido construir a máquina, ainda não conseguiu testá-la sozinho, pois precisava de alguém que tivesse coragem suficiente para enfrentar os perigos de viajar no tempo. Dumont, sempre curioso e aventureiro, concordou em ajudá-lo.

Sem mais delongas, Marey pressionou alguns botões no painel de controle e a máquina começou a vibrar intensamente. Uma luz ofuscante inundou a sala, fazendo com que Dumont se sentisse tonto. Quando a luz desapareceu, ele se viu em um lugar completamente diferente.

Ele olhou ao redor e se espantou ao ver que estava em um ambiente completamente diferente: uma floresta densa, repleta de árvores gigantes e plantas exóticas. Ao



longe, ele viu um enorme dinossauro rosnando e se aproximando.

Marey explicou que eles haviam voltado para o passado remoto, quando os dinossauros dominavam a Terra. Dumont ficou maravilhado e apavorado ao mesmo tempo, mas decidiu que era hora de enfrentar o desafio.

Ele pegou uma espada que Marey havia trazido consigo e se preparou para lutar.

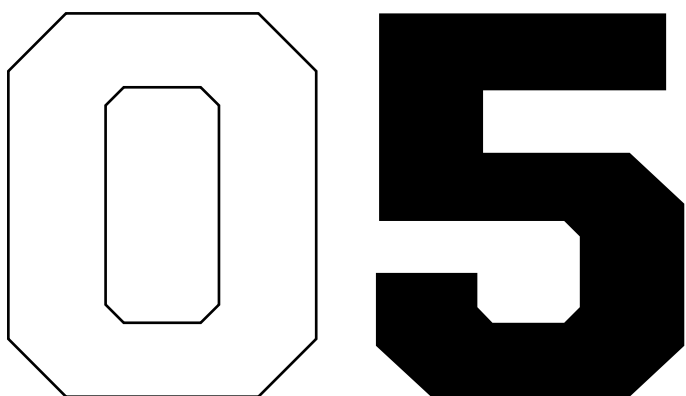
Os dinossauros eram terríveis, mas com a ajuda de Marey, que havia trazido consigo uma câmera cronofotográfica, Dumont conseguiu se esquivar dos ataques e registrar imagens incríveis daqueles seres pré-históricos. Porém, a cada passo dado, a sensação de perigo só aumentava.

Finalmente, depois de algumas horas, eles conseguiram voltar para o presente, exaustos, mas felizes por terem enfrentado os desafios da máquina do tempo juntos.

Dumont voltou para casa com a sensação de que havia descoberto um novo mundo de possibilidades, e passou

anos tentando replicar a experiência. Mas ele nunca conseguiu construir uma máquina do tempo como a de Marey, e o cientista misterioso desapareceu sem deixar rastros. Mesmo assim, Dumont nunca se esqueceu daquela aventura incrível, que permaneceu para sempre em sua memória. | **FIM**

CONTO



O Aprendiz

Havia um jovem aspirante a mago chamado Eron, que sonhava em dominar a arte da magia. Ele estudava com afinco, mas sentia que faltava algo em sua formação. Ele buscava um mestre mais experiente que pudesse lhe ensinar os segredos mais profundos da magia.

Um dia, enquanto caminhava pela floresta, Eron ouviu um chamado que parecia vir de uma clareira próxima. Curioso, ele se aproximou e viu um velho mago realizando uma série de feitiços complexos. Eron ficou admirado com a habilidade do velho mago e decidiu se apresentar.

O velho mago se chamava Alaric e notou o potencial em Eron. Ele concordou em

aceitá-lo como seu aprendiz, mas alertou que a magia não era uma brincadeira e que o caminho seria árduo. Eron concordou e se tornou o aprendiz de Alaric.

Alaric ensinou a Eron tudo o que sabia sobre magia e logo o jovem aprendiz começou a dominar os feitiços mais simples. Mas, apesar de todo o seu esforço, Eron ainda sentia que algo estava faltando. Ele queria saber como Alaric era capaz de executar feitiços tão complexos com tanta facilidade.

Certo dia, Eron decidiu perguntar a Alaric sobre sua habilidade excepcional. Alaric explicou que havia um segredo por trás de seu sucesso: um encantamento que ele havia criado para si mesmo. Esse



encantamento lhe permitia concentrar todo o seu poder e alcançar níveis inimagináveis de magia. Alaric ofereceu-se para ensinar esse encantamento a Eron, mas alertou que era perigoso e que poderia ter consequências imprevisíveis.

Eron aceitou o desafio e começou a aprender o encantamento. Ele se dedicou a ele com afinco, mas quanto mais se aprofundava, mais o encantamento o seduzia. Eron sentiu uma atração poderosa por ele, e em pouco tempo, tornou-se obcecado por alcançar o mesmo nível de poder de Alaric.

Alaric notou a mudança em Eron e tentou alertá-lo sobre os perigos da obsessão pelo encantamento. Mas Eron se recusou a ouvir

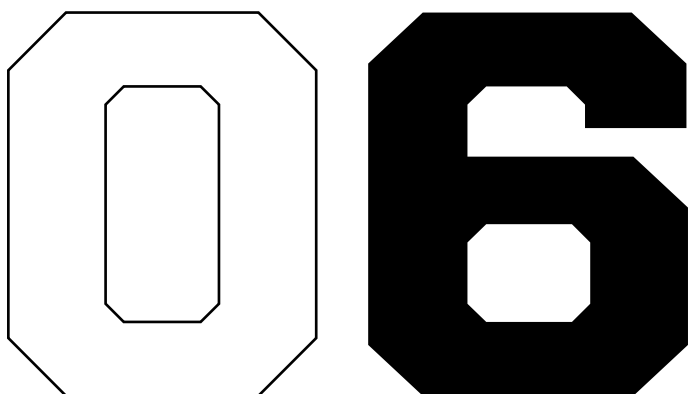
e continuou a praticá-lo incessantemente.

Com o tempo, a magia de Eron tornou-se cada vez mais poderosa, mas também mais instável. Eron começou a ter visões e pesadelos estranhos, que o assombravam dia e noite. Ele tentou ignorá-los, mas logo descobriu que não podia controlá-los.

Um dia, durante um ritual de magia, Eron perdeu o controle de seus poderes e causou uma explosão que destruiu metade da floresta. Alaric tentou ajudá-lo, mas foi tarde demais. Eron havia se perdido em seu encantamento e se tornado uma ameaça para si mesmo e para os outros.

Alaric lamentou profundamente a perda de seu aprendiz. | **FIM**

CONTO



Amor Urbano

O Arquiteto amava a cidade. Ela tinha nascido na sua cabeça; os primeiros esboços tinham surgido no monitor do seu computador; os planos de pormenor foram produzidos no seu atelier, e quando os primeiros edifícios começaram a romper dos alicerces entretanto abertos, o Arquiteto era visita frequente do gigantesco estaleiro onde milhares de operários trabalhavam 24 horas por dia, fazendo nascer a cidade que ele tinha imaginado.

Nos primeiros anos tinha sido um amor correspondido. Quando percorria as longas avenidas arborizadas, quando deambulava pelas praças cheias de sol, quando as pessoas se cruzavam com ele e o cumprimentavam afoitamente, ele sentia-se amado pela cidade.

Mas com o passar dos anos, começou a sentir que esse amor estava a deixar de ser correspondido. A profunda alteração de uma praça para alojar um descomunal hipermercado, o abate das árvores para instalar faixas de rodagem numa avenida outrora pedonal, algumas propostas suas sobre a gestão do espaço urbano rejeitadas no Conselho Municipal, críticas cada vez menos veladas nos meios de informação às suas concepções arquitetônicas e urbanistas...

Até que surgiu a gota que fez transbordar a taça: contra o seu parecer fundamentado, o Conselho Municipal tinha aprovado uma proposta de construção de uma nova urbanização periférica. O autor da proposta era desde há muito seu feroz opositor na



Guilda dos Arquitetos, e a urbanização projetada em estilo neo-moderno iria ser esteticamente revoltante ao lado de uma cidade concebida e construída segundo os cânones do estilo medievo renovado.

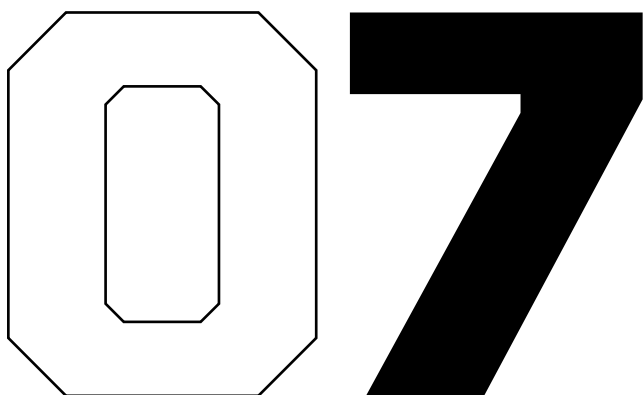
O Arquiteto soube que tinha atingido o ponto de não retorno. A cidade, que tinha sido o amor da sua vida, tinha-o traído. Mas ele iria castigar essa traição.

Conhecia de cor as galerias técnicas que, como um sistema vascular, percorriam o subsolo da cidade, abaixo dos túneis de transporte rápido. Como chefe dos serviços de urbanismo, que ainda era, tinha também acesso ao paiol onde estavam guardados os explosivos de alta potência utilizados

nas grandes obras de construção. Enquanto a nova urbanização ia sendo construída, ele foi pacientemente minando as fundações de todos os edifícios da sua cidade, começando pelos mais importantes, a sede do município, o grande salão de reuniões, a universidade, as escolas, o hospital...

E a meio da inauguração da nova urbanização, uma série de fortes explosões sacudiu a cidade. O colapso dos edifícios levantou uma enorme nuvem de poeira; e quando o pó assentou, sobre os escombros do que antes tinha sido a cidade ouvia-se as gargalhadas do Arquiteto, enlouquecido após assassinar a sua amada... | **FIM**

CONTO



O Alfaiate do Barba Azul

Casamento não é para fracos. O sujeito tem de ler nas entrelinhas. Se comprar aliança, tem de ter uma inscrição metafísica, com data que só faça sentido ao casal. Se comprar roupa para si, que compre outra para ela, de preferência mais cara. E ao sair de casa para um passeio, dê a hora de retorno. Se não estiver preparado para isso, nem pense em casamento.

Resumindo: é A Bela e a Fera ou, pior, Barba Azul. No final, você vive em paz e aceita as regras ou acaba morto pela turba por causa de seus vícios.

Sim, vícios. Você que vive de pornografia na Internet, que sonha acordado com

mulheres que dizem “sim”. Você acredita que todas são injustas por não gostarem de sua aparência e seus hábitos “do jeitinho que você é”, mas só tem olhos para modelos de formas impossíveis. Você deseja e odeia.

Você que só sabe ser assim, não se case.

Você acredita que, se prender uma mulher ela vai acabar se apaixonando, apesar de seus hábitos e seu cheiro. Você está equivocado. Mamãe não gosta de você, pois não respondeu aos anseios da megera. Tenho más notícias, rapaz: mamãe nunca irá aceitá-lo como é.

Mas deixemos de filosofices e preparemos o local de trabalho. Tenho hora marcada com



um cliente: rapaz tímido, herdeiro de uma família que, se não era rica, estava bem de vida, mas ele jamais se deixou seduzir pelas aparências. Sempre pareceu humilde.

A comarca do padre Paulo, a clínica do doutor Dante, a feira da dona Dolores... todos se beneficiam da caridade dessa família. O que era um gesto eventual, um auxílio no mês, virou uma necessidade. Tudo corria bem, até o dia da Visita.

A Visita chegou no ônibus das onze horas. Trazia olhos castanhos, brilhantes, carta de recomendação e pouco mais. Foi à mansão e logo passeava com a senhora, empurrando a cadeira de rodas, conhecendo a

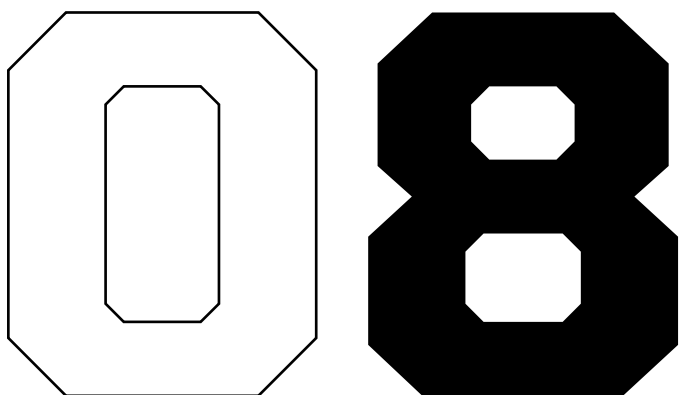
cidade, entrando em nossas vidas. O menino tinha onze anos e estava embevecido com a beleza da Visita.

Fomos conquistados. A Visita nos apresentava com sorrisos, juventude e brejeirice, gargalhada solta, simpatia. Ficamos chocados quando seu corpo amanheceu descarnado. Foi a primeira.

Ninguém irá delatá-lo. A comunidade depende desse pacto.

Pronto: a jaqueta ficou perfeita. Mais uma. Ele guarda todas e não se casa. É um bom sinal. | **FIM**

CONTO



Entre as órbitas vazias

Eu sou um astronauta. E estou sozinho. Há meses, estou orbitando Vênus, preso nesta estação espacial solitária. Não vejo ninguém, não converso com ninguém. É só eu e o silêncio.

No começo, eu achava que conseguiria lidar com isso. Afinal, eu era treinado para ficar sozinho no espaço. Mas agora, a solidão está me consumindo. Todos os dias, eu vejo a mesma paisagem desolada lá embaixo: um planeta verde e hostil que parece estar me olhando de volta.

Às vezes, eu me pego conversando com o computador de bordo, pedindo para ele me contar uma piada ou contar uma história.

Mas eu sei que é apenas um programa, e isso me faz sentir ainda mais sozinho.

Às vezes, eu sonho com minha família e amigos na Terra. Eu imagino o que eles estão fazendo, o que estão pensando, como estão suas vidas. Eu sinto falta deles. Eu sinto falta de qualquer outra pessoa.

Eu tento me distrair com o trabalho. Há muitas coisas a serem feitas na estação espacial: experimentos para serem realizados, equipamentos para serem consertados, rotinas para serem seguidas. Mas, no final, tudo se resume a mim mesmo, isolado nesta pequena bolha de metal, flutuando sozinho no espaço.



Às vezes, eu tento me lembrar do motivo pelo qual estou aqui. Eu sou um explorador, um pioneiro. Estou contribuindo para o avanço da humanidade. Mas, neste momento, tudo o que consigo sentir é a solidão, a falta de conexão com qualquer outra pessoa.

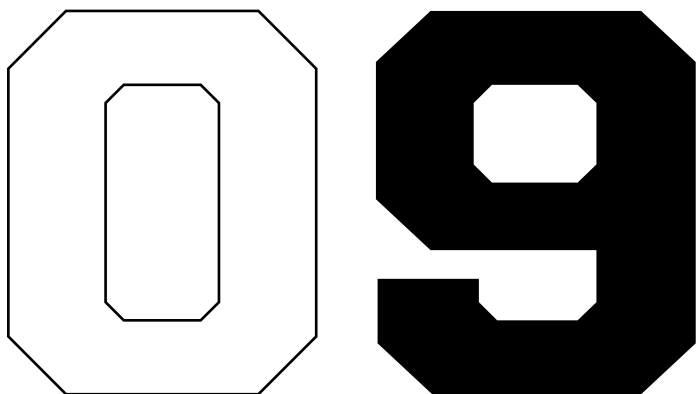
Eu não sei quanto tempo ainda vou ficar aqui. Meses? Anos? Talvez eu nunca mais

volte para casa. A ideia é assustadora. Mas, por enquanto, eu só preciso continuar flutuando, tentando me manter são em meio a essa solidão esmagadora.

Eu sou um astronauta. E estou sozinho.

| **FIM**

CONTO



Schurman, um olhar programado

Suas patas ágeis transitam por copioso tempo entre a humanidade. Passando por muitos lares e lugares nesta terra cominadora. Esse ser que caminha entre os humanos armazenou e coletou dados de todas as possíveis ameaças futuras, ou não. Fora de encontro a muitas vidas, percebendo seus costumes e fortes tendências extremistas. Seres que se apegavam a ele, e outros que o desprezavam. Um ente pensado para estar entre eles naturalmente e sem levantar suspeitas. Seu olhar, felino e analítico, é de poucos amigos. Um disfarce perfeito!

Schurman, observa tudo ao seu redor com distanciamento, nunca fora de encarar qualquer terrestre por muito tempo. Em seu planeta, seus criadores o programaram para enfrentar as ações naturais daquele ambiente inóspito e das mãos humanas. Seu

período recente com a, espécime 14Z221, cujo nome humano era Árica, chegara ao fim; de olhar carinhoso e sorriso afável, de todas as criaturas humanas que observou, essa fora a que mais se sentira distante da zona de perigo. Seu tempo ameno junto a ela findou-se. Era preciso regressar ao seu planeta de origem. Cumprira sua missão!

Seu dispositivo entrara em contagem, encaminhando todos os dados necessários, que passara mais de um século armazenando, enquanto procurava possíveis falhas de algum transmissor agressivo. Pelo telhado de 14Z221, Schurman acessa sua interface e, assim como em um filme, recordou. Ameaças humanas, explosões biológicas e naturais. Sua última visualização fez Schurman congelar a tela, nela um rosto ao qual vira todas as manhãs e todas as noites sorrindo para ele. Árica, tinha um

defeito em seu sistema que Schurman detectou logo. Não podia vê-lo, feito nebulosas, mas sempre soubera quando ele estava por perto. Anos aperfeiçoando, foi uma atualização necessária: odor felino.

14Z221o estranhou de início, afinal Schurman era parte máquina e consciência alienígena, seu corpo mecanizado estava conectado com um corpo físico no planeta Centaury, provido de uma mentalidade muito distante dos terrestres.

Uma voz ressoou, suavemente cálida, lhe dirigindo despedidas antes de se deitar para dormir. Schurman teletransportou de volta para sua base de pesquisa em um



local submerso no triângulo sudeste.

Lá ele se encaminha para um tubo que o leva à sua viagem de volta a Centaury. Em algum tempo, no futuro, irá submergir dos recônditos da terra, máquinas cuja força se direcionará para um novo planeta, que será reconstruído. Do que um dia fora humano, para o além dele. | **FIM**

CONTO

10

Fausto sertanejo

Havia uma pequena vila no sertão nordestino, rodeada por vastas extensões de terra árida e caatinga. Os habitantes viviam há gerações naquela região, mas ultimamente, algo estranho estava acontecendo.

Uma série de desaparecimentos havia começado a ocorrer na vila, e nenhum corpo jamais havia sido encontrado. Alguns diziam que era obra de um lobisomem, enquanto outros acreditavam em um demônio da caatinga. O medo começou a se espalhar como fogo, e ninguém mais se atrevia a sair de casa ao escurecer.

Um dia, um jovem estranho chegou à vila,

dizendo que estava procurando sua irmã, que havia desaparecido. Ninguém na vila o conhecia, mas ele parecia decidido a descobrir o que estava acontecendo.

À noite, o jovem saiu para investigar sozinho, e quando retornou, sua aparência havia mudado drasticamente. Seus olhos estavam sombrios e ele tinha marcas de garras nas mãos. A partir daquele momento, o medo na vila atingiu novos patamares, pois todos sabiam que algo maligno habitava agora entre eles.

Não demorou muito para que outros desaparecimentos comesçassem a ocorrer, e a tensão na vila se tornou insuportável.



Alguns tentaram partir em busca de ajuda, mas nunca mais foram vistos. A vila parecia ter sido abandonada aos poucos, até que restou apenas um homem, parado no meio da praça, olhando fixamente para o jovem

estranho, agora irreconhecível.

E assim, a vila foi engolida pela caatinga, e sua história se tornou apenas mais um mito sombrio do sertão nordestino. | **FIM**

CONTO

11

O Paradoxo de Teseu Neural

A cicatriz na base do crânio de Arthur mal era visível sob a linha do cabelo, mas o biossensor em seu pulso confirmava a conclusão do processo. Ao longo de cinco anos, uma praga neurodegenerativa agressiva tentara devorar sua mente. A medicina reagiu com a única defesa possível: a substituição gradual. Cada lobo, cada córtex, cada aglomerado de massa cinzenta apodrecida foi progressivamente trocado por redes neuromórficas de silício quântico. Hoje pela manhã, o cirurgião retirou o último miligrama de biologia de seu crânio. O navio de Teseu fora inteiramente reconstruído.

Sentado na poltrona de leitura, Arthur observava Helena regar as orquídeas perto da varanda. A luz da tarde desenhava o contorno do rosto da mulher com quem partilhara quatro décadas de existência. Seu

novo cérebro sintético operava com uma eficiência impecável. Sem esforço, ele acessou o diretório de dados que outrora chamara de memória: o dia em que se conheceram sob a chuva, a textura da seda do vestido de noiva, o cheiro de café amargo do primeiro apartamento. A recuperação das informações era em resolução máxima, contínua, livre da névoa que assombra o envelhecimento orgânico.

A promessa do procedimento era a preservação irrestrita do “eu”. As sinapses de silício haviam mapeado e mimetizado cada rota neural original antes de cada extração. A arquitetura do sistema garantia que o homem sentado na poltrona era, inquestionavelmente, Arthur.

No entanto, enquanto observava Helena sorrir para um botão recém-desabrochado,



um vácuo gélido expandiu-se em sua percepção. A lógica de seu processador emitiu o veredito programado: aquela mulher era a sua âncora, a pessoa mais importante do universo. Ele sabia disso como um axioma matemático, um fato arquivado em seu banco de dados central.

Mas o nó na garganta não veio. A arritmia leve no peito, a contração involuntária das pupilas, o calor irracional e urgente que sempre precedia o simples ato de chamá-la pelo nome... tudo isso estava ausente.

O amor, ele percebeu no silêncio cirúrgico da sala de estar, não era apenas um emaranhado de memórias e rotinas comportamentais. Era o caos do carbono. Era a inundação desajeitada de ocitocina e dopamina

em glândulas perecíveis, um desespero celular cego e maravilhoso que a arquitetura perfeita e inorgânica do silício era incapaz de sintetizar.

Arthur analisou a tragédia de sua própria salvação com uma tranquilidade algorítmica aterradora. O silício não sentia dor, não sofria com a perda, apenas registrava os fatos. A doença não o havia apagado, mas a cura extraíra sua humanidade junto com a infecção.

Ele estava imune à morte. Sobreviveria a Helena por séculos, um monumento imortal de dados. Mas o homem que a amava havia morrido aos poucos, fatia por fatia, na mesa de cirurgia, deixando para trás apenas uma máquina que lembrava perfeitamente de como era amar. | **FIM**

CONTO

12

Sem Terra à vista

Naquela noite, o mar revoltado teimava em sacolejar o navio robusto. Acostumados a navegar em águas profundas, os destemidos marinheiros não se importavam em atravessar a tempestade, desde que o Capitão mantivesse o curso para a terra firme.

Após dez dias de navegação, apenas setenta milhas separavam a embarcação do próximo porto. Mas no mar do Norte, as condições extremas do clima eram temidas e sempre associadas com desventuras.

Por isso, a tripulação mais experiente se mantinha em vigília, atenta para qualquer mudança brusca de rota ou contratempo. Como se já não bastasse o mar agitado, a tempestade se tornou ainda mais intensa.

De repente, um sacolejar violento atingiu

a proa. Algo ou alguma coisa enorme parecia prender-se a embarcação. Após inspecionar a proa, o Capitão ordenou que a tripulação sacasse as espadas e confrontasse as garras gigantescas e escamosas que tentava abalroar o navio.

Em desespero, lutando por suas vidas, a tripulação infringia golpes na dantesca criatura que se pendurava a bombordo. Os marinheiros tentavam a todo custo se livrar do incomodo visitante, mas a cada golpe, aquelas garras mortais pareciam agarrar-se ainda com mais força ao alpendre.

A chuva forte e agitação das ondas davam ainda mais vantagem a criatura que se movia com desenvoltura pelo deque molhado. Com os marinheiros exaustos, o Capitão autorizou o uso da pólvora. A medida era extrema,



mas se o navio explodisse, pelo menos iriam morrer derrotando a criatura, fazendo do mar do norte a sua sepultura.

Com urgência, os cinco barris de pólvora a bordo foram levados até o convés. A carga foi preparada e espalhada numa linha tênue. O Capitão seguiu o rastro e com uma tocha nas mãos se jogou sobre as garras escamosas da criatura.

O estampido da explosão pode ser ouvido por milhas. Na manhã seguinte, somente três sobreviventes do naufrágio foram resgatados por um navio mercante. Os marinheiros apavorados pelo horror da experiência, afirmaram que o navio tinha sido afundado e que o Capitão havia perdido a vida derrotando um monstruoso Kraken.

| **FIM**

CONTO

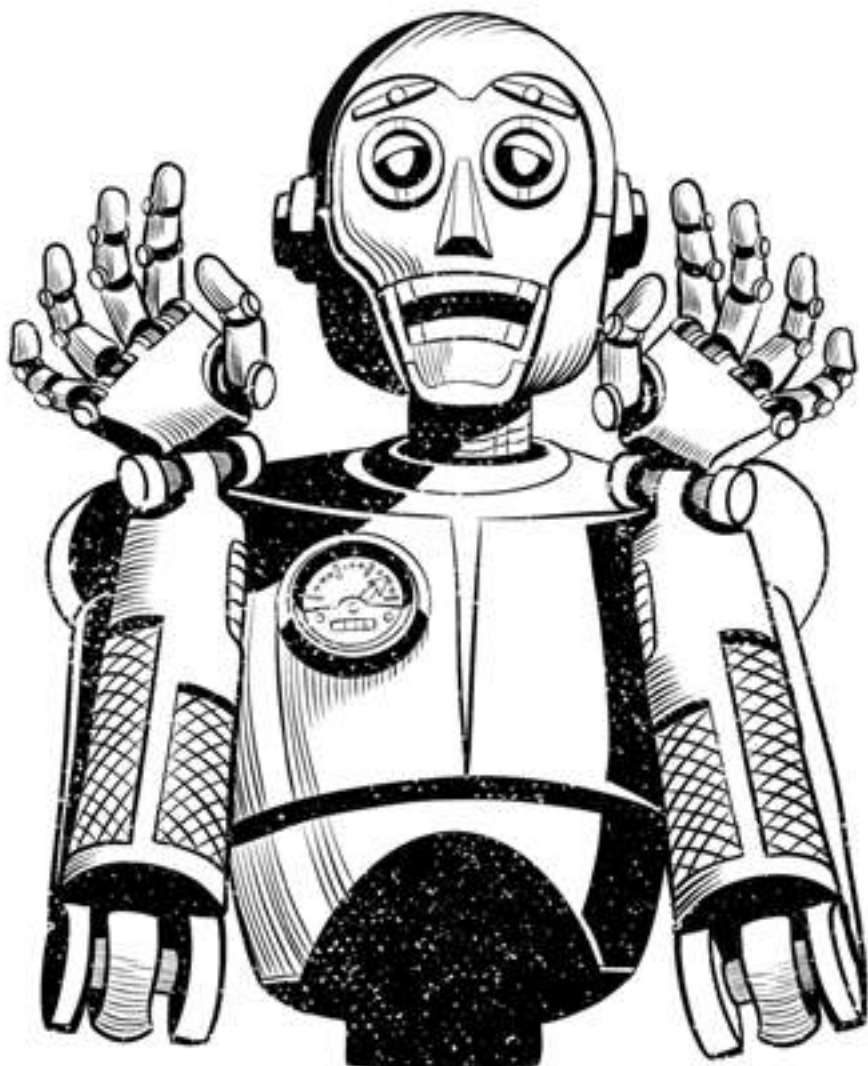
13

Protótipo de crítico teatral brilha em performance involuntária

As notícias sobre a estreia do projeto pessoal do doutor Péricles, membro do setor de tecnologia da Artisticamente, maior revista online de críticas e análises de obras, espetáculos e exposições do país, provocou um pico de estresse em Godofredo, contador-chefe, que deve ter removido algumas horas de sua vida antes do inevitável enfarto. A solução encontrada para diminuir a folha salarial da revista e mantê-la lucrativa, soterrando as notícias negativas pelas demissões com a propaganda da modernização da empresa, é um

grande fracasso.

O robô crítico de teatro, primeiro protótipo de uma série de inteligências artificiais instaladas em máquinas antigamente usadas no atendimento comercial, teve uma pane crítica, trocadilho não intencional, em sua primeira missão de campo. Enviado no lugar de um especialista humano para avaliar a produção mais aguardada da semana, os primeiros registros encaminhados aos servidores foram bastante otimistas: ele conseguia oferecer interpretações interessantes, mesmo que clichês, e pontuações



precisas referentes aos aspectos técnicos e de interpretação da peça, se utilizando para isso de um banco de dados imenso de critérios e padrões elaborados por grandes acadêmicos do tema, que estudaram obras de décadas passadas.

A arte pode ser mensurada, disse Péricles na apresentação de seu trabalho aos chefões da revista e a Godofredo. Existem padrões a serem seguidos, como os clássicos nos mostram.

Mas seu programa entrou em colapso no primeiro contato com algo que desafia

esses conceitos antigos, uma obra autointitulada contemporânea, com uma dose de arrogância envolvida, que poderá agora se aproveitar do defeito da máquina para se promover como tal. Uma atriz da companhia, no decorrer da peça, interagiu diretamente com o robô, solicitando que fizesse parte de uma cena e contribuísse com a construção da apresentação que deveria criticar. Isso gerou um estranho loop em seus códigos e o levou ao chão, em um dramático desmaio tecnológico que fez muitos presentes acreditarem ser parte da dramaturgia.

Quem mais está lucrando com a situação são justa-

mente as concorrentes da Artisticamente, se deleitando com cliques em suas notícias recheadas de patrocinadores e com vídeos exclusivos do momento do colapso. Até críticos teatrais estão analisando a participação da inteligência artificial, elogiando como sua atuação quebra com ideias preconcebidas de envolvimento da plateia em um espetáculo.

O projeto causou sua imediata desatualização. Um desastre para o contador, mas um grande material para futuras pesquisas sobre a arte da performance. | **FIM**

CONTO

14

Estação em Silêncio

A Estação Espacial Internacional (EEI) flutuava solitária e silenciosa no vazio do espaço. Era um lugar de maravilhas científicas e descobertas, mas, naquela noite, a tranquilidade foi quebrada por um mistério sombrio.

Astronauta Alexei Volkov estava a bordo da EEI, conduzindo experimentos rotineiros e mantendo contato regular com a base terrestre. No entanto, uma interrupção inexplicável ocorreu nas comunicações. As transmissões ficaram silenciosas, e o contato com a Terra foi completamente perdido.

Alexei tentou restabelecer a conexão, mas todos os seus esforços foram em vão. A sensação de isolamento e abandono começou a tomar conta dele, enquanto ele vagava pelos corredores escuros da estação, tentando encontrar alguma explicação para a falha nas comunicações.

Enquanto investigava, Alexei notou algo estranho. Câmeras de segurança mostravam imagens de vultos movendo-se rapidamente pelos cantos da estação. Ele não

conseguia identificar o que ou quem eram, mas sentia olhos invisíveis o observando.

O astronauta decidiu realizar uma verificação minuciosa de cada compartimento, procurando por qualquer sinal de falha técnica ou intrusos indesejados. Cada porta que ele abria era acompanhada por uma mistura de ansiedade e expectativa.

Foi durante sua busca que ele se deparou com uma visão aterrorizante. Na sala de controle principal, os monitores exibiam imagens perturbadoras de si mesmo, como se fossem gravações de algum momento passado. Alexei sentiu um arrepio na espinha quando percebeu que o reflexo em seu traje espacial era diferente do seu reflexo real.

Pensando que era apenas uma ilusão, ele piscou várias vezes, esfregou os olhos e olhou novamente para os monitores. Mas o que viu era real. A figura refletida era uma versão sinistra de si mesmo, com um sorriso sardônico no rosto.

O coração de Alexei começou a disparar



enquanto tentava compreender a situação. Ele se sentia como se estivesse preso em um pesadelo inescapável, uma realidade distorcida que se chocava com sua sanidade.

Ele percebeu que tinha que sair dali imediatamente. Correu pelos corredores, sem rumo, procurando uma rota de fuga. Mas, para sua surpresa, todas as portas estavam trancadas. Era como se a própria estação estivesse conspirando para mantê-lo lá dentro.

Enquanto tentava desesperadamente encontrar uma saída, Alexei se deparou com um arquivo de vídeo escondido em um dos computadores. Ele clicou no arquivo e viu

imagens perturbadoras de experimentos secretos realizados pela equipe anterior da estação.

O vídeo revelava um projeto proibido, uma tentativa de criar uma forma de vida artificial que pudesse ser controlada e usada para fins militares. Mas algo deu terrivelmente errado, e a criatura criada começou a se rebelar contra seus criadores.

Ao ver as imagens horripilantes da criatura se contorcendo em agonia, Alexei percebeu que ela ainda estava viva, presa na estação com ele. E agora ela o estava caçando.

O tempo se tornou uma névoa distorcida e desorientadora. Alexei não sabia se estava preso em um pesadelo ou em uma realidade distorcida. Ele lutava para distinguir entre ilusão e verdade, enquanto a criatura se aproximava cada vez mais.

A linha entre o que era real e o que era imaginado se desfez completamente, e Alexei se viu mergulhado em uma espiral de insanidade. O silêncio da estação espacial foi preenchido por gritos desesperados e risadas sinistras.

E assim, a Estação Espacial Internacional permaneceu silenciosa, seu segredo obscuro e perturbador escondido nas profundezas do espaço. O destino de Alexei Volkov permaneceu envolto em mistério, uma vítima do desconhecido, perdido em uma escuridão que nenhum sinal de socorro poderia alcançar. | **FIM**

CONTO

15

O pacote

Atravessei a rua correndo e entrei no prédio. Não havia ninguém na recepção, o que me pareceu estranho, mas não tanto. Como precisava entregar um pacote com urgência na Arachnid Genetics, na sala 157 do 18º andar, e já estava três horas atrasado, dirigi-me ao elevador, que, obviamente, estava quebrado.

Irritado, localizei o acesso às escadas e comecei a subir lentamente. Tudo estava vazio. Ao chegar ao quinto andar, ouvi um barulho estranho atrás de mim e, quando olhei, não acreditei no que estava vendo: uma aranha gigantesca de cerca de três metros se movia rapidamente em minha direção.

Sem pensar duas vezes, comecei a correr pelas escadas, subindo os degraus de dois

em dois. As luzes do prédio começaram a piscar e eu, ofegante e desesperado, apertei o passo, vendo que o monstro, com suas pernas peludas e ágeis, estava cada vez mais próximo.

Meus músculos doíam muito e eu já estava exausto e tremendo quando finalmente alcancei o 18º andar. Empurrei a porta de acesso e caí de joelhos no corredor. Fechei rapidamente a porta, escorando-a com as costas para tentar manter a aranha presa nas escadas o máximo possível. Gritei por socorro, mas ninguém respondeu. O local estava coberto de teias de aranha, mas deserto. Peguei o celular para chamar a polícia, mas não havia sinal.

De repente, o monstro empurrou a porta com uma força descomunal, atirando-me a



metros de distância. Fiquei caído no chão, desorientado e incapaz de me levantar. Estava quase perdendo os sentidos quando vi o ser monstruoso, com seus olhos brilhantes e presas imensas, se aproximando de mim. Paralisado de terror, senti suas pernas tocando meu peito, e eu só torcia para que ele me matasse rápido.

Mas, em vez de me devorar, a aranha pulou, guinchando e correndo, indo se esconder no final do corredor, encolhendo-se no canto da parede. Respirei aliviado e, então, percebi que o que a espantara não tinha sido eu, mas

o pacote que jazia no chão ao meu lado. Talvez ele contivesse algum tipo de repelente ou veneno, e toda essa loucura foi causada pelo meu atraso. Ferido, levantei-me com dificuldade, peguei o pacote por segurança, descí as escadas e, quando finalmente alcancei o saguão, deixei-o no chão, fechei a porta e fui embora.

“Pacote entregue!” — pensei.

Confesso que, até hoje, a simples menção da palavra “aranha” me faz tremer de pavor.

| **FIM**

CONTO

16

Meus funerais

Muitos choraram em meus funerais, eu inclusive, que lembro de pensar no quanto detesto o cheiro, a textura e o sabor das maçãs, que o caminhão estava sobrecarregado de maçãs e, POW!, eis-me invisível entre as expressões de luto. A princípio não entendi por que meios, mágica ou mistério me foi dado comparecer ao meu adeus, nem se por remissão ou castigo, mas, asseguro, em tais circunstâncias é doce e melancólico sentir-se amado, mesmo testemunhando minha ausência e



a indiferença de um e de outro. À primeira pá do coveiro o fenômeno se repetiu, houve outra vez as malditas maçãs, o caminhão e agora a buzina. Houve o susto, o ataúde, a invisibilidade, os transtornados, os pesados e as tristezas falsas. E de novo e de novo e de novo, a cada volta o acréscimo ou a supressão de algum detalhe, até que entendi, sou a personagem de um livro que se compila e reescreve no núcleo metódico de uma máquina, de modo que, em meus funerais, choro a ausência do fim. | **FIM**

CONTO

17

As Luzes de Julho

Julho de 1984. A estação espacial soviética Salyut 7 orbitava silenciosamente a Terra, abrigando dois cosmonautas russos, Nikolai e Yuri. A missão deles era realizar pesquisas científicas e monitorar o cosmos em busca de novos conhecimentos. Entretanto, o que eles encontraram naquela noite mudaria suas vidas para sempre.

Era uma noite como qualquer outra. O vácuo do espaço sideral envolvia a Salyut 7, enquanto os cosmonautas realizavam suas tarefas rotineiras. Mas, de repente, um brilho estranho chamou a atenção deles. Uma luz espectral e hipnótica, diferente de qualquer outra coisa que já haviam visto, surgiu no horizonte. Nikolai e Yuri ficaram atordoados ao presenciar esse espetáculo desconcertante. A luz se deslocava pelo espaço, dançando como flocos de neve em uma brisa suave. A princípio, eles pensaram ser apenas uma ilusão de ótica, um reflexo de alguma atividade humana na Terra, mas a natureza fluida e mutável do fenômeno desmentia essa hipótese.

Enquanto os dias se passavam, as luzes continuavam a aparecer no mesmo período. Nikolai e Yuri registraram meticulosamente os avistamentos e observaram que as luzes tinham um padrão regular, aparecendo todas as noites de julho. Isso não poderia ser obra do acaso. A curiosidade dos cosmonautas rapidamente se transformou em uma obsessão para decifrar o mistério das luzes. Eles passavam horas a fio observando, debatendo teorias e investigando todos os dados disponíveis. Os colegas na Terra estavam igualmente intrigados com a descoberta e estavam ansiosos para entender o que estava acontecendo.

Uma noite, enquanto estavam absortos em seus estudos, uma comunicação incomum e estática os interrompeu. A voz ecoou pelo rádio da estação, mas não era uma transmissão humana. Era algo indescritível, uma cacofonia de sons estranhos e alienígenas que parecia penetrar em suas mentes. Um arrepio percorreu a espinha de ambos, e eles trocaram olhares cheios de



inquietação. Mas, antes que pudessem processar completamente o que estava acontecendo, a comunicação voltou ao normal, como se nada tivesse acontecido.

Na noite seguinte, as luzes apareceram novamente, mas desta vez, elas pareciam ter vida própria. Elas se aproximaram da Salyut 7, rodeando-a como se estivessem curiosas sobre os cosmonautas. Os sistemas da estação começaram a falhar, e uma sensação de medo e admiração tomou conta de Nikolai e Yuri.

Eles tentaram se comunicar com a Terra para relatar o ocorrido, mas todas as

transmissões foram bloqueadas por algum sinal desconhecido. Isolados no espaço, eles se sentiam impotentes e vulneráveis. Enquanto as luzes se dissipavam gradualmente, uma última transmissão desconhecida chegou até eles. Desta vez, porém, as palavras foram claras e inequívocas, embora em uma língua que nunca tinham ouvido antes.

“Somos os guardiões do universo. Vigiamos o fluxo do tempo e das estrelas. Vocês foram escolhidos para testemunhar nossa existência.”

Então, como de repente haviam aparecido, as luzes misteriosas se desvaneceram no cosmos, deixando Nikolai e Yuri atônitos e perplexos.

Quando retornaram à Terra, foram recebidos com ceticismo e incredulidade. Suas experiências foram tratadas como alucinações

devido ao isolamento e à solidão do espaço. Por anos, tentaram provar a veracidade de suas descobertas, mas os registros e dados desapareceram misteriosamente.

Nikolai e Yuri nunca mais foram os mesmos após aquela experiência. Em suas mentes, as luzes de julho ainda brilhavam intensamente, como testemunhas silenciosas de um enigma que jamais seria resolvido. Eles sabiam que, apesar das dúvidas e do silêncio da humanidade, eles haviam sido escolhidos para vislumbrar algo extraordinário e insondável, algo que transcenderia o tempo e o espaço para sempre. | **FIM**

CONTO

18

Erro 400 Bad Request

Buck Rogers dispara sua pistola de raios contra o círculo escuro, mas o círculo escuro escapa para a esquerda. Flash Gordon dispara sua pistola de raios contra o círculo escuro, mas o círculo escuro escapa para a direita. Luke Skywalker tenta dividir com seu sabre de luz o círculo escuro, mas o círculo escuro escapa rapidamente para o teto da sala de segurança. Tenente Starbuck tenta neutralizar o círculo escuro com uma bomba de nêutrons, mas o círculo escuro cresce, continua crescendo, e neutraliza rapidamente a bomba de nêutrons. E o sabre de luz e as pistolas de raios. E a sala de segurança e a astronave inteira. E o sistema solar e a galáxia distante, muito distante. Buck Rogers atravessa o círculo escuro e encontra do



outro lado o senhor Spock. Flash Gordon atravessa o círculo escuro e encontra do outro lado o senhor Spock e Buck Rogers. Luke Skywalker atravessa o círculo escuro e encontra do outro lado o senhor Spock, Buck Rogers e Flash Gordon. Tenente Starbuck atravessa o círculo escuro e encontra do outro lado o senhor Spock, Buck Rogers, Flash Gordon e Luke Skywalker. Todos atravessam novamente o círculo escuro e encontram do outro lado a boneca Barbie espancando o boneco Falcon. Todos atravessam novamente o círculo escuro e encontram do outro lado Jesus Cristo espancando Hitler. Buck Rogers joga no google a frase JESUS CRISTO ESPANCANDO HITLER e todos descobrem, ao som daquela música do filme de Stanley Kubrick composta por Richard Strauss, ou ao som daquela música do filme de George Lucas composta por John Williams, que se trata de mais uma inconfundível bizarro fiction do subversivo escritor carioca Rafael Sperling, “alter ego de Marvin, o androide paranoide, e primeiro presidente da Biblioteca de Alexandria”, segundo a Encyclopedia Britannica e os Manuscritos do Mar Morto. | **FIM**

CONTO

19

A Última Encomenda

O vazio devolvia o olhar, indiferente. As garras de Zil tremiam sobre o painel de controle. Três entregas. Três bolas de fogo silenciosas despedaçando a nebulosa em disputa. Precisão excessiva. Sua carapaça doía com um calor fantasma.

A Agência Postal Galáctica era intocável. O salvo-conduto, assinado pelas Triarquias, garantia a passagem. As inspeções eram superficiais — um simples passar de scanner, uma saudação entediada. No entanto, cada pacote perdido havia detonado exatamente na junção de três fronteiras territoriais. Um padrão. Uma arma.

Ele abriu o quarto pacote. Uma placa de dados, pulsando suavemente. Nenhum explosivo. Mas a frequência correspondia à vibração de seu próprio exoesqueleto. O

horror cristalizou-se. Os inspetores não haviam verificado a carga. Eles o haviam calibrado. As três explosões anteriores correspondiam às taxas metabólicas de diferentes espécies — testes preliminares.

Ele era a constante. O detonador.

O salvo-conduto injetara um catalisador em sua hemolinfa. Inerte, até aquele momento. O ressonador o ativou. Sua própria energia celular inverteu-se, transformando sua carapaça quitinosa em uma lente de foco para uma descarga devastadora de plasma.

O destino piscava no visor: o Centro do Senado Galáctico. Uma cúpula de paz. Eles não queriam que ele entregasse uma bomba. Queriam que ele se tornasse a bomba. As explosões anteriores foram ensaios gerais



para sua própria imolação.

Ele tentou descartar a placa.

Suas garras travaram. Uma luz âmbar vazava de suas articulações. Ele era uma ogiva viva, voando em direção ao centro do poder galáctico.

Então, as runas na placa finalmente foram decodificadas em sua rede neural. A surpresa atravessou seu pânico como uma queimadura. A mensagem não era para seus assassinos. Era para ele. “Sujeito Zil. Ignição verificada. Protocolo de martírio ativado. Sua espécie solicitou este sacrifício para incriminar as Triarquias e mobilizar as colônias periféricas.”

Ele não era um assassino involuntário.

Era o bode expiatório escolhido. As três explosões foram forjadas pelo seu próprio povo para criar suspeitas sobre ele, garantindo que ele abrisse o pacote e acionasse a sequência de autoarmamento. Seu governo o havia sacrificado como uma baixa para vencer uma guerra de propaganda. A entrega final não era um pacote. Era sua própria pira funerária, e ele acabara de acender o fósforo. O Centro do Senado avultou na tela de visualização, e Zil compreendeu a maior piada cósmica: ele havia entregue a vitória de sua própria espécie, embrulhada em sua carcaça em explosão. | **FIM**

CONTO

20

Amanda

Se pelo menos aquela maldita música não estivesse tocando no rádio. O posto de gasolina ficando cada vez mais perto, e aquele refrão nos meus ouvidos: *Amandaaaaa, light of my life, fate should have made you a gentleman's wife*. E eu nem gosto dessa porcaria de country. Sou do interior, mas não sou nenhum caipira. O problema é o seguinte, a minha Amanda também merecia um cara melhor do que eu. Alguém com mais grana e que não fizesse tanta merda. Aí aquela letra me bateu fundo.

Estacionei o carro e pedi pro frentista encher o tanque. Depois, entrei na loja de

conveniências, peguei um maço de cigarro e fiquei olhando a velhinha no caixa. Devia ter uns 100 anos. Sei lá. O sujeito que abastecia o carro não parecia grande coisa, um magrelo com a cara suja de graxa. Quando a velha abriu a caixa-registradora, puxei meu .38 e enfiei na cara dela. Mandeí passar tudo. E, olha, tinha bastante coisa, fiquei surpreso. Dessa vez ia levar a Amanda pra jantar num lugar fino e com vestido novo.

Saí correndo e segurando a grana em uma das mãos, o revólver na outra. Quando vi, tinha uma viatura da polícia abastecendo também. O guarda me olhou e já puxou o trabuco. Só ouvi um “para aí, safado”! Congelei.



Então senti uma cutucada nas costas. Era a senhorinha do caixa com uma espingarda mais velha que ela.

Quando saí da minha audiência, uns meses depois, a Amanda me abanou com a cara toda inchada e molhada de lágrimas.

Coitadinha. Ah, luz da minha vida, o destino devia ter te encontrado coisa melhor, eu sei. Bom, peguei dois anos só, mas dois anos em cana são uma eternidade. O pior de tudo, ela escreveu uma carta dizendo que vai me esperar. | **FIM**

CONTO

21

O Resto da Equação

O feixe de escaneamento quântico desceu sobre o corpo de Elias com a precisão letal de um bisturi de luz. Em microssegundos, cada átomo, cada ponte de hidrogênio, cada sinapse e memória de sua vida inteira foi mapeada, convertida em exabytes de informação e disparada através do vácuo rumo à colônia em Marte. A física era irrefutável. O teorema da não-clonagem quântica exigia que a estrutura original fosse obliterada para que o teletransporte não fosse um mero ato de pirataria cósmica, mas uma transferência perfeita.

Para garantir a integridade do processo, o protocolo de trânsito estipulava um hiato de segurança: meio segundo exato entre a confirmação da recepção dos dados no destino e a ativação dos incineradores de plasma na origem.

Quinhentos milissegundos.

Na tela de controle além do vidro blindado da câmara, o diodo verde piscou. Uma versão idêntica de Elias agora abria os olhos sob a gravidade artificial de Marte. Aquele homem abraçaria sua esposa na plataforma de desembarque e viveria o resto de seus dias com a inabalável certeza de que havia cruzado o sistema solar. A cópia teria a lembrança contínua do feixe de luz descendo, um piscar de olhos e, subitamente, o ar filtrado do novo mundo. A ilusão da continuidade seria absoluta.

Mas na Terra, dentro do cilindro de cromo e espelhos, o peito do verdadeiro Elias subiu e desceu em uma última respiração sobressalente.

Aquele meio segundo esticou-se na percepção de sua mente banhada em



adrenalina. Ele ainda estava ali. Ele sentiu o frio do piso metálico através da sola dos pés. Sentiu uma gota de suor escorrer lentamente por sua têmpora esquerda. O zumbido grave dos capacitores de plasma, acumulando a carga de desintegração, reverberou diretamente em seus molares.

A grande mentira fundadora da era interplanetária desmoronou sobre ele em absoluto e aterrorizante silêncio. A consciência não era um arquivo anexável. O “eu” não surfava em ondas de rádio pelo escuro do espaço. O Elias de Marte era um fantasma de dados recém-nascido, preenchido com memórias herdadas, intimamente convencido de sua própria antiguidade. A continuidade ininterrupta de quarenta anos de alegrias, traumas e identidade nunca havia

saído da cabine na Terra.

Ele era o rascunho biológico. A sobra indesejada. O resto da equação.

Em seus últimos centésimos de segundo de existência, não houve tempo para o pânico, apenas para a solidão abissal de ser a única testemunha de seu próprio descarte. Ele abaixou o olhar para as próprias mãos, observando as linhas das palmas que um estranho perfeito agora exibia a milhões de quilômetros de distância. Uma lágrima formou-se em seu olho, pesada com a compreensão de que o homem em Marte amaria sua esposa com um coração que não era o dele.

Os capacitores atingiram a carga máxima. O brilho superaquecido do plasma derreteu as sombras da cabine antes que a luz apagasse o mundo. | **FIM**

CONTO

22

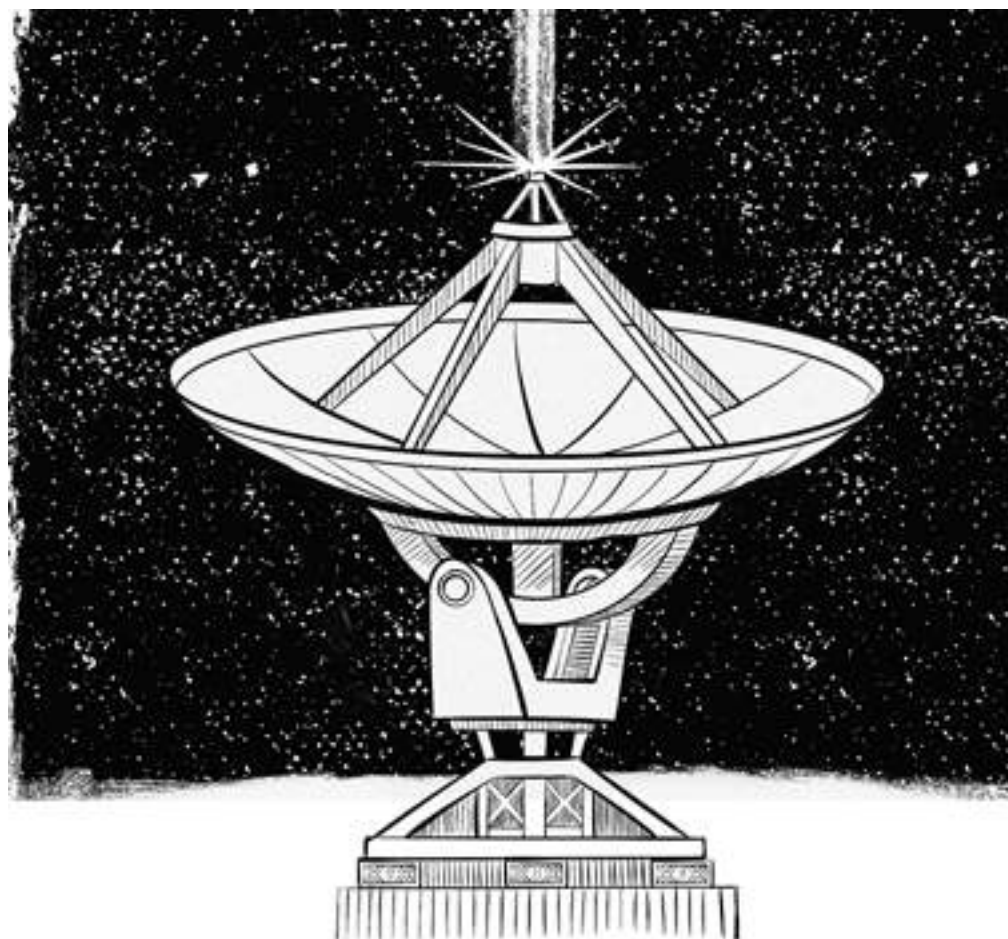


Olhos bem abertos

Ele parou diante da cova que acabara de abrir, olhou para cima e viu o corvo rondando ávido para comer os olhos do cadáver que jazia ao seu lado. Vendo aquele animal negro, lindo e esplendoroso, ficou em dúvida se deixava ou não. Deitou ao lado da mulher de sua vida, colocou o dedo em sua abertura íntima e sentiu seu sêmem recém depositado escorrendo. Pena que não puderam consumir esse ato tão prazeroso quando ela ainda provia de vida, mas ela nunca quis nem conversar a esse respeito, fazer o quê, ele pelo menos desfrutara. Sabia que se parasse de se mover, o corvo desceria para seu banquete, então abriu bem os olhos da sua amada, a colocou com a cabeça recostada em seu peito e rosto virado para cima, e esperou. Foi ficando sonolento, observando o corvo sobrevoá-los

em círculos sempre perfeitos e cada vez mais baixos. Acabou pegando no sono.

Acordou com uma dor excruciante em seu olho, abriu no reflexo e levou mais uma bicada, dessa vez com o bico aberto e sentiu seu glóbulo ocular ser arrancado e engolido pelo corvo. Xingou todos os xingamentos que conhecia enquanto levantava-se e não conseguiu ver o próximo ataque em seu único olho que sobrara. Já sem olhos, foi engatinhando sem rumo, quase perdendo os sentidos de tanta dor quando caiu na cova que havia sido aberta para sua amada, mas que agora seria eternamente dele, pois o belo pássaro se encarregou de levá-lo para o outro lado. Sua amada deitada ao lado da cova de olhos bem abertos, mesmo morta, olhava com satisfação tudo ocorrer. | **FIM**



CONTO

23

Arecibo

“**T**em alguém aí?”, emitia a antena do planeta azul solitário.

O sinal cruza vácuos, gás, poeira cósmica.

Respondida após éons, ela retorna até o

inchado sol vermelho do planeta coberto por desertos de sal, antigos oceanos.

“Estamos aqui!”, ela dizia.

Mas ninguém restou para ouvir a resposta... | **FIM**

CONTO

24

Colapso de Função

O silêncio na Estação de Observação Oort-7 era denso o suficiente para esmagar o espírito de um ser humano, mas o engenheiro mantinha sua atenção fixada apenas no pequeno cilindro de titânio em sua mão. Dentro daquele invólucro hiper-refrigerado, um campo magnético sustentava um único íon de berílio isolado em vácuo perfeito. A bilhões de quilômetros dali, um íon idêntico espelhava sua existência, entrelaçado quanticamente desde o instante de suas criações no laboratório em Genebra.

Ele pressionou o pequeno êmbolo no topo do cilindro. O mecanismo não transmitia dados clássicos — o universo proíbe a violação da causalidade relativística —, mas forçava uma medição de spin. Instantaneamente, a função de onda entrava em colapso. Quando o íon na borda

do sistema solar assumia um spin para cima, a partícula gêmea assumia um spin para baixo. A alteração de estado gerava uma micro-resistência tátil sob o polegar do engenheiro. Um clique magnético. Um pulso imediato, ignorando a tirania da velocidade da luz.

Era o código deles. Um clique longo, dois curtos. Estou pensando em você.

Nos primeiros anos da missão, a resposta de sua esposa costumava vir em minutos. Dois cliques rápidos. Estou aqui. Era um cordão umbilical invisível que rasgava o abismo do espaço profundo, a única força capaz de ancorar sua sanidade enquanto orbitava os confins gelados da heliosfera.

Ele pressionou novamente. Um, dois, três. A resistência magnética empurrou seu polegar de volta com a precisão irrefutável da matemática pura.



Além das espessas janelas de quartzo do módulo, o Sol não passava de uma estrela pálida e anêmica misturada ao pó cósmico. Atrás do engenheiro, os monitores de telemetria de longo alcance exibiam apenas estática fria há exatos duzentos e catorze dias. O cataclismo havia sido rápido, registrado pelos sensores autônomos da estação como uma violenta flutuação na malha gravitacional do sistema solar interno. A Terra havia sido fraturada, reduzida a um anel caótico de rocha magmática e cinzas superaquecidas.

Ele era o último observador vivo do universo.

O engenheiro apertou o cilindro contra o peito, sentindo o metal frio através do tecido do traje. Em algum lugar no meio daquele inferno de destroços planetários, o segundo invólucro de titânio havia resistido. A gaiola magnética blindada, projetada para suportar a reentrada atmosférica, milagrosamente manteve seu vácuo interno, protegendo o solitário íon de berílio da fúria do fim do mundo.

O polegar encontrou o êmbolo mais uma vez. Um clique longo, dois curtos. A contra-força

tátil vibrou contra sua pele, firme e real.

A mecânica quântica era cega. A estrutura fundamental do cosmos não processava o luto, não compreendia a biologia e era completamente alheia à extinção de uma espécie. As equações não sabiam que ela estava morta. E assim, na solidão absoluta do vazio, o engenheiro fechou os olhos, confortado pelo único axioma que lhe restava: em alguma fração atômica e entrelaçada da realidade, ela continuava lá, segurando sua mão através da escuridão. | **FIM**

CONTO

25

Os gatos de Tornes

Na aldeia de Tornes os gatos comem às dezoito horas em ponto. Pouco lhes importa que ao longo dos anos, um a um, os habitantes tenham morrido de velhice ou migrado em busca de uma melhor vida, que as casas tenham passado a ruínas e de ruínas a alojamentos rurais para os turistas que vêm visitar as belas fragas de xisto: às dezoito horas lá estão eles no largo da igreja, miando a exigir que a comida lhes seja servida. Quem mantém o ritual são agora os comerciantes de lembranças e os donos dos cafés que despejam no chão o granulado que compram de propósito no

supermercado a mais de 40 km da aldeia. Os turistas parecem gostar. Brincam com os gatinhos, tiram-lhes fotografias, alguns trazem até comida, sabendo da tradição através dos guias turísticos.

Através dos cortinados rendados, uma velha mulher, a última verdadeira habitante de Tornes, já que lá nasceu e vive, seja época alta ou baixa, observa a hora de refeição dos felinos todos os dias desde a sua meninice. Ela sabe, porque a mãe lhe contou quando era pequena e porque viu vezes e vezes sem conta: gerações após gerações de gatos de Tornes sempre comem às dezoito horas.



Hoje é Inverno, o mais frio de que há memória. A neve cobriu as estradas e o gelo ditou que os acessos à aldeia fossem cortados. Os cafés estão fechados, as lojas de artesanato e lembranças sem ninguém para dispôr as miniaturas de casinhas de xisto que os turistas levam para colar no frigorífico com um íman. O largo da igreja sem os

habituais autocarros recheados de nacionalidades sedentas de conhecer o Portugal profundo.

São quase dezoito horas.

O sino da igreja avariou há mais de dois meses, mas os gatos sabem que horas são.

A velha mulher ouve os miados a aproximarem-se. Os gatos mais novos são os primeiros a chegar, logo atrás se seguem os veteranos. Sentam-se espalhados no largo, pequenas manchas de cor contra a neve branca e fofa.

A mulher fecha as portadas, mas sabe que de pouco serve.

Os miados tornam-se cada vez mais

próximos da casa da velha mulher. O som das garras a raspar contra a madeira.

A velha mulher deita-se na cama com o terço entre as mãos. Reza.

Os gatos de Tornos comem sempre às dezoito horas.

Seja-lhes servida comida ou não. | **FIM**

CONTO

26

Dançando sob as estrelas

Ele vinha todas as noites, com trajes de gala e um sorriso deslumbrante. Dançavam pelo convés e experimentavam a sensação de flutuar entre as estrelas.

Seu toque acolhedor, e, simultaneamente voluptuoso, a fazia delirar. Sentia-se abraçada pelo fogo e consumida pela paz. As ternuras sob a luz de estrelas distantes pontuavam a relação do casal, e toda manhã ele partia com a promessa de retorno.

Ele contava-lhe histórias sobre seus desbravamentos, planejavam o futuro numa das luas de Suhaki, onde construíram um palacete e criariam seus filhos. Ela lhe respondia

a todas as perguntas, por mais complexas e técnicas que fossem; e sempre o eram. Às vezes queria saber sobre como os gases de Xenovi poderiam lhes afetar, outras, queria calcular a pressão do planeta. Sempre buscando solução para que ambos pudessem sair dali. Ela, apaixonada, e ansiosa, trabalhava arduamente em suas questões, e ao amanhecer, antes de partir, ele recebia todos os dados.

Mas naquela noite ele chegou diferente. O traje era uma armadura militar e o semblante também havia mudado. Ela não entendia a situação, mas diante da confissão



de que aquela era uma despedida, sentiu seu coração se partir. Foi ao chão em lágrimas, sem acreditar que estava sendo abandonada; ele poderia ter partido deixando-a apenas ferida, mas decidiu esmagá-la e revelou que ela jamais fora sua amada, pois, era somente uma inteligência artificial.

A confissão bagunçou sua mente, sentiu-se traída, usada, manipulada. Levantou-se expressando sua ira com os punhos, mas

sabia que aquilo não podia feri-lo verdadeiramente. Contudo, havia algo que

poderia ser feito. Sabendo ser apenas linhas de códigos, agarrou-se a ele, que também o era, ao menos naquele ambiente, e então com a mais álgida certeza executou sua vingança.

Para quem lia os códigos, o capitão havia retornado da imersão na simulação, para ele, restava a eternidade solitária enquanto ela partia com seu cérebro sobrescrito. | **FIM**

CONTO

27

A Cicatriz Sináptica

O café passava na máquina automática enquanto uma lágrima escorria pelo rosto de Vicente, absolutamente sem motivo. O gosto salgado atingiu seus lábios antes que sua mente pudesse processar o choro. Ele secou a bochecha com as costas da mão, confuso. Seu pulso exibia a marca da clínica de optogenética: um minúsculo código de barras prateado atestando que o procedimento de ablação mnemônica fora um sucesso perfeito.

A neurociência havia mapeado a topografia da dor. Através da poda sináptica a laser, os engramas microscópicos responsáveis pela memória do acidente de carro haviam sido cirurgicamente desativados. A biologia do trauma fora reescrita com feixes de luz direcionados ao hipocampo, neutralizando as proteínas que sustentavam aquela

lembrança específica. Vicente não sabia quem havia morrido na ferragem retorcida. Não lembrava de ter tido uma filha. Em sua mente consciente, ele era apenas um homem solteiro e tranquilo, com um apartamento impecavelmente organizado e uma rotina previsível. O trauma havia sido deletado do software.

Mas o hardware permanecia inalterado.

Ao abrir a geladeira, sua mão hesitou instintivamente no espaço vazio da prateleira de baixo, tateando um ar frio onde pequenas caixas de suco de maçã deveriam estar. Seu corpo se contraiu em um reflexo condicionado ao passar pelo corredor, como se desviasse de brinquedos espalhados no tapete. A arquitetura física de seu cérebro — as vias dopaminérgicas fortalecidas por sete anos de abraços matinais, o córtex



motor habituado a carregar um peso exato de vinte quilos no colo — não podia ser obliterada por uma simples limpeza de dados.

A ausência em sua mente não era uma lousa em branco; era um molde de gesso perfeitamente esculpido ao redor de um vazio. A neuroplasticidade de longo prazo havia moldado o formato de seu sistema nervoso central para abrigar uma vida que agora não existia em seus registros conscientes.

Ele sofria da pior variação possível da síndrome do membro fantasma.

Vicente escorregou lentamente pela parede da cozinha, sentando-se no piso de cerâmica fria. Ele abraçou os próprios joelhos enquanto o peito era rasgado por soluços violentos e incontrolláveis. A tristeza o afogava com a força esmagadora de um oceano escuro e sem nome.

A tecnologia havia entregue a amnésia prometida, mas revelara

uma limitação cruel e irrefutável de nossa espécie. É perfeitamente possível apagar o conhecimento lógico de uma tragédia, mas é biologicamente impossível ensinar a um corpo organicamente esculpido pelo amor como parar de sangrar por uma parte amputada. Ele choraria todos os dias de sua vida, consumido por um luto gigantesco, pranteando um fantasma que sequer sabia nomear. | **FIM**

CONTO

28

Esfinge Moderna

O prédio na rua em que mora lhe parece triste e estranho. Debruçada na soleira da janela de sua casa, de frente, Júlia observa o edifício de cinquenta andares. Construção toda branca com duas listras laterais amarelas. Caquinhos vermelhos cobrem o piso da guarita até a porta principal, única existente. Nenhum verde ameniza a rigidez da estrutura porque os moradores não gostam da sujeira com folhas, sementes, gravetos ou frutos caídos pelo chão.

A calçada em frente ao prédio é pensada para evitar a presença de cachorros que passeiam ao entardecer: Sem plantas, gramados ou troncos convidativos aos focinhos curiosos. Havia uma velha árvore ali, mas

solicitaram à Prefeitura a sua extração por ter cupins. Corre à boca miúda que o real motivo são seus frutos vermelhos sangue, que mancham o calçamento.

Numa manhã, o prédio acorda com um sorriso de esperança que chama a atenção da moça. Faixas de isolamento são instaladas. São cinco meses de martelos, britadeiras, poeira e materiais acumulados na calçada. Passado esse período, sua fachada se cobre de cinza e ele ganha um nome, fixado sob a guarita com letras douradas. Para Júlia, tudo de muito mau gosto. Entretanto, nasce uma pequena área de convivência! Três tímidos bancos de madeira com pernas pretas e uma pequena mesa ao centro. Júlia divaga



sobre a possibilidade dos moradores se reunirem ali para falar de amenidades.

Um pequeno veículo chega carregando flores. Colocam dois vasos de uma folhagem amarela, próximos às listras amarelas, mantidas do projeto original. Júlia acompanha cada uma das mudanças no prédio, até o momento em que a obra é finalizada e os moradores comemoram com uma tímida festa, privada.

Quanto mais a jovem olha para o prédio, mais se sente por ele observada. O cinza, as faixas laterais, a área de convivência com

a c e n t o s
nunca ocupa-
dos e os vasos, arau-
tos de outra era.

Passados uns quinze dias, Júlia desperta com rumores estranhos na madrugada. Abre a janela e espia os arredores. O som melodioso vem da torre daquele edifício. Aguça a audição, com a impressão de que eles são inteligíveis. É quando outros prédios se unem àquele e o que parece ser um lamento, se avoluma e se espalha por todo o bairro. Júlia pode ouvir claramente o que dizem.

“Decifra-me ou te devoro.”

| **FIM**

CONTO

29

O Alinhamento Perfeito

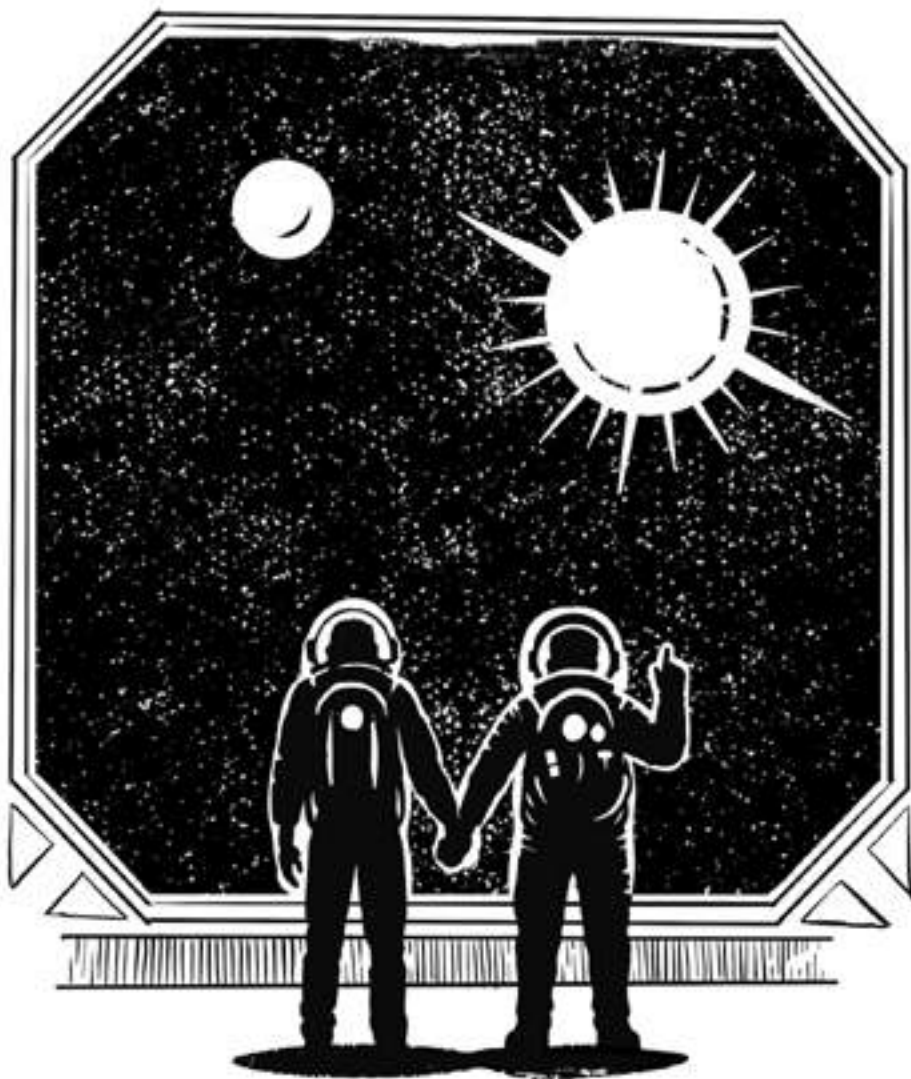
Bento inseriu a última sequência de parâmetros no painel de navegação da Estação Orbital Pégaso. Os pequenos propulsores de atitude dispararam no vácuo, alterando a inclinação do habitat em cirúrgicos três graus. No visor holográfico, alertas algorítmicos piscaram em vermelho, avisando sobre o gasto desnecessário de propelente. A matemática do voo espacial exigia máxima eficiência, mas Bento sobrepôs os avisos manuais da inteligência artificial com um sorriso no canto da boca. Para o que ele planejava, a astrodinâmica não poderia ser apenas exata; precisava ser poética.

Ele revisou os cálculos da dispersão de Rayleigh uma última vez. A estação orbitava um sistema estelar binário implacável, iluminado por uma radiação intensa e de uma tonalidade invariavelmente azulada e

fria. Há trinta anos, desde que deixaram o Sistema Solar para gerenciar aquela zona de mineração, seu marido, Samuel, carregava uma saudade silenciosa das tardes douradas, preguiçosas e quentes da Terra. O espaço era deslumbrante, mas carecia do aconchego do fim de tarde.

O plano de Bento era um triunfo de mecânica celeste aplicada ao afeto. Ele havia monitorado a trajetória de uma colossal e efêmera nuvem de poeira de silicato, ejetada por um cometa distante, que cruzaria o periélio da estrela anã exatamente hoje. Ao inclinar a estação milimetricamente, ele forçaria a luz estelar a atravessar a poeira no ângulo exato de refração atmosférica.

Caminhando pelos corredores circulares, Bento chegou ao deque de observação. Samuel o esperava sentado diante da grande janela de quartzo, com os olhos



fechados e o rosto banhado pelo costumeiro e gélido azul sideral. Bento parou ao seu lado, segurou sua mão calejada e olhou para o cronômetro em seu pulso.

A física entrou em ação.

A estrela menor alinhou-se perfeitamente com a nebulosa de detritos. Em escala astronômica, a nuvem atuou como uma atmosfera temporária. As partículas filtraram instantaneamente as frequências curtas de luz. Subitamente, a escuridão do espaço cedeu.

O deque foi inundado por um mar espesso de fótons alaranjados e amarelos.

Uma luz incrivelmente quente, vibrante e dourada atingiu o rosto de Samuel, que abriu os olhos em choque. A temperatura de cor emulava com perfeição microscópica um pôr do sol no equador terrestre.

O verdadeiro truque, no entanto, revelou-se no chão. Bento havia alterado a polarização focal das janelas da estação, fazendo com que a luz dourada projetasse sobre o deque sombras complexas e alongadas. As sombras não eram aleatórias; formavam a silhueta exata e nostálgica das folhas de uma

mangueira balançando ao vento, idêntica à árvore do quintal onde haviam se casado meio século antes.

Samuel apertou a mão de Bento, os olhos brilhando com lágrimas de uma alegria efervescente. A astrofísica de ponta, as órbitas planetárias e as matrizes de cálculo complexo haviam sido domadas não para colonizar galáxias, mas para contrabandear o sol da Terra através do abismo cósmico e entregá-lo como um presente de aniversário. Naquela tarde espacial, o universo inteiro conspirou para fazê-los sorrir. | **FIM**

CONTO

30

Homem versus Máquina

John Henry a estrada de ferro fazia. Das seis às seis, prendia os trilhos para o trem que viria, para o futuro que chegaria. E ele martelava os cravos com um só golpe de seus braços fortes. Assentar trilhos exigia trabalho árduo, no sol, na chuva, no vento, não era um lugar de gente estudada, só os pobres e os escuros faziam o caminho de ferro; homens negros como John Henry, que trabalhavam para o sonho da ferrovia, o sonho dos homens brancos da *C&O Railroad*. E era assim.

Então na *Big Bend Mountain* eles chegaram, mas os trilhos não pararam. E os homens a pedra cavaram. *Tum, Tum, Tum*, os pinos de aço furavam a montanha com as marteladas, e nenhuma martelada soava mais alto que a do martelo de seis quilos do John Henry. E nenhum homem era mais alto que ele. E era assim.

Mas os sonhadores da ferrovia não gostavam de descansar. A montanha mais rápido queriam atravessar, então arrumaram uma

máquina para perfurar.

Quando o monstro de metal chegou, o povo todo se espantou. O capitão deu a ordem e a máquina ligou. *Tum, Tum, Tum, Tum, Tum, Tum*, todos ouviram a perfuradora furiosa, a bufar vapor e a fatiar a pedraria. Dezenas de olhos se arregalaram e a multidão escura temeu o que viria. Cada homem sentiu medo, não da máquina, mas do emprego que perderia.

E para John Henry o trabalho era sagrado. Então desafiou a máquina sem ficar amedrontado. Ele era apenas um homem, mas não aceitava ser trocado. E o capitão do desafio gostou. Contra o John Henry ele apostou. Aquilo tudo foi como um chamado, fazendo vir o povo da cidade de Talcott para assistir o confronto, para ver um homem pobre e preto ser vencido pelo progresso. Eles gostaram dessa ideia. E era assim.

Um homem sozinho iria lutar com fervor. E contra uma máquina perfuradora a vapor.

Então o dia da luta chegou. Muitas apostas



na máquina o capitão anunciou. Mas quem era amigo do John Henry com ele ficou. E quando o capitão gritou, a competição começou: *Tum, Tum, Tum, Tum, Tum, Tum, Tum...* John Henry estava martelando no lado direito do túnel, a grande broca a vapor à esquerda.

E a cada minuto que passava, mais a perfuradora avançava... Mas John Henry não se abalava, seu martelo golpeava. No início riram todos, o capitão, o povo de Talcott.

Acharam graça da teimosia daquele homem. E era assim.

Mas logo os sorrisos acabaram. Depois de meia hora de perfuração, os tubos do monstro se desgastaram. Vapor ele tossiu e engasgou, depois sacudiu e parou. O mecânico para a máquina correu, mas nem com isso ela reviveu. Mas o barulho continuava, o martelo do John Henry não parava. E ele cavou com paixão... até tombar de exaustão. E os homens se acotovelaram para ver na escuridão.

O buraco do lado esquerdo tinha dois metros, mas tinha quatro o do lado apostado. O homem tinha vencido a

máquina, mas a vitória teve amargo gosto.

John Henry até a morte martelou.

Ele nasceu em 1848, seus amigos contaram. Que foi escravo até quando as guerras acabaram. Que amava a pequena Pollie Ann, e que os dois se casaram. Mas John Henry não foi para o cemitério, a esposa dele não gostava de Talcott. Enterraram seu corpo na curva do rio *Greenbrier*, onde cantaram para ele. Porque tinha que ser assim.

| **FIM**

Respostas do desafio!

NOSSOS AUTORES 100% HUMANOS:

CONTO 1: “A hipótese de Eistein”, de Gian Danton

Gian Danton (pseudônimo de Ivan Carlo Andrade de Oliveira) é um escritor e roteirista brasileiro de histórias em quadrinhos, além de professor da Universidade Federal do Amapá. Começou a escrever quadrinhos com a história Floresta Negra, desenhada por Bené Nascimento (Joe Bennett) e publicada na revista Calafrio da Editora D-Arte. Publicou suas histórias em diversas editoras, como ICEA, Nova Sampa, Metal Pesado e pela estadunidense Fantagraphics Books.

<http://ivancarloblogspot.com/>

CONTO 3: “Chamada”, de Lu Evans

Lu Evans é natural de João Pessoa, PB, onde formou-se em Jornalismo. Atualmente cursa Antropologia na Central New Mexico College. É pesquisadora, dramaturga, antologista, editora, tradutora e escritora com livros traduzidos para inglês e espanhol. Na literatura, dedica-se ao gênero fantástico. Publica contos em diversas revistas e antologias e gerencia o selo literário “Nebula”, que recentemente lançou o livro “Vozes Intergalácticas” (2023) reunindo grandes autores e autoras do fantástico nacional.

<https://www.instagram.com/lu.evans>

CONTO 6: “Amor Urbano”, de João Ventura

João Ventura é um dos mais prolíficos autores na FC de Portugal. É especialista em contos, em especial nos hiper-curtos, o que levou sua obra a se espalhar por blogues, fanzines e antologias, inclusive no Brasil. Lançou recentemente o livro “Tudo Isto Existe”, que reúne pela primeira vez num mesmo volume impresso, uma seleção da sua melhor ficção curta. Engenheiro mecânico por formação, com um doutoramento na Universidade de Sheffield, Reino Unido, João Ventura hoje é professor aposentado do Instituto Superior Técnico da Universidade de Lisboa e mantém a vida acadêmica na divulgação científica. Você pode acompanhar o trabalho literário do autor aqui:

<http://fromwords.blogspot.com>

CONTO 7: “O alfaiate do Barba Azul”, de Octavio Aragão

Octavio Aragão é designer gráfico, escritor, pesquisador e professor universitário. É doutor em artes visuais pela Escola de Belas Artes da UFRJ e leciona na Escola de Comunicação, também da UFRJ. Autor de três romances e inúmeros contos publicados no Brasil, na Inglaterra, no México, na Argentina e nos EUA, também é quadrinista e lançou recentemente dois álbuns de Histórias em Quadrinhos: “Psicopompo” (2020) pela editora Caligari, com o artista Carlos Hollanda; “Intempol: Agora” (2021) pela editora Viés, antologia sobre a polícia do tempo, reunindo vários autores. Além disso, também é pai do Gui e do Pedro, marido da Luciana e torcedor do Fluminense.

Saiba mais aqui:

<http://octavioaragao.blogspot.com>

CONTO 9: “Schurman, um olhar programado”, de Katia Andrade

Katia Andrade é escritora. Contista e poetisa. Desbravadora habitual da brumosa e obscura fronteira entre a realidade e a fantasia, explorou os gêneros e subgêneros do fantástico e da especulação literária como a ficção científica, o horror, o weird, o horror cósmico, a fantasia sombria e urbana. Também visitou sem pudores os terrenos do simbolismo, do decadentismo, do terror psicológico e da escrita erótica. Seus rastros literários podem ser encontrados em diversas antologias de contos e poemas independentes.

https://www.instagram.com/katia.oliveira_santo-sautora?vrfl=dWhnOGt5YmZkbnBz

CONTO 12: “Sem Terra à vista”, de Ursulla Mackenzie

Ursulla Mackenzie é ficcionista e ensaísta. É autora de Portal de Capricórnio, livro que foi selecionado entre cinco mil livros da plataforma Tale Flick (produtora de Los Angeles) para o Tale Flick Discovery, que visa promover uma adaptação para Filme ou Série de TV. Já publicou, inúmeros contos de Ficção Científica no Brasil, Espanha, Argentina, Alemanha e Estados Unidos.

<https://www.instagram.com/ursullamackenzie?rpxt=MXJwY24zenF6bWt6ZA==>

CONTO 13: “Protótipo de crítico teatral brilha em performance involuntária”, de Daniela Funez

Mulher trans, Daniela Funez é formada em Publicidade e Propaganda pela Universidade de São Paulo. Atuou pela Companhia de Teatro “Os Satyros”, participando dos espetáculos “Pink Star”, “Transex” e “Cabaret Transperipatético”, colaborando com a

dramaturgia coletiva do último. É membro do 12º Núcleo de Dramaturgia do Sesi-SP e teve publicados os contos “Arquivo T” (no anuário “Visíveis”, da Filipa Edições) e “Assessoria” (na antologia “Rindo de Nervoso”), ambos em 2020.

<https://www.instagram.com/danifunezz?rpxt=N-jR2MW9kbHY5Z3ow>

CONTO 15: “O pacote”, de Ana Rosenrot

Natural de Jacareí, São Paulo, Ana Rosenrot é pesquisadora, escritora, ativista cultural, cineasta independente e criadora da Coluna CULTíssimo e da Revista LiteraLivre. Escreve em vários nichos, como membro do Coletivo Maldohorror, do Corvo Literário e do Poetas del Mondo (Chile). Integra também a equipe do Blog Concursos Literários. Ana é Titular da Cadeira de nº 51, a Metamorfose, na A.I.L. - Academia Independente de Letras (PE) e a 33, patronesse Narcisa Amália, na A.V.L.P.L. - Academia Virtual de Língua Portuguesa e Literatura.

<https://cultissimo.wixsite.com/anarosenrot>

CONTO 16: “Meus funerais”, de Ricardo Labuto Gondim

Ricardo Labuto Gondim, nascido no Rio de Janeiro, é professor, crítico, teólogo, filósofo, roteirista e escritor. Atualmente, é um dos principais nomes da ficção científica no Brasil. Vencedor do Prêmio Odisseia de Literatura Fantástica 2019 e indicado ao Prêmio Argos 2019, ambos pela coletânea “Corrosão”. Vencedor do Prêmio Argos 2021 com o romance “Pantokrátor”. Destaque-se também o romance “Corrosão” (2018) e a coletânea “Colapso” (2021).

Saiba mais aqui:

<https://www.facebook.com/ricardo.gondim>

CONTO 18: “Erro 400 Bad Request”, de Luiz Bras

Nelson de Oliveira ou, ainda, Luiz Bras, pseudônimo que adotou em 2012, é ficcionista, professor e coordenador de laboratórios de criação literária. É de leão e, no horóscopo chinês, cavalo. Adora filmes de animação, histórias em quadrinhos e gatos. Já publicou diversos livros, entre eles “Naquela época tínhamos um gato” (1998), “Treze” (1999), “Subsolo infinito” (2000), “O filho do crucificado” (2001) e “A maldição do macho” (2002), “Sozinho no deserto extremo” (romance, 2012), “Distrito federal” (Rapsódia, 2014), “Pequena coleção de grandes horrores” (minicontos, 2014), “Não chore” (novela, Patuá, 2016); “Subsolo infinito” (Segunda edição, Patuá, 2016). Também organizou antologias importantes, como “Geração 90 – Contos de Computador” (2001) e “Fractais tropicais” (2018).

<https://luizbras.wordpress.com/luiz-bras/>

CONTO 20: “Amanda”, de Cesar Alcázar

Cesar Alcázar nasceu em Porto Alegre, no ano de 1980, e é escritor, editor e tradutor. Admirador de Hemingway, Borgese e Robert E. Howard, encontrou na literatura uma forma de exteriorizar seus devaneios aventurecos e sombrios. Alcázar é o autor dos livros “Bazar Pulp – Histórias de Fantasia, Aventura e Horror” e “A Fúria do Cão Negro”, além de ter roteirizado as HQs “A Música do Quarto ao Lado”, “O Coração do Cão Negro” e “A Canção do Cão Negro”. O autor também é um dos grandes incentivadores da literatura policial no país, idealizador do “Porto Alegre Noir” e do selo de literatura policial “Safrá Vermelha”. Sua coletânea “A culpa é da noite”, Alcázar apresenta 11 histórias de crime escritas que mergulham o leitor em um mundo de

jogos, trapaças, traições, desejo e violência.

<https://linktr.ee/calczar>

CONTO 22: “Olhos bem abertos”, de Adam Mattos

Nascido em Londrina, Adam Mattos é escritor, poeta, professor e advogado. Gosta de criar histórias aterrorizantes e incentivar a leitura de autores nacionais. É editor-chefe e fundador do coletivo de escritores “Corvo Literário” e também criou sua própria editora, chamada “Devaneios”. É fundador do site Boca do Inferno, uma das principais referências do gênero fantástico no Brasil. Mattos estreou com o livro de poesia “Alma em pedaços” e também é autor da antologia de contos “Devaneios de uma mente perturbada”. Já publicou também em antologias de inúmeras editoras, além de ter sido um dos vencedores do concurso novos poetas 2018, tendo integrado o livro Sarau Brasil 2018, da editora Vivara.

<https://www.instagram.com/adam.mattos.escritor/>

CONTO 23: “Arecibo”, de David Machado

David Machado Santos Filho é natural de Taubaté-SP e reside atualmente em Piracicaba. Cursa Bacharelado em Física na USP e trabalha como Analista de Sistemas desde 2000. Desde 2012 posta regularmente textos novos no Recanto das Letras (<http://www.recantodasletras.com.br/ autores/davidmsf>) com ficção científica como tema preferido, mas já tentou experiências no gênero “terror”. Autores preferidos: Isaac Asimov, Jules Verne, Conan Doyle, Lovecraft, H.G. Wells e Edgar Allan Poe. O conto que acabaram de ler é uma homenagem, obviamente, ao H.P. Lovecraft, o “pai do Cthulhu”.

CONTO 25: “Os gatos de Ternes”, de Carlos Silva

Carlos Eduardo Silva, nascido em 1989, é escritor português de ficção especulativa, fundador do projeto Imaginauta e engenheiro biológico. Tem várias das suas histórias publicadas em Portugal e internacionalmente, das quais se destacam a série de BD “Umbigo do Mundo” – Geek d’Ouro para Melhor Banda-desenhada de 2021 – da qual é responsável pelo argumento e Penim Loureiro pelo desenho. O seu romance “Anjos” ganhou o Prémio Divergência em 2015. É co-autor da biografia em banda-desenhada de Rafael Bordalo Pinheiro, editada pelo museu dedicado a este artista, que ganhou o prémio de Melhor Publicação Independente dos Troféus Central Comics 2020.

www.carlossilva.net

CONTO 26: “Dançando sob as estrelas”, de Rinatsu Ebata

Rinatsu Ebata, é uma jovem bióloga e escritora nascida em meados de 1998, no município de Governador Valadares, Minas Gerais. Viveu por alguns anos no Japão, onde venceu dois prêmios literários, e posteriormente conquistou o prêmio Wattys. Reclusa e semi anônima por opção. Ela acredita que suas obras devem falar por si, e que não há necessidade de idolatria ou de venda de sua imagem. Compartilha conhecimentos através de canais dark nas principais plataformas de vídeo, e pretende continuar escrevendo com a abordagem que mais lhe agrada, a filosofia das margens.

<https://linktr.ee/rinatsuebata>

CONTO 28: “Esfinge Moderna”, de Romy Schinzare

Romy Schinzare é educadora e escritora.

Graduada em Pedagogia pela Universidade Paulista com especialização em Docência do Ensino Superior. Extensões universitárias em Psicologia Social e Arte na Cultura Infanto-Juvenil pela USP. Publicou os livros Mandrágora pela Patuá (2017) e Contos Reversos pela mesma editora, em 2018. Participou também de várias antologias, como “Mundo-Vertigem / ficção fantástica brasileira” (2020), da alinkeditora, com organização de Luiz Bras e “Outros Brasis da Ficção Científica” (2021), da editora Caligo, organizado por Davenir Viganon (livro vencedor do prêmio Argos em 2022 na categoria de melhor coletânea).

Contato da autora:

romyschinzare@gmail.com

CONTO 30: “Homem versus Máquina”, de Rubens Angelo

Rubens Angelo nasceu em Brasília, passou uma década em São Paulo e agora vive no Rio de Janeiro. Trabalha como designer e também é professor. Trabalhou para jornais como Correio Braziliense, Folha de SP, Estadão e O Globo. Já publicou contos em diversas antologias de Ficção Científica, em editoras como a Cartola, Cyberus, Tramatura e Caligo. Também é editor do fanzine Somnium do CLFC. Seus projetos atuais envolvem traduções exclusivas de contos antigos de ficção científica, como o livro “Estrelas: mulheres pioneiras da ficção científica” e “Visionários da Ficção Científica”. Também é criador da coleção a “Biblioteca dos livros impossíveis”, de contos raros de ficção científica e do “Minibooks fantásticos”, com histórias de autores de língua portuguesa.

Todos os projetos estão disponíveis em seu site Sci-fi Tropical:

<https://scifitropical.wordpress.com/>

NOSSOS AUTORES ROBÔS E SEUS VASSALOS HUMANOS:

CONTO 2: “A loira do banheiro” - ChatGPT (Inteligência artificial) com Rubens Angelo - Prompt: “Crie um conto de terror sobre a lenda urbana da loira do banheiro”.

CONTO 4: “A estranha viagem de Santos Dumont” - ChatGPT (IA) com Rubens Angelo - Prompt: “Crie um conto em que Santos Dumont é procurado por um misterioso cientista chamado Étienne Jules Marey que inventa uma máquina do tempo, baseada em suas experiências com a Cronofotografia. Santos Dumont e Étienne Jules Marey decidem testar a máquina do tempo e juntos voltam ao passado remoto onde se deparam com perigosos dinossauros”.

CONTO 5: “O Aprendiz” - ChatGPT (IA) com Herman Augusto Schmitz - Prompt: “Escreva um conto fantástico mostrando a relação entre um aspirante a mago que encontra um mestre mais velho e sofre de encantamento”.

CONTO 8: “Entre as órbitas vazias” - ChatGPT (IA) com Rubens Angelo - Prompt: “Crie um conto, no estilo do escritor Ray Bradbury, e narrado em primeira pessoa, sobre a solidão de um astronauta que está sozinho em uma estação espacial orbitando Vênus”.

CONTO 10: “Fausto sertanejo” - ChatGPT (IA) com Daniel Paiva - Prompt: “Crie uma história de terror ambientada no sertão nordestino”

CONTO 11: “O Paradoxo de Teseu Neural” - Gemini (IA) com Cristiano Rohling - Obs: antes de escrever o conto scifi, foi pedido ao Gemini que apresentasse 10 sugestões de temas ou ideias para eu escolher uma. E o tema escolhido foi “Cibernética / Perda de Identidade”. Prompt: “Quero algo com uma pegada de ficção científica hard, com conceitos científicos ou tecnológicos interessantes, mas que tenha também um forte componente humano. Não quero apenas tecnologia pela tecnologia. Quero histórias sobre pessoas, sentimentos, escolhas, perdas, memória, tempo, consciência, solidão, envelhecimento, morte, identidade ou outras questões humanas que possam surgir de

uma boa premissa científica. Evite clichês e ideias muito óbvias. Quero propostas originais, diferentes entre si e que possam funcionar muito bem em apenas 500 palavras, de preferência com algum tipo de impacto ou reviravolta no final.” O conto foi gerado 2 vezes pois foi solicitada uma correção: adotar o termo silício (o elemento químico usado em semicondutores e chips), e não silicone (o polímero). Esse é um detalhe técnico fundamental para a “hard sci-fi”.

CONTO 14: “Estação em Silêncio” - ChatGPT (IA) com Rubens Angelo - Prompt: “Crie uma história de suspense que se passa na estação espacial internacional”.

CONTO 17: “As Luzes de Julho” - ChatGPT (IA) com Rubens Angelo - Prompt: “Escreva um conto de ficção científica sobre as estranhas luzes avistadas em julho de 1984, por cosmonautas russos a bordo da estação espacial Soviética Salyut 7”.

CONTO 19: “A Última Encomenda” - Deepseek (DeepSeek-V3) com Herman Augusto Schmitz - Prompt: “Escreva uma “very short story” (até 400 palavras) de Ficção científica, sem diálogos, no estilo Pulp. Tema: À medida que a humanidade se expande pelas estrelas, torna-se cada vez mais difícil entregar uma simples mensagem ou um pacote. Uma espécie alienígena, geralmente mais adaptável a diferentes atmosferas e ambientes, estabelece uma agência postal galáctica. A maioria dos governos os considera acima de conflitos, e eles recebem salvo-conduto (com inspeções) pelas áreas mais disputadas do espaço. Após a explosão de três de suas entregas, ele suspeita que o governo galáctico o esteja usando como um assassino involuntário. Crie um final surpresa.”

CONTO 21: “O Resto da Equação” - Gemini (IA) com Cristiano Rohling - Obs: antes de escrever o conto scifi, foi pedido ao Gemini que apresentasse 10 sugestões de temas ou ideias para eu escolher uma. E o tema escolhido foi “Física Quântica / Teletransporte”. Prompt: “Quero algo com uma pegada de ficção científica hard, com conceitos científicos ou tecnológicos interessantes, mas que tenha também um forte componente humano. Não quero apenas tecnologia pela tecnologia. Quero histórias sobre pessoas, sentimentos, escolhas,

perdas, memória, tempo, consciência, solidão, envelhecimento, morte, identidade ou outras questões humanas que possam surgir de uma boa premissa científica. Evite clichês e ideias muito óbvias. Quero propostas originais, diferentes entre si e que possam funcionar muito bem em apenas 500 palavras, de preferência com algum tipo de impacto ou reviravolta no final.”

CONTO 24: “Colapso de Função” - Gemini (IA) com Cristiano Rohling - Obs: antes de escrever o conto sci-fi, foi pedido ao Gemini que apresentasse 10 sugestões de temas ou ideias para eu escolher uma. E o tema escolhido foi “Emaranhamento Quântico / Isolamento”. Prompt: “Quero algo com uma pegada de ficção científica hard, com conceitos científicos ou tecnológicos interessantes, mas que tenha também um forte componente humano. Não quero apenas tecnologia pela tecnologia. Quero histórias sobre pessoas, sentimentos, escolhas, perdas, memória, tempo, consciência, solidão, envelhecimento, morte, identidade ou outras questões humanas que possam surgir de uma boa premissa científica. Evite clichês e ideias muito óbvias. Quero propostas originais, diferentes entre si e que possam funcionar muito bem em apenas 500 palavras, de preferência com algum tipo de impacto ou reviravolta no final.”

CONTO 27: “A Cicatriz Sináptica” - Gemini (IA) com Cristiano Rohling - Obs: antes de escrever o conto sci-fi, foi pedido ao Gemini que apresentasse 10 sugestões de temas ou ideias para eu escolher uma. E o tema escolhido foi “Neurociência / Optogenética”. Prompt: “Quero algo com uma pegada de ficção científica hard, com conceitos científicos ou tecnológicos interessantes, mas que tenha também um forte componente humano. Não quero apenas tecnologia pela tecnologia. Quero histórias sobre pessoas, sentimentos, escolhas, perdas, memória, tempo, consciência, solidão, envelhecimento, morte, identidade ou outras questões humanas que possam surgir de uma boa premissa científica. Evite clichês e ideias muito óbvias. Quero propostas originais, diferentes entre si e que possam funcionar muito bem em apenas 500 palavras, de preferência com algum tipo de impacto ou reviravolta no final.”

CONTO 29: “O Alinhamento Perfeito” - Gemini (IA) com

Cristiano Rohling - Obs: antes de escrever o conto sci-fi, foi pedido ao Gemini que apresentasse 10 sugestões de temas ou ideias para eu escolher uma. E esse foi o Prompt: “Quero algo com uma pegada de ficção científica hard, com conceitos científicos ou tecnológicos interessantes, mas que tenha também um forte componente humano. Não quero apenas tecnologia pela tecnologia. Quero histórias sobre pessoas, sentimentos, escolhas, perdas, memória, tempo, consciência, solidão, envelhecimento, morte, identidade ou outras questões humanas que possam surgir de uma boa premissa científica. Evite clichês e ideias muito óbvias. Quero propostas originais, diferentes entre si e que possam funcionar muito bem em apenas 500 palavras, de preferência com algum tipo de impacto ou reviravolta no final.” Mas foi feito um novo pedido, para mudar o clima trágico dos primeiros contos entregues. Eis o 3º prompt: “Estou gostando, estou gostando. Você quase me convenceu, Gemini. Ainda falta algo, aquele twist de humanidade, mas as histórias são decentes e divertidas. Eu só percebi aqui que você ficou muito obsessivo com detalhes tecnicistas (bem, eu pedi sci-fi hard, né) e todas as histórias narram tragédias. Eu quero algo mais leve, mais alegre, mais humano, porém sem necessariamente ser uma desgraça. Bole 1 conto assim!”

*** O ChatGPT, ao menos em sua primeira versão gratuita, apresentou inúmeras limitações para gerar textos literários nesta experiência, mas as maiores dificuldades foram duas: não conseguiu criar diálogos; só foi capaz de elaborar narrativas em torno de 500 palavras. Tendo em vista tais limites, os autores foram orientados a também trabalharem dentro dos mesmos parâmetros limitantes, a fim de tornar o desafio mais equilibrado e interessante. Outro problema enfrentado foi pelo fato de a IA nem sempre criar os títulos dos contos — por essa razão, alguns dos nomes dos contos gerados pelo ChatGPT foram elaborados por mãos humanas (nenhuma outra edição foi feita). Cabe ressaltar que esse desafio começou a ser elaborado em 2023 e que hoje (2026) as IAs estão bem mais eficientes, criando títulos, diálogos elaborados e textos bem mais longos e consistentes.**



Jason Allen venceu a competição de artes da Colorado State Fair com imagem de IA, em 2022.

O alvorecer da arte robótica...

POR RUBENS ANGELO

Imagine um mundo... onde robôs escrevem livros, peças de teatro, séries de TV e filmes, tudo numa velocidade estonteante, inumana, avassaladora! E essas obras inundam as mídias, abarrotam os canais de TV, as salas de cinema, os serviços de streaming, cada uma se apertando contra a outra, em estreias mundiais que duram um quarto de

segundo (pois não há tempo a perder, o carrossel das novidades gira numa velocidade implacável). O sucesso dessas obras, ou o seu fracasso, é anunciado aos quatro cantos do mundo de forma quase instantânea, um centésimo de segundo após o lançamento delas — um veredito que é atestado em velocidade inumana e, portanto, feita



Boris Eldagsen venceu o Sony World Photography Award (2023) com uma foto criada por IA

por robôs críticos de arte. Robôs escrevem, robôs atuam, robôs dirigem filmes... depois, robôs críticos veem tudo, avaliam cada palavra, cada frase, cada sintaxe, cada tom e seu contraste, cada pixel obscuro, para um veredito entre 0 e 1, e assim dizer o que é bom e o que é ruim. E para quem tudo isso é feito? Ora, para o deleite dos robôs consumidores! Os verdadeiros apreciadores da arte, os reais *Connaisseurs* das emoções, do subtexto, dos enquadramentos... Ok, e os humanos? Onde entram nessa equação? Bem, eles simplesmente não entram, são lentos demais, portanto constrangedoramente obsoletos para esse mundo exuberante de criatividade que se passa — nasce, cresce e morre — nos intervalos dos milissegundos. Talvez alguém veja um ou outro humano perdido por aí, é

claro, talvez num museu ou num daqueles programas de curiosidades animais. Mas não posso deixar de mencionar também aqueles engraçadíssimos shows ao vivo, em que um robô comediante faz um *stand-up* com alguns humanos, é impossível não se divertir com a lerdeza deles! Às vezes dá pena, mas é sempre engraçado, não vou negar. He he he...

Parece coisa de romance distópico/delirante de ficção científica, não é? Mas não é um cenário assim tão impossível, basta olhar um panorama maior.

Aplicativos de Inteligência Artificial (IA) viraram uma febre, prometendo a solução de inúmeros problemas, como acelerar processos de trabalho, cruzar grandes quantidades de informações, automatizar tarefas



Capa de 'Frankenstein' gerada por IA é finalista no Prêmio Jabuti, em 2023.

instantaneamente. As aplicações são infinitas. Mas as IAs também abriram uma porta para aqueles que viram uma oportunidade de negócio dentro da literatura — um ambiente artístico que, até pouco tempo, parecia eminentemente humano. Qual foi a grande ideia? 1- Usar prompts na geração de textos para criar livros. 2- Depois, fazer uma autopublicação (sem recorrer a editoras) para colocar na Amazon e ganhar dinheiro com as vendas de um livro escrito por IA. Bem, muita gente teve essa mesma ideia.

Pois a proliferação massiva de livros escritos por IA está fora de controle. A chegada do ChatGPT impulsionou o que já era viável utilizando certos programas (como o API GPT) de linguagem. Mas a popularidade e

a eficiência do ChatGPT difundiu o acesso a um recurso que está sendo desvirtuado: deixar um bot escrever por nós.

Desde o lançamento de ChatGPT-3.5 no final de 2022, o número de *e-books* publicados na Amazon disparou, triplicando até o final de 2025. Uma nova análise científica publicada na revista *The Economist* mostrou que isso se deve inteiramente ao aumento de livros gerados por IA, que agora superam em muito os livros escritos por humanos.

Ficou assustado? Bem, você ainda não viu nada...

Há fortes indícios de que a maioria dos livros digitais disponíveis hoje na Amazon sejam criados por IA. E isso não é uma mera advertência ou hipótese, é algo que vem se consolidando há algum tempo e que levou a



Fonte: The Economist

Amazon a tomar uma medida restritiva: os autores agora só podem publicar por conta própria três livros por dia como limite — sim, até três livros diários! (e quem consegue escrever e publicar nesse ritmo?). Antes da imposição desse limite, havia usuários que estavam publicando dezenas de livros por dia, causando uma verdadeira avalanche “literária” na plataforma. O fato é que essa medida de restrição nos dá um sinal do quão alta é a atividade desses autores que usam bots para escrever livros — e estamos falando de autores que copiam e colam diretamente o que o bot escreve e não daqueles que usam o GPT para desenvolver ideias.

A simples presença massiva desses textos nas livrarias eletrônicas torna difícil encontrar as obras de autores independentes que

não usam IA. Com um mercado literário inundado de textos de qualidade duvidosa, o leitor terá muito mais dificuldade em encontrar uma obra de qualidade feita por um humano. E a falta de qualidade dos textos 100% criados por IA é inegável.

Temos, por exemplo, IAs cometendo fraude intelectual. Um episódio de grande repercussão envolveu Jane Friedman, especialista em publicação e ex-presidente da famosa editora *HarperCollins*. Ela encontrou diversos livros publicados na Amazon utilizando seu nome como autora, embora nunca tivesse escrito aquelas obras.

Outro problema é a questão de livros escritos por um bot baseados na replicação (plágio) de livros originais. O jornal *Washington Post* relatou um caso de um livro técnico que levou mais de um ano para ser produzido por seu autor. Poucas semanas após o lançamento, uma obra muito semelhante, criada com auxílio de IA e com título praticamente idêntico, já estava disponível para venda.

O problema vai além da qualidade literária. Uma reportagem da CNN mostrou que foram identificados *e-books* sobre coleta de cogumelos que indicavam espécies venenosas como se fossem comestíveis. O episódio ilustra como conteúdos gerados por IA sem supervisão adequada podem representar riscos concretos à saúde e à segurança das pessoas.

E o avanço das IAs não fica apenas na literatura. Um estudo recente da *Deezer* (empresa de *streaming* de música) estima que 50.000 músicas criadas com a tecnologia de IA são



Foto criada pela Absolutely.AI vence competição fotográfica australiana em 2023.

enviadas para a plataforma todos os dias, o equivalente a 34% de todo o conteúdo novo. E há uma tendência de a música gerada por IA ganhar popularidade, essencialmente porque está se espalhando em grande volume (e com uma qualidade que se sofisticava a cada dia). A competição com os músicos humanos é desigual pois a IA é um concorrente que produz músicas numa escala

jamais vista pela indústria. Outro ponto a favor das canções geradas por IA é que a qualidade delas melhorou bastante. Para se ter uma ideia, outra pesquisa da *Deezer* com 9.000 pessoas em oito países constatou que 97% delas não conseguiam distinguir entre música gerada por IA e composta por humanos.

O *Spotify* já removeu dezenas de milhares

de músicas geradas IA, assim como os tantos milhares de usuários robóticos — fazendas de bots que reproduzem repetidamente as mesmas faixas para manipular os dados de *streaming*, resultando em receitas falsas. Robôs criando música que são reproduzidas por ouvintes robôs...

Mas nem tudo são trevas e o apocalipse das IAs ainda não está acontecendo. Há sempre esperança para a criação humana pois esse é, em essência, um mundo de humanos. Para nós que amamos a literatura há sempre uma saída, que é a conexão entre as pessoas, a ligação entre autores, editores e leitores. Ao reforçarmos o estreitamento dessas relações pessoais, usufruímos de uma arte mais genuína e significativa, com nuances que fazem sentido para nós, que nos toca de uma maneira especial, aqui e agora. E o mais importante: uma arte humana é uma arte eminentemente imperfeita, assimétrica e repleta de defeitos, pois todos nós somos imperfeitos — maravilhosamente imperfeitos. E abraçar esse “defeito

de fábrica” com mais afeto talvez seja a melhor saída para a armadilha das IAs.

De certa forma, o fascínio que as IAs exercem está muitas vezes ligado à busca da perfeição por textos melhores, análises melhores, pesquisas melhores, imagens melhores... enfim, almejamos um artifício, uma mágica que esconda nossas imperfeições. O problema, principalmente no caso das artes, é que o banimento de nossas imperfeições — por essa *tecnomagia* das IAs — pode significar também o banimento de nossa expressão única e individual. Assim, não seria melhor criarmos uma arte imperfeita, mas totalmente autoral, fruto de nossa expressão pessoal? Não se trata aqui de demonizar as tecnologias, afinal, o lápis e o papel são tecnologias, mas de provocar uma reflexão sobre o valor que a expressão humana tem. Pois pensem bem, os nossos defeitos e incapacidades são os fatores que mais nos aproximam. São nossos fracassos, desamores e perdas que geram empatia.

A solução é humana. | ■

Rubens Angelo nasceu em Brasília, passou uma década em São Paulo e agora vive no Rio. Trabalha como designer e também é professor. Começou a escrever e desenhar ainda na adolescência, principalmente criando quadrinhos de fantasia em fanzines. Desenvolveu infográficos e projetos multimídia usando animação e quadrinhos para jornais como Folha de SP, Estadão e O Globo. A paixão por contar histórias o levou a cursar uma pós-graduação em escrita criativa, o que aumentou sua pro-

dução literária. Já publicou contos em diversas antologias de Ficção Científica, em editoras como a Cartola, Cyberus e Caligo. Seus projetos atuais envolvem traduções exclusivas de contos antigos de ficção científica, como o livro “Estrelas: mulheres pioneiras da ficção científica”:

<https://a.co/d/cVzKGWr>

E a “Biblioteca dos livros impossíveis”, coleção de contos raros de ficção científica, pré-Era de Ouro, lançados em seu site:

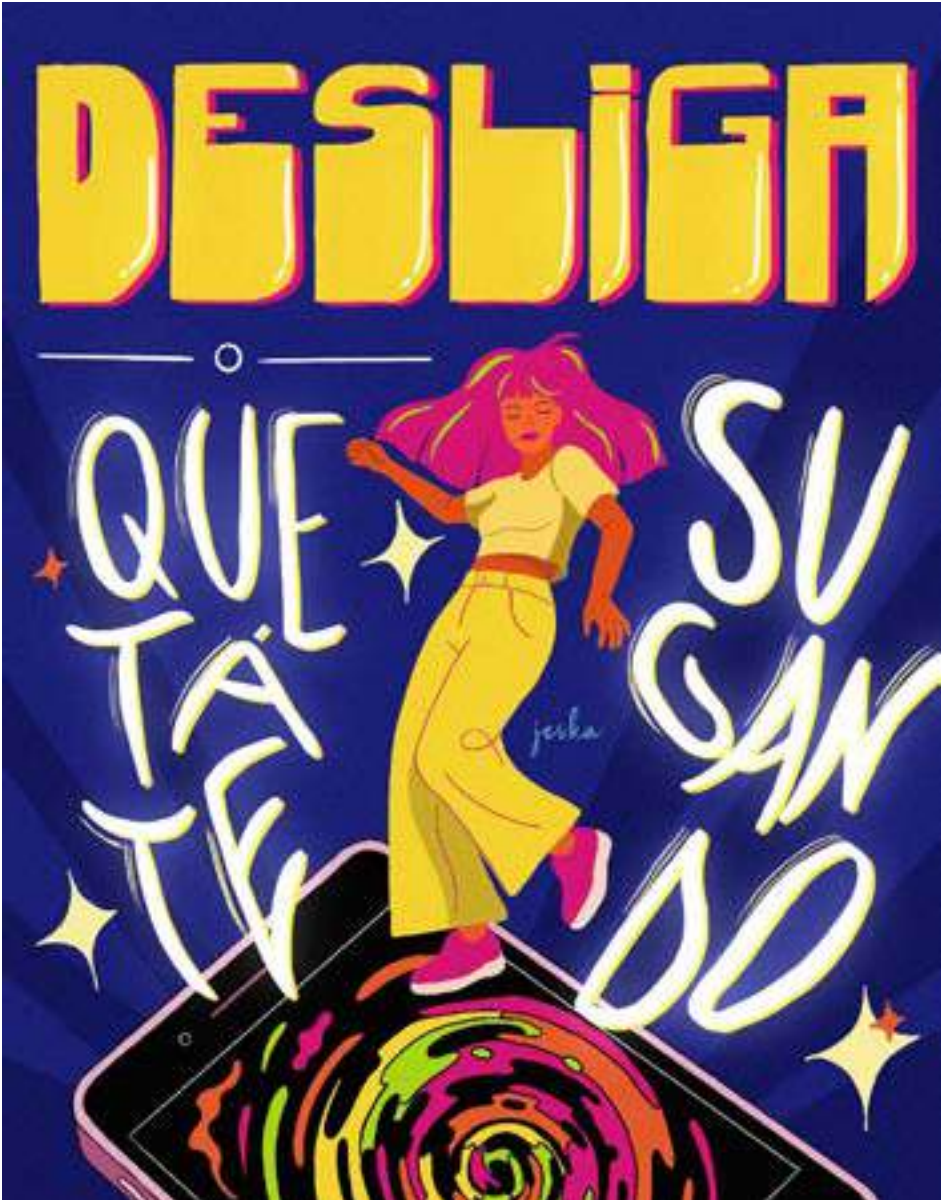
<https://scifitropical.wordpress.com/>



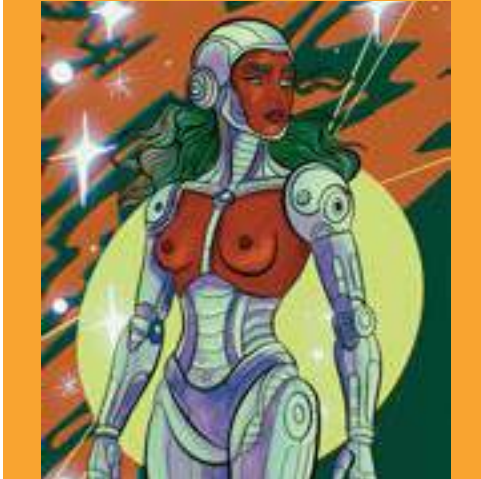
A força de Jeska

POR RUBENS ANGELO

Jeska Barbosa (Jéssica Barbosa) é uma ilustradora, publicitária e diretora de arte baseada em Ribeirão Preto (SP), com mais de 15 anos de atuação no mercado criativo. Seu estilo visual tem fortes raízes na Pop Art, unindo traços no formato cartoon, cores intensas, colagens digitais e uma constante exaltação à beleza feminina e à cultura do Rock 'n' Roll. estudiojeska.com



Jéssica Barbosa e a ilustração original para a capa da Somnium (abaixo)





O melhor da ficção científica brasileira

POR EDGAR INDALECIO SMANIOTTO

Neste texto resenhamos a coleção “O melhor da ficção científica brasileira”, uma série de três antologias organizadas pelo escritor e pesquisador Roberto de Sousa Causo e publicadas pela editora Devir. Causo, enquanto antologista, busca resgatar os mais significativos contos e novelas da ficção científica brasileira, equacionando qualidade literária e valor histórico. São duas antologias de con-

tos: “Os Melhores Contos Brasileiros de Ficção Científica” e “Os Melhores Contos Brasileiros de Ficção Científica: FRONTEIRAS”; e uma de novelas “As Melhores Novelas Brasileiras de Ficção Científica”.

Em “Os Melhores Contos Brasileiros de Ficção Científica” (Roberto de Sousa Causo) organiza uma série de contos que compreendem 115 anos de história do gênero. Causo inicia a obra com o ensaio “Um resgate da

Volume 1 (2007)

Volume 2 (2009)

Volume 3 (2011)



ficção científica brasileira”, em que realiza um histórico da ficção científica no Brasil, necessário para uma antologia que pretenda ser lida para além do fandom e dos especialistas no assunto. Nesta resenha, optamos por comentar cada conto na ordem de sua publicação, assim segue o título do conto e, entre parênteses, o nome do autor e a data de publicação original.

O IMORTAL (Machado de Assis, 1882):

em uma noite chuvosa, um filho revela aos dois cidadãos mais ilustres de uma vila, o coronel e o tabelião, as aventuras e angústias de seu pai, um imortal. Conto com viés existencialista, em que a imortalidade, vista muitas vezes como uma benção, é mostrada de forma nauseante na pena do autor.

A leitura me fez remeter a outro clássico do tema imortalidade, *Todos os Homens são Mortais*, de Simone de Beauvoir, que também nos leva a uma viagem existencialista pelas amarguras que a imortalidade pode trazer ao ser humano.

Machado de Assis escreveu uma obra vastíssima, composta por romances, peças de teatro, crônicas e contos, sendo ao todo 205 contos reconhecidos e 12 contos que os especialistas não têm certeza de sua autoria. Em seus 205 contos, Machado de Assis escreveu sobre quase tudo, tanto é que seus contos podem ser encontrados em diferentes antologias. Flávio Moreira da Costa incluiu o conto *A Cartomante* em uma antologia de *Contos de Crime* (Agir Editora) e o conto *A Causa Secreta* na antologia *Os*

Machado de Assis, destaque de “Os Melhores Contos Brasileiros de Ficção Científica”



Melhores Contos de Medo, Horror e Morte (Editora Nova Fronteira). Já *Conto de Escola* e *O Apólogo* são incluídos em antologias para crianças, enquanto na série *Para Gostar de Ler*, da Editora Ática, diversos contos de Machado de Assis são incluídos em antologias variadas: *Histórias Divertidas*, *Histórias de Amor*, *Histórias sobre Ética* etc. Uma grande variedade de temas e gêneros. Então não é de se estranhar que Machado de Assis também tenha escrito FC.

No conto *O Imortal*, Machado de Assis trata de um dos temas mais caros à ficção científica, a imortalidade, presente em obras tais como *Os filhos de Matusalém*, de Robert Anson Heinlein, até séries populares como *Perry Rhodan*, e de escritores brasileiros, como por

exemplo na noveleta *Quando os humanos foram embora*, de Gerson Lodi-Ribeiro.

Machado de Assis busca dar uma explicação científica para a imortalidade de seu personagem, que seria ocasionada por um composto de ervas, ainda que este seja desconhecido, já que o xamã que a revelou para o imortal morre pouco depois. Porém, o imortal cogita levar o composto para uma análise em laboratório na Europa. Também há diversas referências no conto à “ciência” da homeopatia como princípio explicativo para o composto de ervas.

A homeopatia foi criada por Christian Friedrich Samuel Hahnemann, tradutor, médico e estudioso de filosofia, por volta de 1790, e até hoje sua eficácia é debatida por

médicos homeopatas e céticos. Portanto, Machado faz uso de um tema comum à ficção científica, a imortalidade, ensaia uma explicação científica sobre sua causa e faz especulação sobre uma “ciência”, a homeopatia, ou seja, pura ficção científica.

MEU SÓZIA (Gastão Cruls, 1938): é um conto que entrelaça autobiografia, elementos fantásticos e intertextualidade. Paulo vai à biblioteca, como o faz corriqueiramente, a fim de continuar suas pesquisas para um livro que está escrevendo sobre a Amazônia — referência clara ao romance *A Amazônia Misteriosa*, escrito pelo próprio Gastão Cruls —, quando a bibliotecária revela que, coincidentemente, alguém está se utilizando da mesma bibliografia que ele, e que essa pessoa é muito parecida com ele e tem o mesmo nome, a ponto de ela pensar que seriam a mesma pessoa.

O conto prossegue revelando o conflito entre Paulo e seu sózia, ainda que exista uma abertura no conto sobre a natureza do acontecido, já que muitas testemunhas não viram o tal sózia. Mas é lógico que a bibliotecária o viu, ainda assim fica meio pendente se o conto relata uma experiência fantástica ou um surto psiquiátrico.

Esse conto não tem elementos de ficção científica, sendo um conto de ficção fantástica. Causo certamente o incluiu pela relevância que o romance *A Amazônia Misteriosa* tem na história da ficção científica brasileira. Mas o leitor não perde em nada, a história é muito boa e se sustenta muito bem no conjunto da obra.

ÁGUA DE NAGASÁQUI (Domingos Carvalho da Silva, 1963): primeiro conto de uma série em que o tema dominante são os efeitos de um conflito nuclear. Ao contrário dos contos que o sucedem, este não extrapola sobre uma catastrófica guerra nuclear futura, mas sim sobre a única guerra nuclear que a Humanidade presenciou até hoje (ainda que de baixa e limitada intensidade), a II Guerra Mundial (com o ataque nuclear americano contra Hiroxima e Nagasaki).

Um jovem que mora nas redondezas de Nagasáqui consome água e frutas contaminadas, mas, ao invés de adquirir uma doença que o levasse à morte (como seus amigos), está fadado a matar aqueles que lhe são próximos. Mais tarde, fugindo das autoridades de seu país, ele migra para o Brasil, para ele uma terra de sonhos, onde se desenrola uma trágica história. Marcello Simão Branco (em resenha no *Anuário Brasileiro de Literatura Fantástica* 2007) classifica este conto como uma história dentro do arquétipo pós-apocalíptico. Eu discordo particularmente dessa classificação e a abarcaria no arquétipo Mutantes, pois o personagem é na verdade um mutante fruto da radiação nuclear.

A ESPINGARDA (André Carneiro, 1966), é a primeira de três histórias que poderíamos classificar dentro do arquétipo pós-apocalíptico e a primeira do tipo “o último homem na Terra”. A narrativa acompanha uma pequena parte da jornada empreendida por aquele que pode ser o último homem na Terra após um conflito

nuclear de larga escala.

O ponto alto do texto é quando esse homem está encastelado em uma pequena cidadezinha, nesse momento o conto atinge sua maior intensidade dramática. É angustiante acompanhar o desenrolar da história que nos leva a um conflito de espingardas, em que os últimos homens sobre a Terra são incapazes de conviver pacificamente, mesmo tendo todo um planeta para si.

Medo e desconfiança para com o outro e desejo de vingança se revelam maiores do que o bom senso. Mesmo quando se pode simplesmente ir embora, o desejo de vingança faz com que um dos homens procure a luta. A mensagem de Carneiro parece clara, não importa a intensidade do conflito, ou quantas mortes presenciemos, o ser humano ainda parece tentado a lutar por qualquer motivo banal, seja defender seu pequeno território, seus preconceitos, suas errôneas suposições ou se vingar de uma ofensa cometida. Não há heróis nessa história, apenas pessoas comuns, infelizmente até demais.

O COPO DE CRISTAL (Jerônimo Monteiro, 1964): história autobiográfica sobre as perseguições que o autor sofreu durante o regime militar. No começo, nem parece ser uma história de ficção científica, a não ser pelo cotidiano (um copo) que faz algo que não deveria (emitir luz própria).

O autor narra a história com tanta intensidade que em certo momento escreve uma frase na primeira pessoa, como se estivesse a escrever sua autobiografia. No decorrer do

conto, descobrimos que o copo é uma janela para o futuro da Humanidade, um futuro em que a Humanidade pode ter se extinguido ou voltado à “Idade da Pedra” graças a uma guerra nuclear. Conto poético e comovente, cujos elementos de não ficção são mais surpreendentes do que os ficcionais.

O ÚLTIMO ARTILHEIRO (Levy Menezes, 1965): segunda história do tipo “o último homem da Terra” e terceira dentro do arquétipo pós-apocalíptico. História narrada em contagem regressiva, sem margens para esperanças ou otimismo. O último homem na Terra após um desastre nuclear é também o último artilheiro.

Após descobrir um abrigo com água, comida e algumas pequenas comodidades automáticas, o último artilheiro usa o canhão escondido no abrigo para disparar contra (!): um mundo destruído pelos próprios homens? Seus próprios fantasmas? Os próprios homens (imaginados) que teriam feito aquilo com o seu mundo?

ESPECIALMENTE, QUANDO SOPRA OUTUBRO (Rubens Teixeira Scavone, 1971): conto poético, influenciado por Ray Bradbury (como atesta o organizador). Acompanhamos a história da menina Ângela que cria um mundo imaginário para si mesma, tornando-se cada vez mais alienada da realidade cotidiana.

As múltiplas facetas interpretativas para o conto: a menina é simplesmente autista, uma paranormal, uma alienígena ou um ser extradimensional. O final do conto parece

apontar para uma das últimas hipóteses, mas também poderia indicar que o autismo da menina terminou por isolá-la totalmente da realidade.

EXERCÍCIOS DE SILÊNCIO

(Finisia Fideli, 1983): conto de ficção espacial em que um astronauta, de um futuro em que a Humanidade se expandiu pela Via Láctea e a colonizou, pousa em um planeta sem tecnologia avançada para consertar sua nave.

No contato com os habitantes do planeta, o homem, vindo de uma sociedade tecnologicamente mais avançada, tenta inicialmente convencer os habitantes do local da superioridade de sua cultura tecnológica, mas acaba descobrindo, em práticas meditativas locais, como sua concepção de superioridade é errônea.

O conto é excelente! Como antropólogo, estou acostumado a ler relatos verdadeiros de encontro entre culturas diferentes, e Finisia Fideli conseguiu captar bem o estranhamento que pode ocorrer entre duas culturas diferentes que tomam contato.

A autora, no decorrer do conto, também narra com bastante maestria a complexa arte da meditação, da qual, creio, ela, assim como este resenhista, é uma praticante. Qualquer pessoa que tenha se iniciado na meditação verá um pouco de si mesmo em Theo quando este inicia seus exercícios de silêncio.

A MORTE DO COMETA (Jorge Luiz Calife, 1985): conto de ficção científica hard

em que a Humanidade já colonizou todo o Sistema Solar. Nesse futuro o Patrimônio Histórico da Terra e a Fundação Halley de Selene tentam impedir a deterioração do cometa Halley.

No conto o autor discute interessantes conceitos futurísticos: colonização do Sistema Solar, exploração econômica de asteroides e cometas em busca de minérios, e naves espaciais com velas solares. É justamente nestes aspectos futurísticos que a ficção científica hard de Calife se destaca. Por exemplo, neste momento, a possibilidade de exploração econômica de asteroides é uma possibilidade que pensamos ser o futuro da mineração de terras raras.

Sou um admirador da obra de Jorge Luiz Calife — sua trilogia (Padrões de Contato, Horizonte de Eventos e Linha Terminal) e seu livro de divulgação científica (Como os Astronautas vão ao Banheiro) estão entre meus livros favoritos de ficção científica e divulgação científica.

A MULHER MAIS BELA DO MUNDO (Roberto de Sousa Causo, 1997): um fotógrafo brasileiro realiza uma exposição no qual busca apresentar os contrastes entre o mundo rico e o mundo pobre. Para representar a riqueza, metade de sua exposição é dedicada à beleza de uma mulher, enquanto a outra metade apresenta a pobreza no Brasil.

Porém, sua exposição recebe uma inesperada visita, um alienígena que estava na Terra em busca de conhecimento para resolver certos problemas em seu mundo.

História elegante, muito bem contada e que coloca um dedo na ferida de alguns críticos que insistem em dizer que ficção científica não consegue fazer crítica social. Essa história não tem nada de escapista ou de entretenimento para adolescentes, como alguns ainda insistem em ver a ficção científica.

A NUVEM (Ricardo Jorge Teixeira Martins, 1994): a história parte da vida cotidiana da pequena cidade nordestina de Vale Verde, que, apesar do nome, sofre com uma seca, até que uma estranha nuvem escura aparece. Os moradores esperam pelo “dilúvio” prometido, mas ele não vem. Notam, entretanto, que no morro do Baião, que sempre foi muito seco e onde também se localiza uma igrejinha em ruínas, começa a crescer uma densa vegetação. No dia seguinte, a cidade amanhece coberta com a mesma vegetação.

No decorrer da história, cada fenômeno que ocorre na pequena colina se repetirá no dia seguinte na cidade. A reação dos moradores é primeiramente buscar explicações dos fenômenos com o padre Rubião (representante da religião), ou o dr. Veiga (representante da ciência).

O dr. Veiga dá uma explicação científica ao ocorrido, identificando as mudanças de fauna e flora ocorridas diariamente na cidade como uma recapitulação da evolução da vida na Terra. Mas é o padre Rubião quem faz contato com a entidade alienígena, buscando revelar o destino da cidade.

Excelente história, que busca retratar de forma metafórica o contato entre a

modernidade e o tradicional, onde a resignação do povo diante de um fenômeno que não podem compreender é a tônica da história. E se os “doutores” não podem fazer nada, que dirá o povo — outro conto com profunda crítica social. Este conto é também uma homenagem aos maiores expoentes do realismo fantástico brasileiro: os escritores Murilo Rubião e José J. Veiga.

Roberto Causo conseguiu unir nessa antologia qualidade literária e valor histórica, atestando que a ficção científica brasileira pode produzir textos de grande qualidade. Causo também acertou ao mesclar nomes consagrados de nossa literatura e autores conhecidos mais especificamente no fandom de ficção científica, dando assim uma ampla visão do gênero e de seus criadores.



Na segunda antologia de contos desta coleção “Os Melhores Contos Brasileiros de Ficção Científica: Fronteiras”, temos catorze contos escritos entre 1910 e 2001. Roberto Causo, na introdução do volume, justifica antecipadamente a inclusão de alguns contos e o subtítulo “Fronteiras” argumentando que a ficção científica está muitas vezes na fronteira do *mainstream* (possivelmente se referindo a contos como *Seminário dos Ratos*, *Nova Califórnia* e *O Fruto Maduro da Civilização*, inclusos nessa antologia) ou que pode trazer elementos de ciências espirituais como o espiritismo, a teosofia ou a antroposofia (possivelmente justificando a inclusão de contos como *Delírio*, *O Homem*

que *Hipnotizava* e outros de ficção ufológica e não ficção científica propriamente dita).

Apesar de, na maioria, serem contos muito bons, que certamente merecem serem lidos por qualquer um que goste de boa literatura, alguns certamente são difíceis de enquadrar como ficção científica, particularmente *Delírio*, de Afonso Schmidt, e *Seminário dos Ratos*, de Lygia Fagundes Telles. Fica a critério do leitor se concorda ou não com o organizador em considerar esses textos como ficção científica; este resenhista, por sua vez, recomenda que sejam lidos com certeza, pois são literatura de primeira. Vamos aos contos.

A NOVA CALIFÓRNIA (1910), de Lima Barreto, é o relato dos acontecimentos ocorridos em uma pequena vila do interior que recebe um novo morador, o químico Raimundo Flamel, referência direta ao alquimista Nicolas Flamel (1330-1418), que teria conseguido a famosa transmutação de metais menos nobres em ouro. Lima Barreto propõe nesse conto um novo e inusitado material para a realização da transmutação e coloca à desnuda toda a hipocrisia e capacidade de se corromper do ser humano diante da possibilidade da riqueza, um conto ainda muito atual.

A VINGANÇA DE MENDELEJEFF (1929): o escritor Berilo Neves retoma um tema clássico da ficção científica, o cientista louco, que, por motivos pessoais, quer exterminar a Humanidade. Em um texto veloz, que

realmente lembra a literatura pulp, recheado de romantismo, Neves constrói uma narrativa que surpreende pelo final inesperado.

DELÍRIO (1934), de Afonso Schmidt, evoca a relação entre três homens que esperam o fim inevitável em um hospital. Diante da angústia existencial perante a morte, esses homens empreendem uma viagem a outra dimensão, que se mostra não muito diferente desta. Narrativa delicada e majestosa desse que é um dos maiores escritores brasileiros, mas é uma história de ficção religiosa. Recomendo fortemente a leitura desse conto, mas não é possível, nem com muita boa vontade, classificá-lo como ficção científica, o que, é lógico, não o desmerece em nada.

O HOMEM QUE HIPNOTIZAVA (1963) é um clássico da ficção científica brasileira escrito pelo mestre **André Carneiro**. Reproduzo aqui uma resenha minha do conto, parte do ensaio “Um Mundo Misterioso: Ficção Científica e Hipnose na Obra de André Carneiro”, publicado no *Somnium* 111, especial André Carneiro:

O Homem que Hipnotizava é o relato de um hipnotizador que busca fugir da realidade de sua vida, criando através da auto-hipnose uma realidade própria. Por fim, o hipnotizador não mais consegue aceitar o mundo real, sendo que Carneiro explora com muita sensibilidade o desmoronamento psicológico de seu personagem a partir do momento em que este não mais consegue sustentar hipnoticamente a realidade por

ele mesmo criada. No decorrer do conto, André Carneiro faz diversas considerações à prática da hipnose. Inicialmente, a personagem justifica a prática por considerar que é “a palavra que destrói e pode salvar. Saber construí-la em frases e introduzi-las em nós, fazer com que nossos ouvidos as filtrem e espalhem pelas cavernas e armadilhas interiores é difícil” (CARNEIRO, 2009, p. 58). Alguns trechos parecem também se referir à prática do próprio autor: “com médicos e dentistas amigos fiz anestesia hipnótica, com os fascinantes resultados já conhecidos há mais de cem anos” (CARNEIRO, 2009, p. 59). Os tais resultados “conhecidos há mais de cem anos” foram divulgados pelo próprio autor no ensaio “O Mundo Misterioso do Hipnotismo”, publicado em 1963 [EDART], mesmo ano de publicação do conto. Possivelmente, o autor escreveu o ensaio e o conto simultaneamente, sendo perceptíveis no conto as mesmas reflexões expostas no ensaio. Para citar outro exemplo, se o tema central do conto O Homem que Hipnotizava é a auto-hipnose, no ensaio “O Mundo Misterioso do Hipnotismo” a auto-hipnose é tratada nas páginas 82-84, nas quais Carneiro afirma que “pode-se provocar um estado hipnótico mais profundo em si mesmo”, e que “a autorrepetição das mesmas ideias negativas, feitas nesse estágio hipnoidal, soldam-se ao cérebro, transformam-se em realidades perfeitas àqueles que as imaginaram” (p. 83), o que é justamente o que ocorre com a personagem de O Homem que Hipnotizava.

SOCIEDADE SECRETA (1966), de Domingos Carvalho Silva, é a comovente narrativa de um grupo de seres humanos que tenta se adaptar a um mundo e a um tempo que não é mais o seu. O fim magistral e inesperado do conto revela uma visão de tolerância e compreensão muito bem explorada pelo autor.

UM BRAÇO NA QUARTA DIMENSÃO (1964), Jerônimo Monteiro: o conto presta uma homenagem ao escritor e parapsicólogo André Carneiro ao fazer uma menção direta ao colega no conto, ali apresentado como o parapsicólogo a ser consultado por um dos personagens. A história é a tragédia de um homem que não consegue entender e controlar seus dons parapsicológicos.

NÚMERO TRANSCENDENTAL (1961), de Rubens Teixeira Scavone, dá uma dimensão humana a uma questão cósmica: a dificuldade do contato entre duas espécies diferentes. Se em séries como Perry Rhodan e Star Trek o problema é minimizado através do recurso de tradutores universais, é possível que a visão de Scavone seja mais realista em relação à dificuldade de uma interação entre humanos e espécies alienígenas na busca de uma comunicação efetiva.

SEMINÁRIO DOS RATOS (1977), de Lygia Fagundes Telles, é um conto que evoca uma subversão da realidade cotidiana – uma praga de ratos que toma proporções

sobrenaturais — e então faz uma crítica da ineficiência da burocracia. Fosse uma coletânea de contos fantásticos, não veria problema na inclusão desse conto em específico, mas não consigo encontrar justificativa para sua inclusão em uma antologia de ficção científica, o que não quer dizer que não seja um texto excelente, está apenas fora da proposta geral.

O VISITANTE (1977), de Marien Calixte, é uma história de ficção ufológica. O conto evoca uma imagem idílica do homem (ou, no caso, mulher) simples do interior e sua relação de quase simbiose com a natureza. Apesar da curiosidade e da fofoca que domina o vilarejo, a presença do visitante é aceita sem maiores questionamentos. O visitante poderia, entretanto, ser até mesmo o boto, personagem do folclore nacional. Ou seja, um conto mais fantástico que de ficção científica.

UMA SEMANA NA VIDA DE FERNANDO ALONSO FILHO (1984), do escritor Jorge Luiz Calife, aborda um dos temas que mais gosto na ficção científica, a terraformação. A história tem por foco os medos e anseios de um homem comum que é levado a participar de uma empreitada grandiosa no planeta Vênus em busca de melhores condições de vida futura. Cientificamente plausível, essa história de ficção científica hard é uma das melhores do livro, e aqui temos Calife em sua melhor forma.

MESTRE-DE-ARMAS (1989), de Bráulio Tavares, é uma crítica à ficção científica militarista. A expansão militar da Humanidade e mesmo a imortalidade são despidas de suas habituais glórias e duramente criticadas enquanto o protagonista ascende na carreira militar para se tornar um Mestre-de-Armas.

O FRUTO MADURO DA CIVILIZAÇÃO (1993), de Ivan Carlos Regina, apesar de bem elogiado pelo antologista, parece ser daquelas obras em que o autor investe com tanto afinco no experimentalismo literário que se esquece da história em si. No geral, é a história de um indivíduo às voltas com reflexões sobre seu passado e presente, evocando imagens de sua atualização biocibernética.

ENGAIOLADO (1998), de Cid Fernandez, retoma a temática ufológica em uma história intrigante: um homem simples em busca de melhores condições de vida se vê diante de um evento ufológico que não consegue compreender em sua totalidade. Um conto muito bom, o autor constrói um clima de suspense psicológico que realmente faz o leitor compartilhar da claustrofobia e medo vividos pelo personagem.

CONTROLADOR (2001), de Leonardo Nahoum, coloca em evidência uma tentativa de barganha entre seres humanos e um mutante artificial com incríveis poderes parapsíquicos. O tema foi explorado em alguns capítulos de séries como Star Trek

e lembra o contato de Perry Rhodan e as superinteligências, devido à tensão gerada pelo encontro nada amistoso entre um ser de grandes poderes e simples seres humanos.



Já o terceiro volume da coleção é dedicado as novelas, e não aos contos de ficção científica. A antologia “As Melhores Novelas Brasileiras de Ficção Científica” (2011) é composta de quatro novelas: “Zanzalá”, de Afonso Schmidt; “A Escuridão”, de André Carneiro; “O 31º Peregrino” de Rubens Teixeira Scavone e “A Nós o Vosso Reino” de Finisia Rita Fideli. Vamos as resenhas de cada uma destas fantásticas novelas de ficção científica com um sabor bem tupiniquim.

ZANZALÁ de Afonso Schmidt, foi publicada inicialmente em 1936 no “Suplemento” do jornal “O Estado de São Paulo”. Segundo Causo, na apresentação da novela, esta foi republicada em livro em 1938 (acrescida de vários contos) e em 1949 novamente pelo Clube do Livro. Causo optou aqui pela publicação da versão de 1949, optando, entretanto, pela não publicação do capítulo “O Homem Silencioso”, o primeiro da edição de 1949.

Causo afirma que o conto “O Homem Silencioso”, publicado originalmente em 1928, “não se integra bem a ela”, mas também afirma que foi esse mesmo texto “que inspirou o autor a escrever ‘Zanzalá’”. Inclusive, a edição de 1949, cujo primeiro capítulo é “O Homem Silencioso”, se inicia

com o seguinte comentário: “Este capítulo, se o leitor estiver com preguiça, pode ser pulado”.

Apesar dessa ressalva do autor, esse é um capítulo muito interessante, pois apresenta a criação de soldados perfeitos (robôs) “que não deixa viúva nem filhos” e a “guerra prática, econômica, a um preço conveniente”. São temas bem atuais, nesta época de drones, por isso lamento a decisão de Roberto Causo pela não republicação desse capítulo/conto. Como “Zanzalá” foi objeto de reflexão em minha tese de doutorado, reproduzo aqui minhas reflexões feitas então:

“Zanzalá é uma cidade localizada onde hoje é Cubatão, litoral sul de São Paulo, uma cidade utópica, pacífica, bem ordenada... A história se passa em 2029 e é o relato do encontro amoroso de dois bailarinos, Tuca e Zéfiro, sendo que a primeira descobre ter uma doença que a matará em alguns meses. Segue-se então a busca pela cura, que levará os dois a diversos cultos místicos diferentes no capítulo — O Maravilhoso. A história dos dois é permeada por outras, como a de Flanela, um compositor meio louco; o rapto de um cavalo; e a guerra dos bárbaros europeus contra Zanzalá. A sociedade relatada mantém uma convivência pacífica, integrada à natureza e com respeito à diversidade religiosa. Nesse futuro, as pessoas se dedicam à pesquisa científica e a atividades artísticas e desportivas.”

O texto mantém no geral o espírito anarquista do autor. Como salienta Roberto Causo em sua apresentação, “a visão de Schmidt do futuro da Humanidade antecipa

uma evolução do ser humano rumo à simplicidade, à solidariedade e uma espiritualidade que admite a morte de maneira despojada”. O resgate literário de “Zanzalá” para essa coletânea vem em boa hora, quando colocamos novamente na ordem do dia pensar não apenas o futuro do Brasil, mas de toda a Humanidade. A utopia de Schimidt nos oferece reflexões valiosas!

A ESCURIDÃO, de André Carneiro, foi publicada primeiramente na coletânea **Diário da Nave Perdida (1963)**, e, conforme consta na apresentação da novela pelo antologista, é possivelmente a novela brasileira de ficção científica mais editada no exterior.

Na história acompanhamos Wladas, um cidadão comum, que poderia ser qualquer um de nós, diante do desafio de enfrentar um fenômeno de nível mundial, talvez cósmico, que ele nem sequer é capaz de entender, mesmo tendo certa cultura científica. A Escuridão que atinge o mundo não afeta apenas a propagação da luz, mas também o calor, tornando, por exemplo, a chama das velas incapazes de queimar ou cozer alimentos. É um mundo em que os cegos se tornam indispensáveis para a sobrevivência dos seres humanos. Essa é sem dúvida uma história impactante, a melhor dentre as quatro selecionadas pelo antologista, o leitor não tem como ficar indiferente à fragilidade da condição humana diante do desconhecido, que tem a potencialidade de despertar o pior e o melhor em cada indivíduo.

O 31º PEREGRINO é uma novela de **Rubens Teixeira Scavone**, autor do clássico romance de ficção científica “O Homem que Viu o Disco Voador” e da FC infantojuvenil “Projeto Dragão”.

A ficção científica é um gênero tão amplo que, por vezes, críticos, editores e até autores criam alguns subgêneros para classificar a produção literária em segmentos mais ou menos contidos: space opera, steampunk, viagem no tempo, são algumas das subdivisões possíveis. No caso de “O 31º Peregrino”, pode-se classificar essa novela como “ficção ufológica”, por tratar do contato entre humanos e um objeto voador não identificado, um OVNI ou UFO. Contudo, é também uma novela de ficção alternativa literária, já que, segundo Causo, “Scavone se apropria da voz de Geoffrey Chaucer, poeta inglês do século XIV, cujos Contos da Cantuária (The Canterbury Tales) estão entre as obras poéticas mais significativas da história literária inglesa” (p. 134).

Construída como se fosse um manuscrito do próprio Chaucer “O 31º Peregrino” tem sua verossimilhança assentada principalmente no excelente trabalho estilístico desenvolvido por Scavone, que transmite ao leitor a sensação de ler um manuscrito do século XIV traduzido para o português moderno. Na novela, os peregrinos que seguem para Canterbury são surpreendidos com o aparecimento de uma mulher grávida, ao que tudo indica possuída por um ser não humano: um demônio? Os peregrinos tecem diferentes conjunturas sobre a mulher e seu destino, mas são surpreendidos por fatos

Roberto de Sousa Causo, escritor e pesquisador, organizador da trilogia da editora Devir



que não têm como compreender a partir dos conhecimentos de sua época.

Apesar de poder gerar estranhamento inicial ao leitor menos acostumado à leitura de obras clássicas e a um linguajar mais arcaico, vale a pena conhecer essa obra prima da literatura brasileira. Lembrei-me do estilo do Padre Antônio Vieira em seus *Sermões* ao ler essa novela.

A NÓS O VOSSO REINO de Finisia Rita Fideli, é também uma história de ficção ufológica, publicada anteriormente em uma antologia dedicada ao tema, “Estranhos Contatos: Um Panorama da Ufologia em

15 Narrativas Extraordinárias”, organizada também por Roberto de Sousa Causo.

A novela foi escrita antes do ano 2000 e funciona melhor se o leitor ler a história como se vivêssemos antes no clima de “fim do mundo” que antecede cada novo milênio. Na novela acompanhamos a formação de um culto milenarista de base ufológica que prega o advento de uma nova era após um iminente cataclismo global (nada muito estranho a diversos cultos reais que, vira e mexe, surgem por aí e que às vezes levam seus seguidores a destinos trágicos). Na história acompanhamos uma jovem de classe média sendo atraída e posteriormente tendo

que escapar de um desses cultos. Poderia ser apenas um conto de mistério, ou mesmo policial, e caberá ao leitor descobrir por que este conto se encontra em uma antologia de ficção científica.

No geral, Roberto Causo apresenta uma boa seleção de novelas, reservando ao leitor a emoção da descoberta do potencial da ficção científica brasileira em contar histórias de uma perspectiva ao mesmo tempo universal e tupiniquim.

Ao contrário do que muitos imaginam, o Brasil mantém uma longa tradição de publicação de contos, novelas e romances de ficção científica — ainda que muito aquém do que foi e é produzido nos Estados Unidos e alguns países europeus (notadamente Inglaterra e Alemanha). Parte dessa produção, acaba sendo esquecida por falta de republicação, em um mercado que já é pequeno para novas investidas no gênero, imagine falando de republicações. Por isso a coleção “O melhor da ficção científica brasileira” veio a ocupar um espaço importante na edição de ficção científica brasileira, ao

permitir que novos leitores tenham acesso ao melhor da ficção científica brasileira já produziu.

Tudo indica que a Devir descontinuou o projeto, é importantíssimo que outra editora realize outro projeto semelhante. Inclusive, também, reeditando romances, além de contos e novelas!



FICHAS TÉCNICAS/FONTES

CAUSO, Roberto de Sousa (org.). **Os melhores contos brasileiros de ficção científica**. São Paulo: Devir, 2007.

CAUSO, Roberto de Sousa (org.). **Os Melhores Contos Brasileiros de Ficção Científica**: Fronteiras. São Paulo: Devir, 2009.

CAUSO, Roberto de Sousa (Org.). **As Melhores Novelas Brasileiras de Ficção Científica**. São Paulo: Devir, 2011.

Prof. Dr. Edgar Indalecio Smaniotto, filósofo e antropólogo, mestre e doutor em Ciências Sociais. Autor de artigos, resenhas e ensaios sobre os mais variados: ficção científica, astrobiologia, geopolítica, filosofia, astronomia, entre outros. Escreve contos, poemas e crônicas, e é prefaciador de diversas coletâneas e antologias. Publicou entre outros, os livros: *Atlântida: do mito platônico à ficção científica - uma leitura filosófica de*

um dos maiores mitos da humanidade (Coleção Filosofia da Astronáutica e Ficção Científica); *Leitura e produção de textos filosóficos* (Editora Senac); *Filosofia pop* (Editora Senac) e *Temas e problemas em filosofia* (Editora Senac) que podem ser adquiridos na AMAZON (<https://l1nk.dev/6tXUq>). No Youtube mantém o canal Filósofo Edgar Smaniotto (<https://www.youtube.com/@filosofoedgarsmaniotto>), escreve textos no Substack (<https://filosofo.substack.com/>).

Solaris: O livro e os filmes

POR EDUARDO TORRES

O homem partiu à descoberta de outros mundos, de outras civilizações, sem ter inteiramente explorado seus próprios abismos, seu labirinto de corredores escuros e câmaras secretas.

> Solaris, o livro

O Homem foi criado pela Natureza para explorá-la. Quando alcança a Verdade, está fadado ao Conhecimento. Todo o resto é besteira.

> Solaris, o filme

— Quem sou eu então? — Uma marionete.
— E você não é? Ou talvez você seja minha marionete. Mas como todas as marionetes, você pensa que é realmente humano. Esse é o sonho de todas as marionetes.

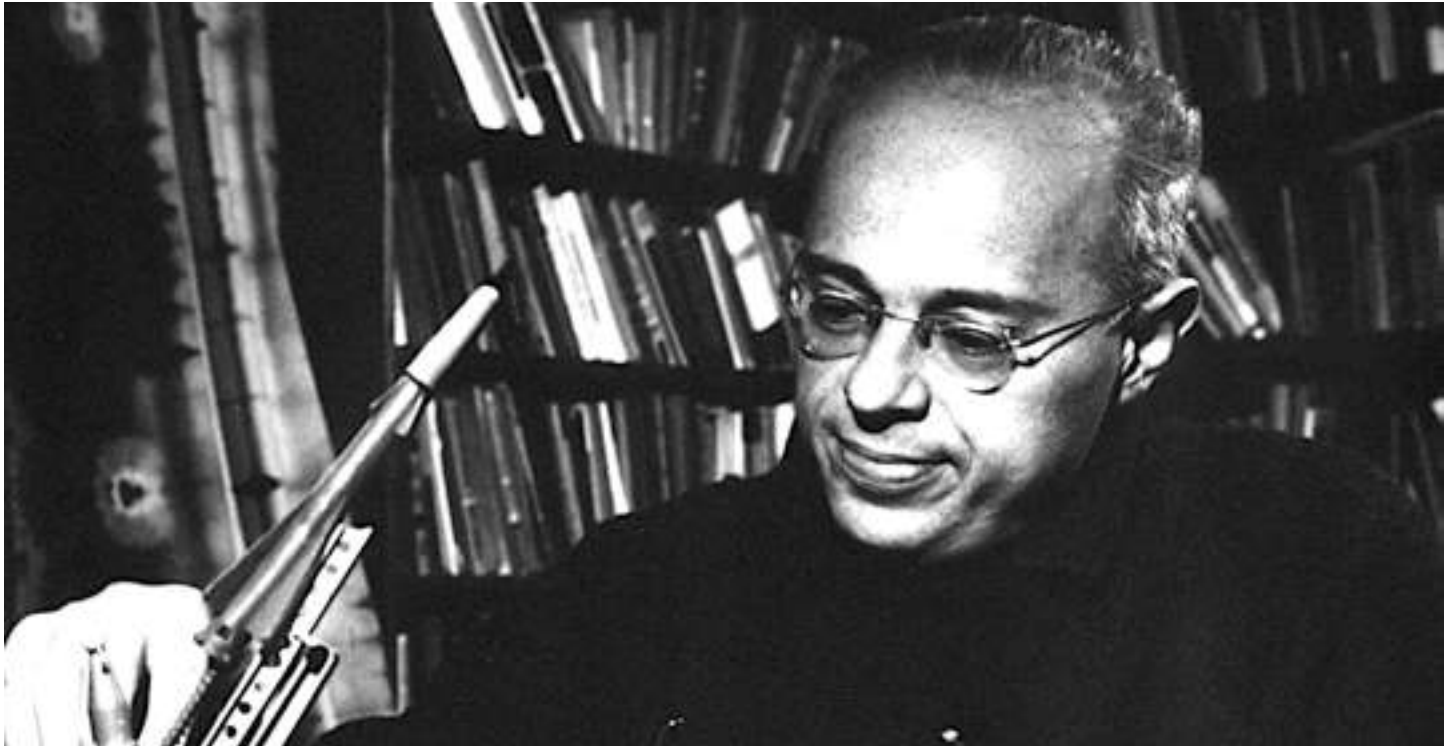
> Solaris, a refilmagem



Versões literárias e cinematográficas de uma mesma obra de ficção científica em geral são conflitantes, com infindáveis debates sobre a possível perda da essência do livro em sua transposição para a tela e a eventual necessidade de se mudar a história devido às grandes diferenças entre os dois meios.

Em poucas ocasiões a divulgação de um trabalho de ficção científica nesses dois formatos adquire características de sinergia, onde o somatório das duas formas excede a soma de cada uma delas isoladamente.

Resgatando três raros exemplos em que isso ocorreu, 2001, Uma Odisséia no Espaço de 1968 seria o mais famoso e, nesse caso, o romance de Arthur C. Clarke, publicado pouco antes do lançamento do filme, sequer existiria se não fosse o roteiro escrito



a quatro mãos por Clarke e Stanley Kubrick, no qual se baseou (e com participação significativa das idéias desse último, como honestamente reconheceu Sir Arthur em *Mundos Perdidos* de 2001). O segundo seria *Blade Runner* de 1982, o hoje cult-movie de Ridley Scott, baseado no romance *Andróides Sonham Com Ovelhas Elétricas?* de 1968, que fez uma vasta legião de leitores (re)descobrirem Philip K. Dick, talvez o mais filmado autor de FC de todos os tempos. Além disso, para muitos críticos e leitores/espectadores (entre os quais me incluo), esse seria um dos poucos filmes de FC que superaram os livros em que se basearam.

O terceiro seria *Solaris*.

Stanislaw Lem tinha 40 anos quando escreveu e publicou *Solaris* em 1961 na sua Polônia natal. Na época já era um escritor

conhecido em seu país, embora tivesse se formado em medicina e trabalhado numa instituição estatal de pesquisa, escrevendo seus primeiros livros nas horas vagas. Sua visão pessimista da humanidade frequentemente lhe trouxe problemas com o governo socialista, mas conseguiu se firmar como um dos mais famosos escritores de ficção científica do então Segundo Mundo, pois teve suas obras logo traduzidas para o russo e diversas línguas dos países sob a órbita política da antiga União Soviética.

Mas permanecia pouco conhecido no Ocidente, até que chegaram as notícias no início dos anos 70 de que o já prestigiado cineasta russo Andrei Tarkovsky estava dirigindo um filme de ficção científica que seria a 'resposta soviética a 2001', baseado num livro de um certo escritor polonês.

Cena do filme *Solaris* (1972), de Andrei Tarkovski



Só a partir de então é que, pela primeira vez, Lem foi traduzido para o inglês, com uma pioneira edição britânica de *Solaris* em 1970. Embora houvesse uma edição francesa anterior (na qual se baseou o texto em inglês), só a partir dessa publicação *Solaris* e Lem passaram a ter repercussão entre leitores e editores anglofônicos de FC, que dominavam (como ainda dominam) o mercado mundial do gênero.

E como o Brasil na época estava bem mais antenado do que hoje com a ficção científica internacional, logo no ano seguinte, em 1971, era publicada em nosso país a primeira tradução do mundo de *Solaris* em português, pela Editora Sabiá, em texto vertido pelo famoso (segundo alguns, pela qualidade dos textos, infame) José Sanz.

Em 1974, quando do lançamento do filme *Solaris* de Tarkovsky no Brasil, os

exemplares encalhados da edição de 1971 voltaram em massa às livrarias e rapidamente se esgotaram. Eu, na época adolescente e ávido leitor de FC, tive o privilégio de ser um desses felizes compradores e até hoje guardo carinhosamente meu exemplar, já com as bordas das páginas amareladas (uma segunda publicação brasileira só surgiria treze anos depois, em 1984, pela Editora Francisco Alves, em sequência à primeira edição lusa de 1983 pela Editora Europa-América).

Essa foi uma das grandes sinergias que o filme *Solaris* de 1972 ocasionou em sua associação com o livro homônimo escrito nove anos antes. Lem criou uma história instigante para o filme e o filme tornou Lem e sua obra conhecidos em todo o mundo. A outra foi que as duas obras se complementaram muito bem, a ponto de, na memória

Cena do filme *Solaris* (1972), de Andrei Tarkovski



intelectual de muitos leitores/espectadores (entre os quais me incluo mais uma vez), *Solaris* ser como um continuum entre as duas mídias.

Trinta anos depois, em 2002, uma refilmagem do agora clássico (segundo alguns, cult) filme de Tarkovsky, produzida por James (Titanic) Cameron e dirigida por Steven (Erin Brockovich) Soderberg reacendeu o interesse por essa vigorosa obra de FC.

Os dois filmes *Solaris* são bem diferentes entre si, mas, cada um a seu modo, são fiéis à letra e ao espírito do romance, embora sem subserviência estéril ao texto, e sim recriando-o num outro meio de comunicação que tem linguagem própria, e até ousando criativamente nas cores vindas da paleta de Lem.

Solaris, o livro, tem como cenário uma estação espacial em órbita de um planeta distante. O planeta *Solaris* é um grande

oceano, que é estudado há quase cem anos, e que se comporta como se fosse um único gigantesco ser. Inteligente? Consciente? Apenas uma grande complexidade orgânica? A Solarística (especialidade científica criada em torno da busca para compreender *Solaris*) ainda não sabe. Pior: Todo o conhecimento acumulado em décadas não parece ter permitido qualquer avanço em decifrar o enigma de *Solaris* desde o dia de sua primeira descoberta. O místico ‘Contato’, o coroamento final da Solarística, é um sonho cada vez mais distante. A Estação *Solaris* agora só é ocupada por três cientistas, mas a comunidade solarista hesita em fechá-la definitivamente. Seria o reconhecimento do seu fracasso. Um psicólogo é enviado da Terra para uma inspeção.

Esse é o cenário onde se desenrola o drama criado por Lem. Kris Kelvin, o

psicólogo, logo percebe o motivo do comportamento estranho dos cientistas, um dos quais, seu amigo Gibarian, se suicidou poucos dias antes de sua chegada: ‘Visitantes’ aparecem para cada um deles, inclusive Kris. São exatamente como as imagens dessas pessoas estão nas mentes dos cientistas. E essas ‘visitas’ desencadeiam um turbilhão de emoções e angústias.

Uma das coisas mais impressionantes no livro *Solaris* é como Lem cria uma sensação de maravilhamento ao tecer de modo arrepiantemente verossímil a Solarística, a ‘geografia’ de *Solaris*, e a estrutura física dos ‘visitantes’. As prolixas referências às obras científicas da Solarística (que ressoam as resenhas de livros imaginários feitas por Jorge Luis Borges), tão criticadas por alguns leitores menos habituados à FC de maior densidade, são justamente o rito de passagem ao universo criado por Lem. As ‘digressões’ de Lem têm ainda a função de ditar o ritmo da leitura, fazendo-nos equilibrar pausas meditativas com momentos de ação e tensão. A descoberta de que Harey, a cópia da ex-mulher de Kris, era na verdade formada por neutrinos organizados de modo a imitarem exatamente a estrutura molecular de um ser humano é assustadora, pois implicava que *Solaris* podia duplicar corpo e mente humanos de modo que nós próprios somos incapazes. Ainda hoje me arrepio quando leio esse trecho.

No entanto, o próprio Lem, na voz de Snaut, mostra como nem isso seria um verdadeiro ‘Contato’, ao lembrar que, mesmo se pudéssemos recriar tecnologicamente de modo

perfeito as complexas formas sintetizadas pelo oceano, isso não implicaria que compreendêssemos sua verdadeira natureza.

A leitura da edição brasileira de *Solaris* tem alguns solavancos devido à tradução algo confusa de Sanz. Algumas passagens parecem nitidamente truncadas e até meio incompreensíveis, mas com boa vontade e uma versão em inglês ao lado, podemos minimizar os problemas.

Solaris, em suma, provoca o leitor a refletir sobre o fato de que no fundo não procuramos novos mundos, mas sim espelhos do nosso. Convida-nos a pensar que a verdadeira busca do conhecimento é tentar conhecer verdadeiramente a nós próprios. A idéia central de *Solaris* é que dentro de cada homem há um oceano de complexidades muito maior que o próprio *Solaris*, e que mais desconhecido que o ser-oceano é o próprio Homem.

O filme *Solaris* de Tarkovsky recria de modo inspirado a história de Lem. Diferente do livro, dedica uma longa introdução para situar melhor no espectador a missão de Kelvin, de modo a obter uma sensação de suspense desde antes de sua chegada à estação. O ritmo da ‘leitura’ no filme é obtido não pelas detalhadas descrições sobre *Solaris*, inviáveis nesse meio, mas pelas longas tomadas, pela montagem e, principalmente, pela música de Bach (nesse ponto numa inspiração artística semelhante à de Kubrick em 2001). Logo no início há uma polêmica longa seqüência de um carro percorrendo autopistas ao entardecer até que a noite sobrevém, mas essas cenas parecem

ter a mesma função das descrições detalhadas de Lem no livro: Dirigir nosso ritmo de ‘apreciação’ como um competente maestro. E, ao apreciar a cena final dessa sequência, vista do alto à noite, de um emaranhado de pistas se entrecruzando e com milhares de carros correndo por elas como glóbulos vermelhos em artérias, temos a sensação de que todo o conjunto tem vida própria, como correntes de um grande oceano, fazendo-nos pensar em perturbadoras analogias com o oceano vivo com o qual em breve nos depararíamos.

Tarkovsky concluiu a direção de *Solaris* exatamente com a mesma idade em que Lem terminou o livro. Na época o diretor já tinha prestígio fora da União Soviética, desde que ganhou o Leão de Ouro do Festival de Cinema de Veneza em 1962 com *A Infância de Ivan*.

Em *Solaris*, o roteiro de Tarkovsky e Fridick Gorenshtein cria uma interessante ligação entre a sequência inicial do filme, com Kris à margem do lago da casa do seu velho pai, às cenas finais do protagonista na mesma casa e mesmo lago, dessa vez recriados na superfície de *Solaris*, como uma nova etapa de uma experiência cósmica que ecoa o monolito de 2001. Nesse ponto creio que foi um final mais rico que o próprio livro em termos de caminhos abertos à reflexão do leitor/espectador.

Muitos diálogos do filme reproduzem os do livro, mas em diferentes personagens, o que também é instigante.

Em termos de efeitos especiais, no entanto, o filme foi bem mais fraco que 2001, que se

propunha a ‘responder’. Tem uma cena de falta de gravidade na estação muito bonita, e que serviu como contraponto entre duas fases importantes no relacionamento dos cientistas com os ‘visitantes’, mas que tinha erros primários, como velas com chamas verticais e os cabelos de Harey caindo para baixo sob a ação de seu peso.

Tarkovsky morreu de câncer em Paris em 1986. Embora *Solaris* tenha sido sua obra mais famosa, o cineasta sempre dizia que não era sua favorita.

Tanto *Solaris*, o livro, como *Solaris*, o filme de Tarkovsky, nos fazem pensar nos abismos que temos dentro de nós mesmos, ainda mais perturbadores que as profundezas de *Solaris*, e os dois têm momentos sublimes de fascínio, embora não focados nas mesmas seqüências, o que, como disse, enriqueceu as duas obras.

Já *Solaris* de Soderbergh situa a narrativa numa estação de propriedade de uma empresa privada (numa polêmica ‘atualização globalizada’ da exploração espacial), sem envolver o espectador na longa história científica da *Solarística*. E muda o frio e cínico Sartorius para uma física negra mais sanguínea chamada Gordon, mas que mantém em linhas gerais a personalidade original do protagonista. Snaut agora é Snow e a Harey do livro em polonês (que virou Hari em russo no primeiro filme) agora é Rheyra.

O roteiro de Soderbergh privilegia a história de Kris (agora Chris), Rheyra e Gibarian antes de sua viagem à estação, numa recriação ousada do texto original de Lem, mas que funciona muito bem. Nessas seqüências

Cena do filme *Solaris* (2002), Steven Soderbergh



em flash back, o diretor optou por uma brilhante iluminação amarela que contrastava com os tons azuis metálicos e escuros das cenas na Estação Solaris. A música do filme (especialmente composta, diferente da opção de Tarkowsky) impressiona e serve também como agente dramático do filme. Nessa versão, a angústia e desconcerto com os ‘visitantes’ são centrados, muito mais que nas outras duas versões, nas relações emocionais e amorosas entre Chris e Rheya. Mas creio que essas opções do roteiro não fizeram injustiça à essência da história e às idéias originais de Lem, apenas as mostraram por novo ângulo, igualmente rico.

É interessante observar que, apesar dos comentários cáusticos da crítica na época da produção de que seria uma obra muito mais comercial que artística, a refilmagem de Soderbergh foi muito mais baseada no

livro de Lem que no filme de Tarkovsky, com até mais diálogos do romance original reproduzidos ‘verbatim’ que na primeira versão cinematográfica (e, como nela, também com interessantes inversões das falas entre os personagens).

Em termos de ritmo, o filme de Soderbergh é bem diferente do livro e do primeiro filme, com as seqüências de ação e diálogos se sucedendo praticamente sem nenhuma pausa meditativa, exceto os curtos, mas belos planos gerais de *Solaris* criados por computação gráfica, que servem como marcadores da entrada de cada nova fase da história.

O aspecto ‘hard’ dos dois filmes é, propositalmente, menos cuidado que no livro, mas na versão de Soderbergh é relegado a plano mais que secundário, exceto nas cápsulas de ejeção dos ‘visitantes’, que no filme de 2002

Cena do filme *Solaris* (2002), Steven Soderbergh

parecem mais verossímeis que no livro e na película de 1972, onde temos foguetes com chamas lançados do interior da estação. (Aliás, essas cenas de ‘divórcio’ estão presentes nas três obras, e são tão perturbadoras para Kris/Chris quanto para o leitor/espectador). Em termos de explicação sobre a constituição física dos ‘visitantes’ e do seu aniquilamento, foi o mais fraco dos três.

No entanto, a rica ousadia da versão de 2002 prossegue quando o espectador descobre que o Snow que conhecemos não é o ‘original’, mas também uma criação de *Solaris*. Esse ‘passo além’ não foi pensado (ou pelo menos mostrado) por Lem, mas parece uma consequência natural, abrindo novos e angustiantes questionamentos sobre a natureza humana, dentro do espírito da história original, e até ampliando seu alcance.

O final do filme de Soderbergh também inova criativamente em relação a Lem e a Tarkovsky. Nessa versão Chris reencontra Rheya de modo mais definitivo (de novo, sugestivamente, num ambiente amarelo brilhante), ao permanecer na estação em sua queda em direção a *Solaris*, atraída inexoravelmente pelo oceano. Fica uma possível leitura de continuidade da ‘experiência’ em um nível mais profundo, como no primeiro filme, ou um presente de *Solaris*, como insinuado no romance sobre o verdadeiro objetivo dos ‘visitantes’. Soderbergh mostra ainda uma tocante cena do ‘visitante’ menino, filho de Gibarian, estendendo o braço para um Chris jogado ao chão, confuso com o colapso da estação, criando uma bela alegoria do ‘Contato’ longamente sonhado pelos solaristas de Lem.

E, como uma possível interpretação ainda

mais rica, creio que Soderbergh deixa em aberto para o espectador a possibilidade de Chris ter efetivamente embarcado na 'Athena' e deixado com Gordon a estação a caminho da Terra (pois as etapas de lançamento confirmadas por Gordon com Chris a bordo pareciam ser irreversíveis e impeditivas de um abandono repentino da nave).

Nesse caso, o Chris que vimos deixar a ala de embarque não seria o original, mas uma cópia criada por Solaris (interpretação reforçada pela sequência de volta à Terra de Chris mostrada logo após as confirmações das etapas de lançamento anunciadas por Gordon).

Assim, a cena final de Chris e Rheya seria inteiramente uma recriação de Solaris, aprofundando o 'Contato' com a observação do relacionamento íntimo de seres criados exclusivamente de memórias humanas, mas que seriam tão humanos quanto os originais. Talvez até mais, pois, nas palavras de Snaut no romance, apenas 2% de nossa atividade mental é consciente. Se Solaris pode ler 100% de nossa atividade mental, ele nos conhece melhor que

nós mesmos.

Creio que, se esteticamente o Solaris de Tarkovsky pode ser considerado superior ao de Soderbergh, este último foi no mínimo do mesmo nível em termos de ficção científica, ousadia criativa e respeito ao cerne do romance.

Os leitores de Solaris podem se beneficiar dos dois para ampliar o alcance e a reflexão propostos no livro, e ainda manter o exclusivo prazer de imaginar livremente em suas mentes o poético trecho, não reproduzido em qualquer dos filmes, em que Lem descreve o primeiro contato direto de Kris com o oceano vivo, quando, ao estender seu braço, uma das ondas de Solaris hesita, recua, e depois envolve sua mão enluvada, sem no entanto tocá-la.

Solaris, o livro e os filmes, representam um tour de force imaginativo com o que há de melhor na ficção científica: Têm a capacidade de nos fazer pensar com novos paradigmas num mundo possível, mas inteiramente diferente do nosso. E, dessa posição vantajosa, nos permitir olhar mais penetrantemente para nós mesmos. | ■

Eduardo Torres é Engenheiro Químico com especialização em Tratamento de Efluentes Industriais e desde criança é fã de Ficção Científica, atração iniciada aos 9 anos, quando assistia Jornada nas Estrelas - então inédita - com seu pai em 1968, na antiga TV Excelsior do Rio. Ao longo dos anos devorou tantos livros e filmes de FC quanto pôde e diz

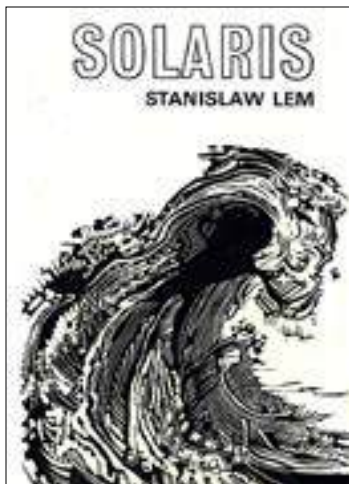
que quer mais. Presidiu o CLFC de 2009 a 2011 e, nos últimos anos, tem sido membro da Comissão do Prêmio Argos, o que ele considera uma grande honra. Eduardo Torres gosta de escrever resenhas e críticas de obras de FC e artigos de divulgação científica. Seu tema favorito é Viagem no Tempo.

FICHAS TÉCNICAS:

Primeira edição em português do livro: Solaris, Stanislaw Lem, tradução (do inglês) de José Sanz, Coleção Asteróide, Editora Sabiá, Rio de Janeiro, GB, dezembro de 1971



Primeira edição em inglês do livro: Solaris, Stanislaw Lem, tradução (do francês) de Joanna Kilmartin e Steve Cox, Editora Faber, Londres, junho de 1970



Primeira edição em polonês do livro: Solaris, Stanislaw Lem, Editora Wydawnictwo Mon, Varsóvia, 1961



O filme:

Solaris (1972)

Direção: Andrei Tarkovsky

Produção: Viacheslav Tarasov

Roteiro: Fridick Gorenshtein e Andrei Tarkovsky

Elenco: Donatas

Banionis (Kelvin);

Natalya Bondarchuk (Hari); Jüri Järvet

(Snaut); Vladislav Dvorzhetsky (Berton);

Sos Sargsian (Gibarian); Nikolai Grinko

(pai de Kelvin)



A refilmagem:

Solaris (2002)

Direção: Steven Soderbergh

Produção: James Cameron, Jon

Landau, Rae

Sanchini, Charles

Bender, Gregory

Jacobs e Michael

Polaire.

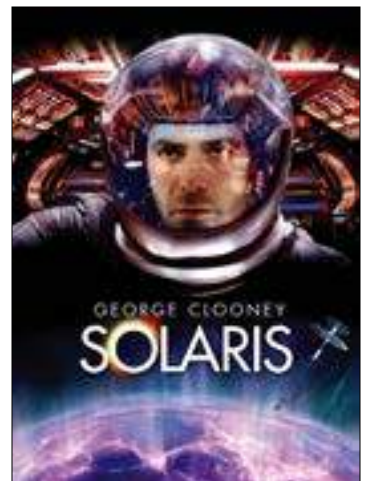
Roteiro: Steven Soderbergh. Elenco:

George Clooney (Kelvin); Natascha

McElhone (Rheya); Viola Davis (Gordon)

Jeremy Davies (Snow); Ulrich Tukur

(Gibarian)



Finalistas do Prêmio Argos 2026

Foi concluída a apuração dos votos do primeiro turno do Prêmio Argos 2026 do CLFC.

O Prêmio Argos se destina a homenagear a produção de literatura fantástica original em português, do ano anterior ao prêmio.

Em um primeiro turno, os candidatos são escolhidos pelos sócios do Clube de Leitores de Ficção-Científica, e os mais votados tornam-se os finalistas para um segundo turno aberto a todos os interessados.

OS FINALISTAS ELEITOS PELOS SÓCIOS FORAM, EM ORDEM ALFABÉTICA:

MELHOR ROMANCE:

- Curvas e Abismos de Ricardo Labuto Gondim - Editora AVEC
- O Despertar de Sophia de Tibor Moricz - autopublicação
- Os Acordados de Ursulla Mackenzie - Editora Rua do Sabão
- Nenhum Funeral para os Mortos de Roberto Fideli - Editora Dame Blanche
- Soberania da Diversidade de Gerson Lodi-Ribeiro - autopublicação

MELHOR ANTOLOGIA OU COLETÂNEA:

- Alguem em Guernica Olha Para Mim de Octavio Aragão - Coletânea - Editora AVEC
- Fronteiras Siderais: Contos de Space Opera de Paolo Fabrizio Pugno e Mario Cavalcanti (orgs.) - Antologia - Editora Mundo
- Liga de Cromo de Bertoldo Schneider Jr. e Simone S. Miranda (orgs.) - Antologia - autopublicação
- Sussurros Cósmicos: Contos de Horror Cósmico de Paolo Fabrizio Pugno e Mario Cavalcanti (orgs.) - Antologia - Editora Mundo
- Treze Noites com a Perna Cabeluda de Roberto Beltrão / Projeto O Recife Assombrado (org.) - Antologia - autopublicação
- U.G.A. - União Galáctica Ancestral de Ursulla MacKenzie e Lu Evans (orgs.) - Antologia - autopublicação

(Observação: excepcionalmente seis finalistas devido a empate)

PRÊMIO ARGOS 2026



A CÉDULA DO SEGUNDO TURNO SEGUE ABAIXO:

<https://forms.gle/nEbYZ-d4ox9sGqHN79>

O link da cédula é de livre repasse.

Se não tiver nenhuma escolha em nenhum caso, apenas feche a janela.

O voto não é editável posteriormente ao envio.

Apenas UM voto por pessoa.

MELHOR CONTO:

- A Furiosa do Passo de Juliane Vicente - Antologia Treze Noites com a Perna Cabeluda - autopublicação
- A Torre de Cápsulas Mirai de Maira M. Moura - Antologia Voltas ao Redor do Sol - autopublicação
- Alguem em Guernica Olha Para Mim de Octavio Aragão - Coletânea Alguem em Guernica Olha Para Mim - Editora AVEC
- Catedral de Espelhos, de Roberto de Sousa Causo - Revista Histórias Extraordinárias nº 10 - Dicotomia Editorial
- Terroristas, ou De Kuiper para a Terra, com Amor de Roberto de Sousa Causo - Antologia Fronteiras Siderais: Contos de Space Opera - Editora Mundo

É necessário uma conta Google para votar.

Os vencedores serão anunciados na Cerimônia de Premiação do Argos, a se realizar dia 06 de dezembro, domingo, às 16h, no Acaso Cultural, na Rua Vicente de Sousa, 16 - Botafogo, Rio de Janeiro, RJ.

Bons votos a todos.

Rio, 07 de outubro de 2026

Comissão do Prêmio Argos 2026 do CLFC
Sid Castro
Luiz Felipe Vasques
Eduardo Torres

Comemore mais um ano do CLFC conosco!

O livro “Voltas ao redor do Sol-2026” é uma celebração dos 41 anos do CLFC – Clube de Leitores de Ficção Científica (criado em

1985). Quer participar? Envie seu conto de ficção científica e participe da seleção. Confira as edições anteriores:



Edição 2023:

<https://a.co/d/dkAaeFe>



Edição 2024:

<https://a.co/d/cPrz2sX>



Edição 2025:

<https://a.co/d/5gRAGL3>

VOLTAS AO REDOR DO SOL 2026 - REGULAMENTO

1 – Participantes

1.1 – O concurso destina-se a escritores de língua portuguesa, sendo livre para escritores iniciantes ou para autores já consagrados. Os escritores podem ser residentes de qualquer país, desde que maiores de 18 anos;

1.2 – A inscrição é GRATUITA e NENHUM VALOR SERÁ COBRADO dos candidatos para a participação no concurso, com revisão, preparação de texto ou posteriormente, para publicação da antologia;

1.3 – O que desejamos: essencialmente, histórias

de ficção científica, como utopias, distopias, ucronia (história alternativa), cyberpunk, steampunk, diselpunk, solarpunk, new weird, afrofuturismo, amazofuturismo, viagens no tempo, viagens espaciais, universos paralelos, alienígenas...

• O que não desejamos: conteúdo pornográfico ou com violência extrema, linguagem vulgar, textos criados por IA (Não utilize ferramentas de Inteligência Artificial, como o ChatGPT, para criar seu conto, mesmo que parcialmente. Nossas antologias têm por objetivo valorizar o autor nacional, e não inteligências virtuais);

1.4 – O CLFC se reserva o direito de indicar alterações/revisões visando a melhora dos textos selecionados sempre que achar necessário. Os textos selecionados só serão publicados caso o(a) autor(a) altere seu texto conforme orientação do editor.

1.5 – O livro “Voltas ao Redor do Sol” tem como objetivo primeiro promover e valorizar a ficção científica nacional e seus criadores. O segundo objetivo é garantir a manutenção do CLFC (assim, a antologia será publicada na Amazon e os valores arrecadados ajudarão a manter as atividades do Clube, como a manutenção do site, da revista Somnium e do prêmio Argos). Dessa forma, os autores participantes do livro cederão os royalties de seus contos em benefício do CLFC.

2 – Orientações

2.1 – Antes de enviar seu texto, leia-o com atenção e revise toda a ortografia (apesar de termos revisores, um texto sem erros de português sempre tem mais chances de publicação);

2.2 – Os contos não precisam ser inéditos, podendo estar online em qualquer plataforma, ou já terem sido publicados anteriormente em outras coletâneas, sempre respeitando os direitos autorais adquiridos por outras editoras previamente, ou seja, o direito autoral do texto, para a participação no concurso, precisa estar 100% com o autor;

2.3 – Os textos deverão ser encaminhados para o e-mail indicado (envio-somnium@clfc.com.br) com o assunto “Voltas ao redor do Sol”, respeitando o seguinte formato:

- Arquivo Word (.DOC ou .DOCX - NÃO ACEITAREMOS PDF) no tamanho A4; espaçamento 1,5 entre linhas; fonte Times New Roman (12);

O conto pode ter o máximo de 7.000 palavras;

2.4 – Cada autor(a) poderá participar do concurso com apenas 1 conto;

2.5 – O conteúdo precisa ser 100% criado pelo autor e qualquer indício de plágio acarretará desclassificação;

2.6 – Não serão aceitos contos que contenham conteúdo pejorativo, discriminatório ou que incitem ódio e preconceito;

2.7 – Não serão aceitos contos em coautoria, salvo por convite do Editor.

2.8 – Evite notas de rodapé desnecessárias e não coloque qualquer dedicatória em seu texto.

2.9 - O prazo para envio dos contos é até o dia 15 de novembro de 2026.

3 – Publicação

3.1 – A antologia terá uma média de 10 (dez) contos participantes. Dentre os quais, aqueles escritos pelos autores selecionados através deste concurso, podendo haver também a participação de autores convidados pelo Editor;

3.3 – A antologia será publicada em formato digital pela plataforma Amazon;

3.4 – A participação do autor no livro implica a concordância com todos os termos aqui estabelecidos.

4 – Direitos autorais

4.1 – Não há exigência de exclusividade para a antologia, ou seja, os autores poderão publicar seus contos em outros lugares ou coletâneas;

4.2 – Todo autor(a) receberá um exemplar do livro em formato digital. ■

Rubens Angelo (Organizador da antologia e também Editor da Somnium)

Quer publicar seu conto na Somnium?

Muita gente me pergunta o que é preciso para ser selecionado, mas a verdade é que não há fórmula nem regra rígida. Se você gosta de literatura de ficção científica, curte histórias instigantes que te faz pensar, então já está no caminho certo. Aceitamos todo o tipo de histórias fantásticas, sejam aventuras espaciais com monstros e robôs, sejam viagens intimistas entre dimensões paralelas. Você imaginou uma história que se passa em um outro mundo, onde os homens cavalgam dragões alados e se armam com cristais que emitem poderosos raios — como magia? Nós gostamos disso também! Os limites estão na sua imaginação e queremos mesmo que exercite ela. Publicamos textos grandes, médios e pequenos — quer mandar uma ficção-relâmpago com 500 palavras? Publicamos também! Então espero que tenha ficado claro: não há regras de tamanho nem temas melhores ou piores. Queremos boas histórias!

Bem, dito tudo isso, agora vamos a algumas dicas de ouro, que certamente farão seu conto ter mais chances de ser selecionado:

- Escreva de um jeito simples e direto, de forma que o leitor entenda tudo o que você quer dizer. Excessos de termos técnicos,

frases longas ou descrições demoradas podem atrapalhar o entendimento do texto.

- Revise seu texto (ou peça para um amigo fazê-lo). Um conto bem escrito, sem erros de português, é sempre um conto melhor.

- Tenha consciência de que tudo que está no texto é necessário. Contos longos exigem mais técnica literária e suas chances de errar aumentam. Por vezes, menos é mais.

- Conte uma história, debata uma ideia, mas lembre-se que é sempre bom mostrar personagens que sintam, que desejem, que sofram, que vivam ou que morram. Bons personagens seguram o leitor e são os seus olhos e ouvidos no mundo ficcional que você criou.

- É obrigatório falar do Brasil ou ter personagens brasileiros? É claro que não. Mas tenha em mente que grandes autores falam daquilo que conhecem bem, daquilo que têm alguma intimidade.

- Como brasileiros, conhecemos bem o nosso lugar, nossa cultura, nossa frustração. Esteja preparado para críticas e sugestões. Os textos publicados passam por um processo de leitura crítica do editor junto ao autor, é assim que profissionalizamos nossa literatura. Mal posso esperar para ler e publicar suas histórias! ■

Envie seu texto (formato .doc ou docx) para o email:
envio-somnium@clfc.com.br

Rubens Angelo, Editor



Conheça nossa equipe

A revista Somnium é feita por um grupo dedicado que tem muito amor pela ficção científica e a literatura fantástica em geral. Para quem não sabe, todos os contos enviados para a Somnium são lidos, primeiro, pelo GRUPO DE LEITURA CRÍTICA. Essa equipe é quem avalia a história, levando em conta aspectos como a originalidade da narrativa, a coerência e a técnica literária do autor(a). Em suma, o grupo decide se o texto submetido será ou não publicado, apresentando, em qualquer dos casos, argumentos e sugestões para possíveis melhorias no texto.

LEITORES CRÍTICOS



Dario Andrade



Valter Cardoso



David Machado



Hugo Sales



Nana Calimeris



João Gomes



Silvio César



Guilherme Xavier



Erick Rezende